



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANIELLE ANDRADE DE SOUSA

**O FAZER CIENTÍFICO EM ARQUITETURA/URBANISMO E ARTES: UMA
ABORDAGEM DISCIPLINAR E TEXTUAL-DISCURSIVA**

JOÃO PESSOA

2020

ANIELLE ANDRADE DE SOUSA

**O FAZER CIENTÍFICO EM ARQUITETURA/URBANISMO E ARTES: UMA
ABORDAGEM DISCIPLINAR E TEXTUAL-DISCURSIVA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UEPB), em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título acadêmico de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística e Práticas Sociais.

Linha de pesquisa: Linguística Aplicada.

**Orientadora: Prof. Dra. Regina Celi
Mendes Pereira da Silva**

JOÃO PESSOA

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S725f Sousa, Anielle Andrade de.

O fazer científico em Arquitetura/Urbanismo e Artes:
uma abordagem disciplinar e textual-discursiva /
Anielle Andrade de Sousa. - João Pessoa, 2020.
179 f. : il.

Orientação: Regina Celi Mendes Pereira da Silva.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Escrita acadêmica; Cultura disciplinar; Artigo; ISD.
I. Silva, Regina Celi Mendes Pereira da. II. Título.

UFPB/BC

“Estudar as interações sociais expressas por meio da escrita acadêmica não é apenas ver como os escritores de diferentes disciplinas desenvolvem o conhecimento, mas também revelar algo dos comportamentos sociais sancionados, crenças epistêmicas e estruturas institucionais das comunidades acadêmicas”¹.

(HYLAND, 2004, p. 01-02, tradução nossa).

*“Ave palavra:
ninho! E quanta vida
sustentas”*

(EVANGELISTA, 2007, p. 104).

¹ “To study the social interactions expressed through academic writing in not only to see how writers in different disciplines go about producing knowledge, it is also to reveal something of the sanctioned social behaviours, epistemic beliefs, and institutional structures of academic communities” (HYLAND, 2004, p. 01-02).

ANIELLE ANDRADE DE SOUSA

**O FAZER CIENTÍFICO EM ARQUITETURA/URBANISMO E ARTES: UMA
ABORDAGEM DISCIPLINAR E TEXTUAL-DISCURSIVA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB), em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título acadêmico de Mestre em Linguística.

JOÃO PESSOA, 18 de Fevereiro de 2020

Banca examinadora



Profa. Dra. Regina Celi Mendes Pereira da Silva
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
Presidente



Profa. Dra. Poliana Dayse Vasconcelos Leitão
Prefeitura Municipal de João Pessoa – PMJP
Examinadora externa



Dra. Renata de Lourdes Costa de Menezes
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
Examinadora externa

Profa. Dra. Betânia Passos Medrado
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
Suplente

*Dedico este trabalho aos pesquisadores acadêmicos, os quais mantêm a ciência viva.
Dedico também à minha mãe, pesquisadora do amor e do cuidado, a qual me mantém forte.*

AGRADECIMENTOS

“O bom convívio

Fertiliza os jardins:

Flores, frutos e afins”

(EVANGELISTA, 2007, p. 83).

Nesta seção, quero externar minha gratidão a todos os seres que emanaram energia física e mental para que este trabalho fertilizasse e desse bons frutos. Inicialmente, agradeço ao Poder Superior – ao Todo, ao Uno, a Deus, a Jesus Cristo – pela oportunidade de existir neste plano; À Virgem Maria Santíssima – a Nossa Senhora da Penha, a Nossa Senhora das Graças – por todo amor, cuidado, consolo e por rogar por mim.

Em seguida, quero agradecer às muitas flores e afins que encontrei, que estiveram e que estão comigo desde o início desta jornada de bom convívio. Em especial, agradeço:

A minha mãe, Ademilda Maria, o início de tudo, da minha vida pessoal e acadêmica, pelo cuidado, auxílio e amor desmedido. Seus ensinamentos me fizeram chegar até aqui.

Ao meu pai, Francisco Amorim, pelo apoio, incentivo e amor sem limites. Grata a ele também por me mostrar que fazer o bem sempre vale a pena.

Ao meu esposo, Emerson Patrício, e à minha filha, Alice Sousa, pelo amor, compreensão, incentivo e comemoração a cada etapa alcançada. São eles dois que dão sentido aos meus dias para que sejam leves e felizes.

A minha irmã, Amurielle Andrade, por ser um exemplo de dedicação à pesquisa e por sempre me apoiar em minhas decisões. Eu não teria chegado até aqui se ela não tivesse dado os primeiros passos e me mostrado que tudo é possível.

A minha sempre professora, Regina Celi, pela orientação do trabalho, paciência, amizade e carinho. Sua história, dedicação, honestidade e forma de ser são verdadeiras inspirações para mim. Sem ela, este trabalho não teria sido possível.

À banca de avaliação, Renata de Lourdes e Poliana Dayse, pelas contribuições de valores inestimáveis neste trabalho, pela delicadeza de olhares para meu texto e carinho comigo. Todo o trabalho se tornou mais leve diante dos auxílios e das sugestões direcionadas e significativas.

Ao grupo Ateliê de Textos Acadêmicos (ATA), pelas parcerias de escrita acadêmica, leituras, textos e cafés compartilhados. O sentimento de fazer parte de um grupo unido, com o qual posso contar, fez toda diferença durante o processo – por vezes, solitário – de escrita.

Ao Grupo de Estudos em Letramentos, Interação e Trabalho (GELIT) pelos estudos, leituras, discussões e textos. Grata também pelas amizades que fiz nas reuniões. Essas são de um valor bastante significativo para mim.

Aos colaboradores da pesquisa que se dispuseram a responder ao questionário, gerando os dados de investigação. Sem isso, o trabalho não teria alcançado tantas nuances reflexivas sobre cultura disciplinar.

Ao PROLING e a todos que dele fazem parte, pela acolhida, orientação e paciência comigo.

Aos queridos, Alessandra Miranda, Bruna Costa e Rodolfo Dantas, pela flor do querer bem que é a amizade. Os encontros, as conversas, os risos e os desabafos, com certeza, deixaram mais leve todo o processo.

À CAPES pelo financiamento deste trabalho.

A todos que, diretamente ou indiretamente, contribuíram para a construção e a conclusão deste trabalho, eu registro minha enorme gratidão.

RESUMO

Escrever em contexto acadêmico demanda conhecimentos não só das características da escrita acadêmico-científica como também do domínio das particularidades que dizem respeito às culturas disciplinares intrínsecas de cada campo do conhecimento. Para Hyland (2004), a escrita acadêmica bem-sucedida está ligada à projeção individual do escritor em um contexto compartilhado, o qual se constitui como um espaço coletivo de negociações em que o conhecimento é construído, convencionalizado e dependente da aprovação de pares para que seja reconhecido. Assim, a escrita acadêmica é permeada de práticas sociais que evidenciam não apenas o saber veiculado – principal intenção do autor –, mas também formas aceitáveis de usos linguístico-discursivos inerentes à cultura disciplinar na qual está inserida. A partir disso, nosso trabalho tem por objetivo geral analisar as representações de membros das áreas de Arquitetura/Urbanismo e Artes, no que abrange os aspectos acessíveis dos pré-construídos, do contexto de produção e da infraestrutura textual (plano geral) (BRONCKART, 2012 [1999]), a partir de questionários e de artigos científicos, relacionando-os à compreensão da atividade de pesquisador nos campos científicos disciplinares e de como a cultura disciplinar se materializa nos textos. Para o estudo da materialidade textual-discursiva, tomamos como base os pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2012 [1999]) e para compreender os aspectos que decorrem das culturas disciplinares das áreas, nos apoiamos em Hyland (2004). Para tal investigação, coletamos 28 artigos de Arquitetura/Urbanismo e 24 artigos de Artes, publicados em periódicos *on-line* – indexados no banco de dados *webqualis* da CAPES e selecionamos publicações dos anos 2017 e 2018, para compor o *corpus* representativo. No entanto, enfocamos, em nossa análise, seis artigos científicos nos *qualis* A2, B1 e B3. Para cada estrato *qualis*, selecionamos 1 artigo de cada área com um tema em comum: ambiente (espaço físico) e comunidade. Além da análise de artigos científicos, para compreender melhor o contexto de produção das áreas investigadas, acrescentamos, ao nosso *corpus*, respostas de um questionário, elaborado por nós, que têm por enfoque: a escrita acadêmica, a construção do artigo científico e a pesquisa na academia. Os colaboradores são 53 professores universitários pós-graduados brasileiros, sendo 27 de Arquitetura/Urbanismo e 26 de Artes. Assim, nossa pesquisa segue a linha de investigação da Linguística Aplicada (LA) e tem caráter qualitativo e objetivos exploratórios. Além disso, partindo dos pressupostos de que as ações humanas se desenvolvem nos e pelos textos e de que nada, em um texto, é por acaso ou aleatório, justificamos nossa investigação na concepção de que entender essas formas de linguagem é importante para a compreensão da tríade pensamento, linguagem e cultura. Dentre os resultados, podemos apontar que as influências e as características do meio social estão inscritas nos textos-discursos de membros das áreas, nos mostrando que, por mais que existam marcas individuais de ação de linguagem, esta é sustentada pelas práticas linguístico-discursivas recorrentes e aceitas pelos pares, e controlada por instâncias sociais acadêmicas. Dessa forma, percebemos que os aspectos mais individuais, a exemplo dos pré-construídos, estão em íntima relação dialética com os aspectos mais sociais, modificando-os e sendo modificados por eles. Além disso, observamos que a presença e a influência da cultura disciplinar nos textos-discursos dos pesquisadores vão além de instituições, enquanto espaço físico, tendo em vista que obtivemos acesso a uma quantidade considerável de diversidades de contextos acadêmicos, por meio dos colaboradores, que deixaram evidente, levando em consideração o campo científico em comum, que as práticas disciplinares materializadas nos textos-discursos se coincidem.

Palavras-chave: Escrita acadêmica. Cultura disciplinar. Artigo científico. ISD.

RÉSUMÉ

L'écriture dans un contexte académique nécessite une connaissance non seulement des caractéristiques de l'écriture académique-scientifique, mais aussi la maîtrise des particularités qui concernent les cultures disciplinaires intrinsèques de chaque domaine de connaissance. Pour Hyland (2004), une écriture académique réussie est liée à la projection individuelle de l'écrivain dans un contexte partagé, dans laquelle elle constitue un espace collectif de négociations dans lequel les connaissances sont construites, convenues et dépendent de l'approbation des pairs pour qu'elles soient reconnues. Ainsi, l'écriture académique est imprégnée de pratiques sociales qui montrent non seulement les connaissances véhiculées - l'intention principale de l'auteur -, mais aussi des formes acceptables d'utilisations linguistiques et discursives inhérentes à la culture disciplinaire dans laquelle elles sont inscrites. À partir de là, notre travail a pour objectif général d'analyser les représentations des membres des domaines de l'Architecture/Urbanisme et des Arts, en ce qui concerne les aspects accessibles des pré-construits, du contexte de production et de l'infrastructure textuelle (plan général) (BRONCKART, 2012 [1999]), à partir de questionnaires et d'articles scientifiques, les associant à la compréhension de l'activité du chercheur dans les domaines scientifiques disciplinaires et de comment la culture disciplinaire se matérialise dans les textes. Pour l'étude de la matérialité textuelle-discursive, nous prenons comme base les hypothèses théorico-méthodologiques de l'Interactionnisme socio-discursif (BRONCKART, 2012 [1999]) et pour comprendre les aspects qui découlent des cultures disciplinaires de chaque domaine, nous nous appuyons sur Hyland (2004). Pour cette recherche, nous avons collecté 28 articles d'Architecture/Urbanisme et 24 articles d'Arts, publiés dans des revues en ligne - indexés dans la base de données de la CAPES *webqualis* et nous avons sélectionné des publications des années 2017 et 2018, pour composer le *corpus* représentatif. Cependant, dans notre analyse, nous nous sommes concentrés sur six articles scientifiques dans les *qualis* A2, B1 et B3. Pour chaque strate *qualis*, nous avons sélectionné 1 article de chaque domaine avec un thème en commun: milieu (espace physique) et communauté. En plus de l'analyse des articles scientifiques, afin de mieux comprendre le contexte de production dans les domaines étudiés, nous avons ajouté à notre *corpus*, des réponses à un questionnaire que nous avons élaboré qui porte sur: la rédaction académique, la construction de l'article scientifique et la recherche en milieu universitaire. Les collaborateurs sont 53 professeurs universitaires brésiliens titulaires d'un diplôme de troisième cycle, dont 27 d'Architecture/Urbanisme et 26 d'Arts. Ainsi, notre recherche suit la ligne de recherche de la linguistique appliquée (LA) et a un caractère qualitatif et des objectifs exploratoires. En outre, sur la base des hypothèses que les actions humaines sont développées dans et par les textes et que rien dans un texte n'est par hasard ou aléatoire, nous justifions notre recherche dans la conception que la compréhension de ces formes de langage est importante pour comprendre la triade pensée, langage et culture. Parmi les résultats, nous pouvons souligner que les influences et les caractéristiques du milieu social sont inscrites dans les textes-discours des membres de chaque domaine, nous montrant que, bien qu'il existe des marques individuelles d'action linguistique, celles-ci sont soutenues par des pratiques linguistiques-discursives récurrentes et acceptées par les pairs, et contrôlées par les instances sociales académiques. De cette façon, nous avons aperçu que les aspects les plus individuels, comme les pré-construits, sont dans une relation dialectique intime avec les aspects plus sociaux, en les modifiant et en étant modifiés par eux. De plus, nous avons observé que la présence et l'influence de la culture disciplinaire dans les textes-discours des chercheurs vont au-delà des institutions, en tant qu'espace physique, étant donné que nous avons eu accès à une quantité considérable de diversité dans les contextes académiques, par le

biais de collaborateurs, qui a mis en évidence que les pratiques disciplinaires matérialisées dans les textes-discours coïncident, compte tenu du champ scientifique commun.

Mots-clés: Écriture académique. Culture disciplinaire. Article scientifique. ISD.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Engrenagem que (des)envolve o conhecimento científico	34
Figura 2- Composição geral de um artigo científico	41
Figura 3- As camadas do folhado textual	48
Figura 4- Objetivos específicos e categorias de análise	67
Figura 5- Relação de implicação das categorias analíticas.....	119

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Principal característica das pesquisas em Arquitetura/Urbanismo	74
Gráfico 2- Principal característica das pesquisas em Artes	78
Gráfico 3- Escala valorativa do gênero “artigo científico” em Arquitetura/Urbanismo	79
Gráfico 4- Escala valorativa do gênero “artigo científico” em Artes	82
Gráfico 5- Escala com os níveis de facilidade/dificuldade em relação à elaboração de um artigo acadêmico-científico (Arquitetura/Urbanismo)	86
Gráfico 6- Escala com os níveis de facilidade/dificuldade em relação à elaboração de um artigo acadêmico-científico (Artes)	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Parâmetros do contexto físico	46
Quadro 2- Parâmetros do contexto sociossubjetivo	47
Quadro 3- Elementos que compõem os níveis de análise na perspectiva do ISD	52
Quadro 4- Quantidade de artigos que compõem o corpus panorâmico.....	62
Quadro 5- Grau de escolaridade dos colaboradores	70
Quadro 6- Excertos 1 (Arquitetura/Urbanismo).....	72
Quadro 7- Excertos 2 (Artes).....	75
Quadro 8- Excertos 3 (Arquitetura/Urbanismo).....	80
Quadro 9- Excertos 4 (Arquitetura/Urbanismo).....	81
Quadro 10- Excertos 5 (Artes).....	83
Quadro 11- Excertos 6 (Artes).....	84
Quadro 12- Excertos 7 (Artes).....	85
Quadro 13- Excertos 8 (Arquitetura/Urbanismo).....	87
Quadro 14- Excertos 9 (Arquitetura/Urbanismo).....	88
Quadro 15- Excertos 10 (Artes).....	89
Quadro 16- Excertos 11 (Artes).....	91
Quadro 17- Características gerais das revistas de Arquitetura/Urbanismo	93
Quadro 18- Características gerais das revistas de Artes.....	95
Quadro 19- Diretrizes gerais das revistas de Arquitetura/Urbanismo para o plano geral e a publicação dos artigos	97
Quadro 20- Diretrizes gerais das revistas de Artes para o plano geral e a publicação dos artigos	99
Quadro 21- Quantitativo de autores por artigo	101
Quadro 22- Excertos 12 (Arquitetura/Urbanismo).....	101
Quadro 23- Excertos 13 (Artes).....	102
Quadro 24- Excertos 14 (Arquitetura/Urbanismo).....	104
Quadro 25- Excertos 15 (Artes).....	105
Quadro 26- Elementos estruturais de um artigo com base na ABNT	107
Quadro 27- Plano geral dos artigos de Arquitetura/Urbanismo	109
Quadro 28- Excertos 16 (Arquitetura/Urbanismo).....	112
Quadro 29- Plano geral dos artigos de Artes.....	114
Quadro 30- Excertos 17 (Artes).....	116

SUMÁRIO

1 BREVE HISTÓRICO DAS ÁREAS E ENFOQUE DE INVESTIGAÇÃO DO TRABALHO	9
1.1 ARQUITETURA/URBANISMO: A PROFISSÃO E A ÁREA DO CONHECIMENTO	9
1.2 ARTES: A PROFISSÃO E A ÁREA DO CONHECIMENTO	13
1.3 ARQUITETURA/URBANISMO E ARTES: PONTOS DE (DES)ENCONTROS ENTRE AS ÁREAS NO BRASIL	17
1.4 ENFOQUE DE INVESTIGAÇÃO	18
2 CULTURA DISCIPLINAR, ESCRITA ACADÊMICA E ARTIGO CIENTÍFICO	24
2.1 CULTURA DISCIPLINAR E PRÁTICAS DE LETRAMENTO	24
2.1.1 Cultura disciplinar	24
2.1.2 Práticas de letramento em contextos acadêmicos	28
2.2 O GÊNERO TEXTUAL COMO TERMÔMETRO	35
2.3 ARTIGO CIENTÍFICO	37
3 O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO (ISD)	42
3.1 VISÃO GERAL	42
3.2 O FOLHADO TEXTUAL	48
3.3 O ISD E A ANÁLISE DE TEXTOS	50
4 O PERCURSO METODOLÓGICO E A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	54
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	54
4.1.1 A pesquisa qualitativa	54
4.1.2 O campo de investigação em Linguística Aplicada (LA)	56
4.1.3 A pesquisa exploratória	58
4.2 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS	60
4.2.1 O <i>Corpus</i> documental	60
4.2.1.1 Artigos científicos	61
4.2.1.2 O questionário	63
4.3 AS CATEGORIAS ANALÍTICAS	66

5 CULTURA DISCIPLINAR E PRODUÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA EM ARQUITETURA/URBANISMO E ARTES.....	69
5.1 QUESTIONÁRIO: A PRODUÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA DAS ÁREAS DE ACORDO COM SEUS MEMBROS.....	69
5.2 OS ARTIGOS E OS PARÂMETROS DE PRODUÇÃO: FOCO, ESCOPO E DIRETRIZES GERAIS DAS REVISTAS	92
5.2.1 Características gerais das revistas: foco e escopo	92
5.2.2 Diretrizes e normas gerais das revistas	96
5.3 PRÁTICAS DICLPLINARES ACADÊMICAS A PARTIR DE ARTIGOS CIENTÍFICOS	100
5.3.1 Autoria, coautoria e cultura disciplinar	100
5.3.2 O plano geral dos artigos: organização textual e cultura disciplinar.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS COLABORADORES DE ARQUITETURA/URBANISMO (SEQUÊNCIAS DE IMAGENS -PRINT SCREEN- DO DOCUMENTO ON-LINE)	130
APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS COLABORADORES DE ARTES (SEQUÊNCIAS DE IMAGENS -PRINT SCREEN- DO DOCUMENTO ON-LINE).....	138
ANEXO A- PARECER CONSUBTANCIADO DO CEP	145
ANEXO B- RESPOSTAS DOS COLABORADORES DE ARQUITETURA/URBANISMO AO QUESTIONÁRIO (SEQUÊNCIAS DE IMAGENS -PRINT SCREEN- DO DOCUMENTO ON-LINE)	147
ANEXO C- RESPOSTAS DOS COLABORADORES DE ARTES AO QUESTIONÁRIO (SEQUÊNCIAS DE IMAGENS -PRINT SCREEN- DO DOCUMENTO ON-LINE).....	161

1 BREVE HISTÓRICO DAS ÁREAS E ENFOQUE DE INVESTIGAÇÃO DO TRABALHO

“[...] a tarefa não é ver o que ninguém viu ainda, mas pensar aquilo que ninguém pensou a respeito daquilo que todo mundo vê”

(SCHOPENHAUER, 2010, p. 156-157).

Neste capítulo, apresentamos um breve panorama histórico sobre a Arquitetura/Urbanismo e as Artes, enfocando o contexto de cada área do conhecimento e de cada campo profissional, bem como seus lugares-comuns e pontos de aproximação. Nossa ideia é expor, ainda que pontualmente, as estruturas sócio-históricas e profissionais que compõem cada área, visando à compreensão da situação de produção do conhecimento científico desenvolvido.

Além disso, ainda neste capítulo, exibimos também nosso enfoque de pesquisa que engloba: os objetivos geral e específicos, a base teórica, as características metodológicas, a revisão da literatura e a organização geral do trabalho.

1.1 ARQUITETURA/URBANISMO: A PROFISSÃO E A ÁREA DO CONHECIMENTO

De acordo com Glancey (2001), o surgimento da Arquitetura se deu há cerca de oito ou nove mil anos atrás, com as primeiras construções conscientes de lares, de monumentos e de cidades. O autor esclarece que “a Arquitetura teve início quando a humanidade passou a praticar regularmente a agricultura. Era necessário que as pessoas vivessem em lugares estabelecidos e cuidassem da terra em vez de caçar e coletar como nômades [...]” (GLANCEY, 2001, p. 14). Dessa forma, quando o ser humano começou a se estabelecer fixamente, os povos criaram as primeiras cidades em que, de acordo com Glancey (2001), eram erguidos lares, santuários, templos e palácios. Para o autor, “o nascimento da Arquitetura foi, portanto, contemporâneo ao nascimento da cidade [...]” (GLANCEY, 2001, p. 14).

Atualmente, a Arquitetura compreende tanto um campo científico – de estudo, pesquisa e divulgação científica – quanto um campo profissional. No que concerne à

profissão, a Arquitetura é bastante antiga, tendo passado por momentos de “altos” e “baixos” referentes ao prestígio e sendo ampliada e restrita ao longo dos séculos (SOUZA, 2013). Sobre isso, Souza (2013) afirma que, na antiguidade, os arquitetos se uniram aos ofícios tradicionais de construção. Por isso, sofreram o desprestígio reservado às atividades manuais da época. No período medieval,

a classificação tradicional entre artes liberais e artes mecânicas não permitiu diferenciar os artistas, os arquitetos-pintores ou os arquitetos-escultores, do mundo dos artesãos e dos trabalhadores manuais. Segundo Bicca (1984), foi somente com o advento do Renascimento que a arquitetura dos arquitetos ascendeu ao universo das artes liberais, numa expressa ruptura com as corporações e os mestres de obras da Idade Média (SOUZA, 2013, p. 26).

A autora esclarece que, de acordo com Giedion (2004), a cultura renascentista cultuava o saber e a razão. Por esse motivo, na época, não se via distinção entre as artes e as ciências. Essa concepção foi crucial para o desenvolvimento da Arquitetura, pois essa disciplina também não estabelecia limites entre essas duas áreas (SOUZA, 2013). No entanto, a partir do século XIX, o ofício de arquiteto experimentou uma crise com a crescente expansão da engenharia moderna e com a “consagração da figura do engenheiro” (SOUZA, 2013, p. 27).

No século XX, a Arquitetura lutava para retomar a liderança técnica, artística e construtiva das edificações. Nesse período, vários estudiosos da área e grupos de arquitetos se articularam e militaram no propósito de consolidação da Arquitetura. Assim, surgiram os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), fundados, em 1928, na Suíça. Nas discussões desses congressos, os arquitetos defenderam um novo posicionamento do profissional na sociedade e no trabalho em equipe, supondo que, unidos aos engenheiros, físicos e higienistas, viabilizariam a produção industrial, a própria área e o urbanismo (SOUZA, 2013). Souza (2013, p. 31) constata: “no início do século XX, os arquitetos partilhavam da opinião de que as novas possibilidades geradas pela era da máquina contribuiriam para a difusão e a diversificação de seu ofício em um número considerável de campos de atuação profissional”.

No entanto, apesar da ampliação dos horizontes do campo de atuação do arquiteto, esse profissional, na década de 60, ainda ocupava uma posição secundária no mercado de trabalho e na indústria da Construção Civil. Foi apenas com a construção do Museu Guggenheim de Bilbao (1992-1997) que a popularização da Arquitetura ganhou força na

passagem do século XX para o XXI (RAUTERBERG, 2009 *apud* SOUZA, 2013). Por isso, sua construção é considerada um marco da Arquitetura moderna.

No Brasil, segundo o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/BR) (2016), a profissão é regularizada desde 1933, com a criação do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia. Atualmente, a atuação do arquiteto é regulada pela Lei Nº 12.378², de 2010. Em um levantamento realizado em 2015, o CAU/BR contabilizou mais de 131.000 arquitetos e urbanistas e mais de 18.000 empresas de Arquitetura e Urbanismo atuantes no país (CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL, 2016). Além disso, nesse mesmo levantamento, o CAU/BR (2016) verificou que a maioria dos arquitetos e urbanistas atuantes no Brasil é jovem: 58% têm menos de 40 anos, sendo que 40% desse grupo de profissionais têm entre 26 e 35 anos e atuam em todos os municípios brasileiros.

Outra informação coletada pelo CAU/BR (2016) é que

pouco mais da metade dos profissionais da área no Brasil trabalha por conta própria. Enquanto 34% fornecem serviços como autônomos, outros 20% são donos de escritórios e empresas ligadas à Arquitetura e Urbanismo. Os assalariados somam 38%, enquanto 8% possuem outras fontes de renda (CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL, 2016, p. 27).

Sobre os campos de atuação do arquiteto/urbanista no país, a resolução CAU/BR Nº 21 define sete grupos principais de atividades na área. São eles: projeto; execução; gestão; meio ambiente e planejamento regional e urbano; ensino e pesquisa; atividades especiais (laudos, vistorias, perícias, consultorias e assistência técnica, entre outros); e engenharia de segurança do trabalho (disponível apenas para especialistas na área) (CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL, 2016).

No que concerne à formação profissional dos arquitetos/urbanistas, segundo dados do CAU/BR (2016), o Brasil conta hoje com mais de 400 cursos superiores distribuídos de maneira desigual pelas 27 unidades da federação, sendo observada uma alta concentração nas regiões Sudeste e Sul do país. O ensino nesses cursos “visa formar profissionais para atender às necessidades humanas diárias, relacionando-se, portanto, ao esforço do homem em modificar e adaptar o meio que o circunda e identificando-se com edifícios e espaços urbanos que conformam seu *habitat*” (CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL, 2016, p. 68).

² Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112378.htm > Acesso em 20 de maio. 2019.

Além disso, as disciplinas nesses cursos transcendem as edificações, alcançando “desde objetos mais imediatos do entorno humano, até a cidade e o território que os envolve” (CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL, 2016, p. 68). No entanto, o CAU/BR (2016) orienta que a Arquitetura/Urbanismo não pode ser considerada apenas como “arte”, “ciência” ou “técnica”, ainda que esses elementos sejam inerentes a ela, mas deve ser entendida como um “campo próprio com necessidade de domínio de um **campo de conhecimento**” (CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL, 2016, p. 69, destaques nossos).

Sobre as pós-graduações em Arquitetura/Urbanismo, as especializações, os mestrados e os doutorados não fogem ao que se espera, no que tange às propostas de ensino e atuação, sendo as especializações mais voltadas para o aperfeiçoamento do profissional em alguma área e os mestrados e os doutorados destinados, em geral, para formação de professores e pesquisadores. No entanto, essas pós-graduações podem ser cursadas por qualquer profissional graduado, mesmo que seu foco seja apenas melhorar sua qualificação. Além disso, é importante lembrar a modalidade de mestrado profissional, que se volta especificamente para mercado de trabalho fora da academia (CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL, 2016).

Vale ressaltar que a Arquitetura e Urbanismo, no CNPq³, é uma **área do conhecimento** da grande área de Ciências Sociais Aplicadas. No que concerne à pós-graduação, segundo dados da Avaliação Quadrienal⁴ (2017) da CAPES, verificou-se que existem, no Brasil, quarenta e quatro programas de pós-graduação *stricto sensu* na área, sendo: quinze de mestrado acadêmico, dez de mestrado profissional e dezenove de mestrado e doutorado acadêmicos. Não foram verificados programas que possuem apenas doutorado acadêmico ou programas de doutorado profissional.

Diante das informações expostas até agora, fica evidente que a Arquitetura/Urbanismo, devido a sua história, é considerada uma área consolidada nos campos científicos e profissionais brasileiros, tendo experimentado (e a ainda experimenta) momentos de desprestígio, principalmente quando colocada em relação à Engenharia. Suas atuações são voltadas, de modo geral, para as Artes, as Humanidades e as Exatas, visando atuar na funcionalidade dos espaços particulares e urbanos, apresentando soluções objetivas, exequíveis e estéticas.

³ Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/documents/11871/24930/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf/d192ff6b-3e0a-4074-a74d-c280521bd5f7>> Acesso em 25 jul. 2018.

⁴ Disponível: < sucupira.capes.gov.br> Acesso em 22 maio. 2019.

1.2 ARTES: A PROFISSÃO E A ÁREA DO CONHECIMENTO

A arte deriva da percepção do ser humano sobre sua realidade e, por isso, o acompanha desde os primórdios. Segundo Hodge (2018), há evidências de atividades artísticas que remontam há 500 mil anos, mas as formas mais familiares de arte pré-histórica foram produzidas entre 50 mil e 3 mil antes de Cristo.

De acordo com Sad Filho (2013, p. 21), em uma acepção geral, a palavra “arte” é derivada do Latim “*ars/ artis*” que significa “habilidade ou técnica adquirida a partir do estudo ou da prática”. Além dessa derivação, o vocábulo “arte” se originou a partir do verbo latino “*agere*” que significa “agir”. O artista, nesse caso, segundo o autor, é um agente e toda forma de arte se caracteriza por uma ação ou atividade que se desenvolve por meio de um processo que contempla a teoria e a prática.

Desde muito tempo, as artes se encontram ligadas às pessoas de poder e *status* (REIS, 2017) e isso, de certa forma, refletiu no desenvolvimento e no reconhecimento da área e da profissão ao longo da história, no que concerne ao conceito de arte e de quem poderia ser artista. Reis (2017) informa que, na Grécia antiga, as artes plásticas eram consideradas uma das mais elevadas expressões humanas. Naquele tempo, as artes estavam ligadas à religião, ao belo e à sensibilidade. Nesse momento, o teatro também se desenvolveu em profunda relação com a sociedade, sendo exaltado e patrocinado por instâncias públicas e privadas (REIS, 2017).

No decorrer das épocas, as Artes, tal qual a Arquitetura, passaram por ressignificações, influências e reconhecimentos, mas também enfrentaram dificuldades em se definir e em serem definidas. Esses elementos influenciaram a atuação do artista em diversos momentos, no que concerne ao seguimento de paradigmas ou à quebra deles.

No contexto brasileiro, a profissão de artista e de técnico em espetáculos de diversões é regulamentada pela Lei nº 6.533⁵, de 24 de maio de 1978. No entanto, a formação histórica do sistema de arte no país se deu há bastante tempo e de forma muito peculiar: com a fuga da família real portuguesa para o Rio de Janeiro, o Brasil se tornou a única colônia a se transformar em sede do reino. Com isso, D. João VI iniciou um projeto de implantação e renovação artística convocando a Missão Artística Francesa para instituir o ensino de artes no Brasil, em 1816 (BRASIL, 2018).

A partir de 1840, a Academia Imperial de Belas Artes começou a promover exposições, mas, até 1930, dava-se pouca atenção às artes plásticas, pois estavam no gosto das

⁵ Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6533.htm > Acesso em 26 de maio. 2019.

elites a música e a literatura. A instauração do campo das Artes no Brasil só ocorreu em meados de 1945: período em que o país passou a receber muito imigrantes que abriram galerias e colecionaram arte moderna (BRASIL, 2018). Segundo o “Guia do artista visual”, publicado pelo Ministério da Cultura em 2018, “Graças a uma disputa por distinção entre grandes empresários da época, entre 1947 e 1951, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro passaram a contar com museus de arte de maior envergadura” (BRASIL, 2018, p. 22).

Em 1950, a expansão do campo jornalístico favoreceu o desenvolvimento da crítica de arte e, na década de 60, o sistema de arte moderna brasileira estava consolidado nos grandes centros urbanos com museus, coleções, salões e galerias, mas foi nessa época também que surgiu uma acentuada “intelectualização dos artistas e a problematização do contexto da obra (sujeito social que a faz, o espaço expositivo que não é neutro e carrega interesses de várias ordens e o sistema da arte em geral)” (BRASIL, 2018, p. 23). Além disso, começou a existir também o embate da arte e dos artistas com o regime militar e com a nova dimensão do capitalismo. Segundo o Ministério da Cultura, essas mudanças causaram certa dificuldade na relação do crítico de arte com o artista, as instituições e seus pressupostos (BRASIL, 2018).

Os anos de 1960 e 1970 consolidaram a profissionalização de mercado de galerias de arte moderna, as quais não eram muitas, mas tiveram um grande impacto na categorização da arte não acadêmica (BRASIL, 2018). Segundo o Ministério da Cultura, esse processo “ocorreu em paralelo ao surgimento do primeiro curso de pós-graduação em Artes, da USP, em 1967. Por motivos distintos, mercado e universidade geraram uma historiografia primeira da arte moderna” (BRASIL, 2018, p. 24).

No entanto, foi apenas na década de 80 que o CNPq reconheceu a área oficialmente, visando caracterizar o que se concebe por “pesquisa em artes”. Esse processo foi necessário, pois, naquela época, “as cotas de bolsas e de verbas para a pesquisa em artes não tinham alocação específica dentro da rubrica própria que garantisse, com segurança, o atendimento a projetos aprovados” (ZAMBONI, 2001, p. 01).

Vale ressaltar que, em contexto atual, apesar desse ganho para a área, ainda não existe consenso ou pensamento uniforme no que concerne à formação acadêmico-profissional de um artista brasileiro, pois “as convenções sobre o que é arte ou sobre o que torna uma obra relevante, assim como as aptidões esperadas de um artista, mudam de tempos em tempos” (BRASIL, 2018, p. 53).

De acordo com o Ministério da Educação, dado o grande universo do fazer artístico, podemos organizar o campo das Artes em quatro áreas do conhecimento e produção. São elas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Vale ressaltar que o que se compreende por Artes

Visuais é: pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial, fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação e performance (BRASIL, 1997).

Na divisão das áreas do conhecimento feita pelo CNPq⁶, Artes é uma **área do conhecimento** da grande área “Linguística, Letras e Artes”. Nela, estão inseridas dez componentes, com suas respectivas subdivisões. São eles: Fundamentos e Críticas das Artes (Teoria da Arte, História da Arte e Crítica da Arte), Artes Plásticas (Pintura, Desenho, Gravura, Escultura, Cerâmica e Tecelagem) Música (Regência, Instrumentação Musical, Composição Musical e Canto), Dança (Execução da Dança e Coreografia), Teatro (Dramaturgia, Direção Teatral e Interpretação Teatral) Ópera, Fotografia, Cinema (Administração e Produção de Filmes, Roteiro e Direção Cinematográficos, Técnicas de Registros e Processamento de Filmes e Interpretação Cinematográfica) Artes do Vídeo e Educação Artística.

Assim, a área vem se consolidando cada vez mais nas universidades, no que concerne à formação e à pesquisa no campo das Artes, considerando que cada vez mais profissionais se formam todo ano. No entanto, vale ressaltar que, segundo o Ministério da Cultura:

As universidades brasileiras muitas vezes tratam a pesquisa de arte com regras e expectativas semelhantes às das ciências humanas, não reconhecendo as formas próprias de fomento e de mensuração de aprendizado das artes. Exemplo disso é a exigência de uma monografia teórica como requisito para a obtenção de grau de mestre ou doutor (BRASIL, 2018, p. 53).

Além disso,

As universidades públicas exigem titulação acadêmica para o ensino artístico superior, o que leva a duas situações: muitos artistas se veem obrigados a fazer cursos de pós-graduação para lecionar e, no corpo docente, muitas vezes faltam professores com trajetórias artísticas de peso ou trabalhos de influência no meio artístico, embora possam ser bons orientadores na construção da poética pessoal dos alunos (BRASIL, 2018, p. 54).

Assim sendo, percebemos um conflito interno entre a formação do artista no Brasil e seu campo de atuação, em que, por vezes, as duas instâncias não dialogam e não concordam, evidenciando que, nem sempre, uma formação acadêmica em Artes garante um bom desempenho profissional, uma vez que as profissões da área demandam características

⁶ Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/documents/11871/24930/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf/d192ff6b-3e0a-4074-a74d-c280521bd5f7>> Acesso em 25 jul. 2018.

específicas que as universidades ainda não contemplam. O Ministério da Cultura assevera que “O mercado de arte tem uma forma de atuação peculiar, que se baseia menos em títulos acadêmicos e mais no percurso de participações em mostras e projetos” (BRASIL, 2018, p. 54).

Ainda assim, se faz necessário destacar a crescente ampliação e disseminação das pesquisas e pós-graduações em Artes atualmente. Segundo dados da Avaliação Quadrienal⁷ (2017), a CAPES verificou que existem, no Brasil, sessenta e nove programas de pós-graduação *stricto sensu* em Artes, sendo que vinte e seis programas oferecem apenas mestrado, um programa oferece apenas doutorado, nove programas oferecem apenas mestrado profissional e trinta e três programas contemplam mestrado e doutorado juntos.

Dessa forma, observamos que, mesmo com os embates, há uma crescente solidificação das pesquisas e do pesquisador em Artes, sendo a produção intelectual desses agentes um dos propulsores do sistema artístico (e de tudo que o envolve) do país. O sistema da arte é um termo genérico para denominar o espaço onde circulam ideias, pessoas, obras e trajetórias ligadas a uma cena artística (BRASIL, 2018).

Além disso, vale destacar o papel do arte-educador nas escolas brasileiras, que, a partir da formação em licenciatura em Artes, visa solidificar os conceitos de educação e arte, definindo seus entornos e a função da arte na sociedade e no contexto escolar (SAD FILHO, 2013). Nesse espaço, “a produção artística é compreendida como uma atividade humana ligada a manifestações de ordem estética, concebidas a partir das percepções, ideias e emoções de seus criadores, histórica e socialmente contextualizada” (SAD FILHO, 2013, p. 81). Além disso, a arte-educação, segundo Sad Filho (2013), discute e redimensiona os limites da prática docente na área, visando à elaboração de novas metodologias de ensino e aprendizagem da arte na escola, conscientizando o profissional e a comunidade dos aspectos políticos e sociais da disciplina, indo além dos limites estabelecidos pelo currículo escolar para a arte.

Por fim, diante do exposto, é evidente que a área de Artes é um “mundo” de linguagens e de possibilidades acadêmico-profissionais que vem se afirmando enquanto área do conhecimento, mas que ainda enfrenta dificuldades em ser compreendida e definida enquanto área de pesquisa e atuação de trabalho. São consideradas “faces” desse campo: a criação, a recepção, a crítica, o ensino etc, as quais podem ser estudadas a partir de um amplo espectro de expressões e manifestações (ZAMBONI, 2001).

⁷ Disponível: <sucupira.capes.gov.br> Acesso em 25 maio. 2019.

1.3 ARQUITETURA/URBANISMO E ARTES: PONTOS DE (DES)ENCONTROS ENTRE AS ÁREAS NO BRASIL

Ao longo da história, conforme explicitado, as Artes e a Arquitetura tiveram vários momentos de harmonia e consonância, tendo em vista as concepções estéticas e conceituais que dominaram as épocas e as ideias da humanidade. No Brasil, dos anos 20 até, mais ou menos, os anos 50, o movimento que marcou a convergência entre essas duas áreas foi influenciado pela escola de Bauhaus, fundada por Gropius, em 1919. Trata-se da chamada “síntese das artes”, a qual, segundo Luccas (2013), carregou consigo uma postura utópica, pois “idealizava uma relação ética e esteticamente intransigente entre arte, arquitetura e áreas afins, como paisagismo e desenho industrial, buscando o alinhamento dos diferentes ofícios através de afinidades em sua concepção” (LUCCAS, 2013, p. 02). Dentre as diferentes áreas profissionais, estavam – além da arquitetura, paisagismo e desenho industrial – a escultura, as artes plásticas, o muralismo e o design. A intenção, segundo Luccas (2013), estava na busca de uma identidade nacional iniciada pelos modernistas na década de 20.

No entanto, o termo gerou controvérsias, uma vez que não poderia haver uma “síntese das artes”, pois cada atividade não saía do seu domínio. O que estava sendo preconizado, naquele momento, era uma “integração das artes”, na qual, mesmo havendo modalidades distintas, elas “poderiam coexistir de maneira pacífica, desde que fossem consideradas modernas” (LUCCAS, 2013, p. 02).

Segundo Luccas (2013), em 1945, com o fim do Estado Novo, iniciou-se no Brasil um período de maior liberdade política e os adeptos ao Partido Comunista se revelaram nesse contexto, mas por um curto espaço de tempo, pois, com a situação político-econômica mundial, crescia o movimento do “anti-comunismo”. Próximo aos anos 50, “os reflexos da polarização de forças se faziam sentir no meio artístico e cultural brasileiro: arte e arquitetura seriam gradualmente divididas em posições mais à direita ou à esquerda, com estéticas e discursos correspondentes aos matizes políticos” (LUCCAS, 2013, p. 08).

Por outro lado, Anelli (2009) esclarece que, após a idealização e a construção de Brasília (década de 50- 60), o trabalho de Niemeyer resultou em grande receptividade popular e a almejada “identidade nacional” passou a ser concretizada, literalmente, no protagonismo de suas obras, deixando de lado o movimento inicial das Artes Plásticas integradas à Arquitetura. Após isso, o país experimentou uma nova fase em que “movimentada pelos

interesses econômicos, pela luta de classes, pelas novas tecnologias, pelas artes modernas, surge uma cidade sem controle e com ritmo alucinante, o caos, ou seja, a própria expressão da modernidade real materializada neste ambiente e em sua arte” (BASSANI, 2009, p. 04).

Não obstante, essa movimentação, na atualidade, não exclui a atuação de artistas na arquitetura e de arquitetos na arte, pois a conceptualização do espaço urbano é passível de instituição nas duas atuações. Para Bassani (2009, p. 11):

A cidade é obra de arte, mas em seus espaços existem as demais obras (sub-temas do urbanismo elevada à arte) com seus vocabulários e sintaxes próprias, no intra-urbano arquitetura é arquitetura, escultura é escultura, pintura é pintura, não se misturam não se contaminam dividem civilizadamente espaços na cidade.

Dessa forma, ainda que, de forma compartimentada ou não, a cidade na contemporaneidade converge aos aspectos inerentes às Artes e à Arquitetura, pois essas áreas ressoam na sociedade com intenções comunicativas e estéticas carregadas de funcionalidade, evidenciando os mistos dos espaços públicos. Nesse caso, prevalece não mais a “síntese das artes”, mas a síntese dos ambientes urbanos que apresentam condições diversas de cenários híbridos povoados pela urbanização –deixando em evidência o avanço das cidades– e pelas linguagens artísticas (BASSANI, 2009). Dessa forma, concordamos com Glancey (2001, p. 09) que “a arquitetura é uma arte em contínua revolução”.

1.4 ENFOQUE DE INVESTIGAÇÃO

Tomando como base tudo que foi exposto até aqui, esclarecemos que, para nós, a Arquitetura/Urbanismo e as Artes se apresentam como nichos investigativos ao considerarmos que os gêneros acadêmicos e a escrita acadêmico-científica comuns (ou não) evidenciam culturas disciplinares, representativas ou específicas de cada área, que podem ser compartilhadas entre si. Sobre isso, nosso pressuposto principal parte da ideia de que o ato de escrever em contexto acadêmico, ainda que advenha de um agente individual de linguagem para ser concretizado, está longe de ser uma prática individual, pois a escrita acadêmica se constitui como uma prática coletiva, uma vez que depende de um ou de mais agentes para ser aprovada e validada em um contexto disciplinar específico.

Assumimos a posição de que, ainda que se fale em “escrita acadêmica” como uma prática de um discurso lógico, preciso, consistente, testado e validado – comum a todas as

áreas que o utilizam –, não podemos compreendê-lo somente a partir de campos de conhecimentos específicos e isolados, pois as variações motivadas por objetos de pesquisa, tipos de investigação, campo epistemológico e outros elementos constitutivos do discurso acadêmico são evidências de que esse discurso nunca será uniforme, sendo mais adequado tratarmos dele a partir de ideia de “discursos acadêmicos”, no plural. No entanto, “ainda que não seja possível pensar a escrita acadêmica como um valor único e uma prática homogênea, podemos identificar os traços de regularidades que permitem compreender em que medida os textos representam objetos de conhecimentos e culturas disciplinares” (PEREIRA, 2019, p. 13-14).

Assim, são as especificidades e as regularidades da escrita acadêmica que nos interessam no presente trabalho, pois elas refletem não só as preferências individuais dos agentes de linguagem, mas também as escolhas coletivas e reconhecidas pelas formações sociodiscursivas das quais os agentes fazem parte, uma vez que, segundo Hyland (2004), “fazer uma boa pesquisa” – e, por consequência, reportá-la – resulta de uma multiplicidade de práticas e estratégias gerenciadas para um público específico, do qual decorrem práticas controladas de escrita. Dessa forma, nosso interesse se volta para o “como” as disciplinas escrevem seus textos acadêmicos e não, simplesmente “o que” escrevem (HYLAND, 2004).

Dessa forma, propomos uma investigação acerca dos elementos textuais-discursivos que evidenciam o contexto de produção e a infraestrutura textual (plano geral) em artigos científicos das citadas áreas. Nosso alvo de discussão está na ideia de que há uma relação entre as áreas de conhecimento e suas práticas de linguagem no que concerne à influência do campo científico nas atividades discursivas dos indivíduos. Nesse ínterim, nossa investigação enfoca o contexto de escrita do artigo científico e toma por base a seguinte questão: Como se organiza um artigo científico em Arquitetura/Urbanismo e em Artes? Que aspectos do contexto de produção são percebidos? Como se evidencia, a partir disso, a cultura disciplinar nas referidas áreas? Quais são as representações de pesquisadores de Arquitetura/Urbanismo e Artes sobre escrita acadêmica e concepção de ciência/pesquisa? Para nós,

o gênero acadêmico é um fator de convergência, mas ainda assim não é possível pensar em um único modo de escrever, uma vez que essa escrita é afetada pela concepção de ciência [...], pela metodologia utilizada na pesquisa, por um léxico específico, cujas influências são materializadas nos textos-discursos (MIRANDA *et al*, 2019, p. 21).

A partir disso, nosso objetivo geral é analisar as representações de membros das áreas, no que abrange os aspectos acessíveis dos pré-construídos, do contexto de produção e da

infraestrutura textual (plano geral), a partir de questionários e de artigos científicos, relacionando-os à compreensão da atividade de pesquisador nos campos científicos disciplinares e de como a cultura disciplinar se materializa nos textos. Em torno desse objetivo geral, há os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar e relacionar as representações de membros das áreas com as particularidades que evidenciam a cultura disciplinar no que diz respeito à pesquisa científica, escrita acadêmica e produção de artigos;
- b) Explorar as características do contexto de produção que envolvem as formações sociodiscursivas acadêmicas e das quais decorrem culturas disciplinares a depender da área do conhecimento;
- c) Verificar e analisar os elementos textuais-discursivos que particularizam o gênero “artigo científico” e evidenciam a cultura disciplinar a partir da infraestrutura textual (planificação) dos textos.

Para dar subsídios teóricos ao presente trabalho, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) para análise da materialidade textual-discursiva do *corpus*. Sobre a organização das análises no quadro teórico-metodológico do ISD, nossa investigação se centra no nível organizacional, levando em consideração o contexto sociointeracional de produção e os pré-construídos, conforme Machado e Bronckart (2009). Para nortear os resultados e alinhá-los aos objetivos propostos, fizemos generalizações dos dados partindo dos conceitos de formação sociodiscursiva (BRONCKART, 2012 [1999]) e de cultura disciplinar (HYLAND, 2004).

Essa proposta de pesquisa surgiu a partir de nossa participação, desde 2014, no grupo de pesquisa “Ateliê de Textos Acadêmicos” (ATA), coordenado pela professora doutora Regina Celi Mendes Pereira, no qual temos investigado a relação entre os aspectos da materialidade textual-discursiva de artigos científicos e suas respectivas áreas do conhecimento acadêmico. De acordo com Pereira (2019),

o Ateliê de Textos Acadêmicos (ATA) tem investigado o processo de construção do conhecimento científico em diferentes áreas. Nesse sentido, as pesquisas do grupo têm se interessado tanto por descrição e análise de aspectos contextuais, funcionais, discursivos e linguísticos-discursivos (BRONCKART, 1999, 2006, 2008) de gêneros acadêmicos, como por propostas e análise de processos de didatização de diferentes gêneros em contexto universitário, tais como: resenha, resumo, projeto de pesquisa,

artigo científico, trabalho de conclusão de curso e relatório (PEREIRA, 2019, p. 07).

Nosso trabalho se alinha às pesquisas do ATA e, antes de sua proposição, observamos a ausência de investigações que focalizam as áreas escolhidas, no que diz respeito à cultura disciplinar representada na escrita acadêmica e a partir de reflexões sobre elas. No entanto, vale destacar que há algumas investigações que enfocam o estudo da escrita acadêmica, considerando-a como um discurso plural e influenciado pelas áreas do conhecimento. Dentre elas, citamos as próprias pesquisas desenvolvidas no âmbito do grupo de pesquisa ATA, citado anteriormente, com duas publicações:

- a) O livro “Ateliê de Gêneros Acadêmicos: didatização e construção de saberes” (2014), organizado pela coordenadora do grupo, no qual há a exposição de análises de resumos acadêmicos das áreas: Literatura; Linguística; Jornalismo; Educação; Nutrição; Arquitetura; Psicologia; e Matemática. Todas as análises tomam como base os pressupostos teórico-metodológicos do ISD;
- b) O livro “Cultura disciplinar e epistemes: representações na escrita acadêmica” (2019) também é organizado pela coordenadora do grupo. Nele, encontramos análises de resumos acadêmicos, artigos científicos e projeto de pesquisa das áreas: Direito, Ciências Sociais, Jornalismo, Enfermagem, Engenharia, Psicologia, Literatura e Linguística. Todas as análises possuem enfoque na investigação das culturas disciplinares.

Citamos também as pesquisas do grupo “Discurso, Identidade e Letramento Acadêmicos” (DILETA), coordenado pela professora doutora Cibele Gadelha Bernardino da Universidade Estadual do Ceará (UECE), as quais visam à descrição sociorrética do gênero artigo acadêmico na cultura disciplinar de diferentes áreas como: Linguística, Medicina, Nutrição, Direito, Agronomia e Psicologia, de acordo com Abreu (2016).

Além disso, citamos outros trabalhos que investigam o artigo acadêmico-científico, considerando a cultura disciplinar que o insere, os quais, ainda que não se alinhem totalmente às nossas perspectivas teóricas e aos nossos objetivos, valem ser citados como parte da revisão bibliográfica. São eles: Cortes (2009), que analisou artigos da área de História e Sociologia; Nascimento (2002), que verificou artigos da área de Engenharia Elétrica; e Silva (2014), que deu atenção a artigos de Linguística e de Literatura.

Assim, nossa intenção, com a presente investigação, não é descrever, enquadrar ou tornar rígidas as características estruturais e enunciativas nas escolhidas áreas do

conhecimento, mas promover o saber acerca da interação dos textos com o pensamento e com as especificidades das comunidades sociodiscursivas/disciplinares, visando à reflexão e à discussão acerca das normas culturais intrínsecas nas atividades de linguagem.

Partindo dos pressupostos de que as ações humanas se desenvolvem nos e pelos textos e que nada, em um texto, é por acaso ou aleatório, justificamos nossa investigação na concepção de que entender essas formas de linguagem é importante para a compreensão da tríade: pensamento, linguagem e cultura. Além disso, compreendemos que os textos são produtos de uma atividade de linguagem permanente nas formações sociais e que gêneros textuais são esses textos que apresentam características relativamente estáveis que ficam disponíveis para os contemporâneos e para as gerações posteriores (cf. BRONCKART, 2012 [1999]). Sendo assim, compreendendo o artigo científico como uma atividade concreta, podemos buscar regularidades linguístico-discursivas dos autores em consonância com sua cultura disciplinar. Tentamos entender o porquê de as regularidades linguísticas observáveis serem tão utilizadas a ponto de se tornarem práticas frequentes, destacando a aprovação da comunidade e se constituindo como cultura disciplinar (HYLAND, 2004).

A motivação para a escolha das áreas surgiu a partir da ideia de construção do conhecimento, considerando as “vozes do sul” (MOITA LOPES, 2006) acadêmicas. Essas “vozes do sul” são percebidas mais claramente em Artes, no que concerne ao seu reconhecimento, relativamente recente, pelo CNPq (década de 80) como área de investigação. Com isso, a área de Artes apresenta dificuldades, desde essa época, na definição de parâmetros sobre sua concepção de pesquisa (ZAMBONI, 2001). A Arquitetura/Urbanismo foi escolhida por sua íntima relação com o campo das Artes, Tecnologia e Ciência (CAU/BR, 2016), sendo consolidada e reconhecida há mais tempo no campo científico, ainda que não apresente tanto prestígio no mercado profissional quanto as Engenharias (SOUZA, 2013), constituindo-se, assim, também como uma “voz do sul” em aspectos de sua representatividade e reconhecimento no discurso acadêmico.

Nessa perspectiva, nossa pesquisa se insere no campo de investigação da Linguística Aplicada (LA), sendo qualitativa e contendo objetivos exploratórios. Além disso, ela conta com um *corpus* documental, composto artigos científicos publicados em periódicos *on-line* e por respostas de um questionário. Os artigos são indexados no banco de dados *webqualis* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O questionário foi elaborado por nós com base em perguntas que têm por enfoque: o contexto de produção dos autores, a escrita acadêmica, a autoria e a pesquisa na academia. Os colaboradores são professores universitários pós-graduados brasileiros.

Por fim, além deste capítulo introdutório, das considerações finais e das referências, nosso trabalho se organiza da seguinte forma:

- a) O segundo capítulo expõe as teorias e os estudos adotados por nós sobre cultura disciplinar, escrita acadêmica, artigo científico e letramento na academia;
- b) O terceiro capítulo enfoca o quadro teórico do ISD, no qual apresentamos, de modo sucinto, as bases e os elementos fundamentais do quadro, o folhado textual e nossas categorias de análise;
- c) O quarto capítulo apresenta o caminho metodológico, a partir do delineamento da pesquisa, da sua caracterização, dos métodos utilizados e do procedimento de coleta de dados escolhido. Além disso, situamos nossa investigação na perspectiva teórico-metodológica do ISD, com base nas categorias analíticas;
- d) O quinto capítulo explicita os resultados e a análise dos dados, apresentando os elementos acessíveis das representações dos colaboradores, o contexto geral de produção e o plano geral dos artigos, alinhados às respostas dos questionários.

2 CULTURA DISCIPLINAR, ESCRITA ACADÊMICA E ARTIGO CIENTÍFICO

“Precisamos entender essas regularidades transitórias e por que características particulares parecem ser tão úteis aos escritores que se tornam práticas regulares, muitas vezes institucionalizadas como letramentos disciplinares aprovados”

(HYLAND, 2004, p. 02, tradução nossa⁸).

Este capítulo apresenta as teorias e os estudos que nos guiaram na investigação sobre cultura disciplinar, contexto acadêmico e artigo científico. Inicialmente, apresentamos as evidências das culturas disciplinares unidas às práticas de letramento no contexto universitário. Em seguida, expomos os estudos dos gêneros textuais e suas perspectivas e inserimos a explanação sobre o artigo científico nesse panorama. Aqui, também assumimos nossa posição acerca do estudo dos gêneros e nossa concepção a respeito da composição do gênero artigo científico, levando em consideração as práticas linguageiras situadas.

2.1 CULTURA DISCIPLINAR E PRÁTICAS DE LETRAMENTO

2.1.1 Cultura disciplinar

Em um primeiro momento, é importante compreendermos que a formação sociodiscursiva acadêmica não é homogênea e nem estável, haja vista as diversas atividades, alocações e gêneros que fazem parte desse contexto e que são organizadas conforme cada campo científico ou área de investigação.

Sobre a noção de “campo”, Bourdieu (2004) explica que se trata de um universo em que estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem o conhecimento. Para ele, “esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas” (BOURDIEU, 2004, p. 20). Em outras palavras,

⁸ “we need to understand these transient regularities and why particular features seem to be so useful to writers that they become regular practices, often institutionalised as approved disciplinary literacies” (HYLAND, 2004, p. 02).

Bourdieu (2004) explica que os campos, por mais que estejam sujeitos às regras externas, como o paradigma científico dominante, também seguem leis próprias de organização, de funcionamento e de atenção ao que se considera relevante, chegando a ser considerado por ele como um espaço “relativamente autônomo” (BOURDIEU, 2004, p. 20).

A definição da estrutura de um campo em um dado momento tem a ver com a estrutura “da distribuição do capital científico entre os diferentes agentes engajados nesse campo” (BOURDIEU, 2004, p. 26), sendo esse capital científico uma variação do que se entende por capital simbólico. Nesse meio, o capital científico é ratificado pelos níveis de conhecimento e de reconhecimento atribuído pelos agentes, que também buscam o capital científico, a seus pares (BOURDIEU, 2004).

Nesse âmbito, o conhecimento e o reconhecimento são difundidos por meio do “discurso científico”, que também não é homogêneo, e, enquanto parte de um campo social, a ele, são incorporadas relações de força, monopólios, lutas e estratégias (BOURDIEU, 1976). Segundo Bourdieu (1976, p. 1, *itálicos do autor*), “o que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio de *autoridade científica* definida, de maneira inseparável, como capacidade de técnica e poder social [...]”. Ou seja, o que determina a autoridade no contexto científico é a capacidade que o agente tem de desenvolver, legitimamente, uma ação de linguagem de acordo com os parâmetros sociais aceitáveis para a área, tanto no que concerne às capacidades linguístico-discursivas para desenvolver um texto quanto no que tange à legitimidade em relação à sua voz e em relação às vozes trazidas na tessitura da comunicação.

Bourdieu (1976) explica que, ao fazer uma investigação, o pesquisador busca realizar uma ação que, nem de longe, é desprovida de interesses, pois a descoberta de problemas/soluções importantes é reconhecida pelos pares e acarreta capital científico para o investigador. No entanto, esse reconhecimento se dá a partir de discussões e de verificações, uma vez que os pares são constituídos por pesquisadores que também almejam a autoridade científica. Esse espaço simbólico de “conflitos” é mediado por ações de linguagem evidenciadas pelos gêneros textuais acadêmicos. Segundo Bathia (2001 [1997], p. 110):

o consenso é alcançado e negociado por meio de práticas e diálogo profissional entre os membros instruídos e praticantes de uma comunidade profissional. A interação e o diálogo possibilitam o consenso, por um lado, e têm um efeito regulador ou limitador quanto ao que pode ou não ser admitido no conjunto do conhecimento de uma comunidade, por outro lado.

Os gêneros, nesse contexto, são entendidos como modos de textos que são autorizados e regulados na esfera das particularidades do conhecimento científico, sendo

perpassado pela intrínseca influência da cultura disciplinar. Segundo o autor, as regularidades estruturais e linguístico-discursivas observadas nas disciplinas desenvolvem também uma “solidariedade” entre os membros, pois atestam suas identidades, porque, de acordo com Hudson (1979), citado por Bathia (2001 [1997], p. 111), “se alguém quisesse matar uma profissão, destruir sua união e sua força, a maneira mais eficaz seria proibir o uso de sua linguagem característica”.

É justamente observando essas características recorrentes e observáveis nos textos de diferentes áreas do conhecimento que a ideia de “cultura disciplinar” foi elaborada. Essa visão entende a escrita acadêmica como um projeto interativo, cognitivo e defende que, nas disciplinas, os agentes interajam com os pares por meio de espaços discursivos reconhecíveis e aceitáveis, intencionando organizar e moldar sua ação de linguagem de modo que contemple os conhecimentos transmitidos e as necessidades de seus leitores (HYLAND, 2004).

Hyland (2004) explica que, em seus estudos, analisou essa abordagem a partir da distribuição de diversas características observáveis em textos pertencentes a um gênero para ver como eles se agrupam, no que concerne às disciplinas acadêmicas. Unidas aos textos, a verificação de Hyland (2004) também conta com entrevistas a membros das comunidades, observando como eles concebem a escrita acadêmica em suas áreas.

Segundo o autor, a escrita acadêmica considerada “bem-sucedida” depende do desempenho do agente em um contexto disciplinar, ou seja, visando ser reconhecido em seu discurso, o agente incorpora seus escritos em um contexto social que reflete e evoca os discursos aprovados do mesmo contexto (HYLAND, 2004). Para o autor, os textos exibem uma competência profissional em práticas disciplinares aprovadas, e são essas práticas que definem o que são as disciplinas, autenticam o conhecimento, estabelecem hierarquias, fomentam sistemas de recompensas e mantêm a autoridade cultural científica. Hyland (2004) sustenta que devemos ver os textos como a realização concreta, pública e acessível das práticas disciplinares de uma área do conhecimento, pois evidenciam os comportamentos linguageiros e sociais sancionados, crenças epistêmicas e estruturas institucionais.

Tendo fundamentos em Berkenkotter e Huckin (1995), Bazerman (1988), Myers (1990), dentre outros autores que discutem o tema, essa visão tenta entender como as características regulares e particulares dos textos, evidenciados pelos gêneros, são tão úteis aos agentes de linguagem a ponto de se tornarem práticas institucionalizadas e aprovadas (HYLAND, 2004). Hyland (2004) afirma que a importância dessa perspectiva de estudos se centra na evidência de que escrever é a atividade mais recorrente entre os acadêmicos. E essa escrita não é meramente social, mas socialmente construída, deixando claro que escrever não

é apenas um aspecto das disciplinas, mas a produção delas. Assim, “[...] enquanto as disciplinas são definidas pela escrita, é como elas escrevem, e não simplesmente o que escrevem, que faz a diferença crucial entre elas”⁹ (HYLAND, 2004, p. 03).

No entanto, Hyland (2004) alerta que os textos não expressam o mundo como ele é, mas são constituídos de representações “filtradas” por meio de seleções simbólicas, construídas socialmente, as quais, como vimos, são perpassadas por autoridades e disciplinas. Nesse caso, se o conhecimento é construído a partir de regularidades de comunidades, é verdade dizer que há homogeneidade no discurso acadêmico em relação às disciplinas constitutivas, as quais podem ser vistas como “tribos” (BECHER, 1989 *apud* HYLAND, 2004), pois possuem normas, particularidades, convenções e modos de investigação distintos.

Assim, ao se apropriar de um discurso acadêmico disciplinar, o agente de linguagem demarca seu lugar na cultura científica da qual faz parte e é reconhecido pelo grupo como uma voz legítima que pode interferir no contexto inserido. Além disso, é importante esclarecer que a ideia de cultura disciplinar, apesar de reconhecer os acordos sociais e linguístico-discursivos de um texto, não descarta os desacordos entre os membros no que tange às organizações, conhecimentos e ideias, mas reconhece que os membros devem se envolver nas ideias uns dos outros de maneira harmoniosa (HYLAND, 2004).

Nesse contexto, Hyland (2004) defende que a redação acadêmica é amplamente preocupada com a criação do conhecimento, mas que isso é alcançado a partir de acordos entre os membros de uma disciplina. Segundo o autor, na maioria dos gêneros acadêmicos, o principal objetivo de um agente está centrado na persuasão. Ou seja, convencer os pares a concordar com uma afirmação, financiar um projeto, aceitar uma avaliação, ou reconhecer um esquema disciplinar são propósitos compartilhados que ajudam a identificar o que é similar nos gêneros acadêmicos e o que é distinto no que concerne às disciplinas (HYLAND, 2004). Além disso, de acordo com Hyland (2004), a forma como os leitores recebem e compreendem as informações, influencia na forma como os agentes escrevem os textos. Assim, o agente, em uma ação de linguagem, já tenta prever quais seriam as possíveis reações negativas dos receptores em relação ao seu texto.

Para Hyland (2004, p. 14, tradução nossa), “o conhecimento acadêmico não é simplesmente um banco de dados de fatos gerais, e geralmente aceitos, mas sim redes de

⁹ Trecho original: “[...] while disciplines are defined by their writing, it is *how* they write rather than simply *what* they write that makes the crucial difference between them” (HYLAND, 2004, p. 03, *italicos do autor*).

valores, crenças e rotinas que orientam a prática e definem disciplinas”¹⁰. Assim, os textos revelam como os agentes tentam negociar o conhecimento, empregando habilidades retóricas que atestam sua credibilidade frente à comunidade discursiva/disciplinar (HYLAND, 2004).

É importante destacar a explicação do autor com relação à ação social dos textos. Ele explica que esta não pode simplesmente ser lida, pois os participantes nem sempre agem de maneira estratégica e não devemos excluir toda subjetividade inerente a ele, a qual permite escolhas individuais e particulares. No entanto, mesmo considerando esse aspecto, concordamos com o autor citado quanto à ideia de que os propósitos individuais de um agente, inserido no contexto acadêmico, evidenciam também as escolhas sociais dos membros disciplinares, os quais fazem parte do mesmo contexto. Para Hyland (2004) e para nós, investigar os textos na academia é uma forma de aprender sobre como cada disciplina vê, compreende e define o conhecimento científico, além de ser também uma forma de entender como as áreas do conhecimento escrevem em contexto acadêmico.

2.1.2 Práticas de letramento em contextos acadêmicos

Ao escrever em contexto acadêmico, assim como escrever em qualquer domínio discursivo da linguagem¹¹, é necessário levar em consideração as semelhanças e as diferenças observáveis nos gêneros que fazem parte das situações comunicativas. Assim, ao escrever uma resenha, temos que ter em mente as características que a constituem como pertencente a esse gênero e as evidências que a diferenciam dos outros gêneros, como o relatório, por exemplo.

De acordo com Vieira e Faraco (2019), os gêneros que habitam o contexto acadêmico vão do informal (ex: dedicatória) ao ultraformal (ex: memorando), mas, nesses graus de formalidade, os autores destacam que é, na escala “formal”, que os gêneros acadêmicos se inserem, os quais são, além da resenha e do relatório: resumo, prova, artigo científico, fichamento, ensaio, anotações de aulas, ementa, plano de curso, *slides* de uma aula etc.

¹⁰ Trecho original: “Academic knowledge is not simply a databank of general, and generally agreed upon, facts, but networks of values, beliefs and routines that guide practice and define disciplines” (HYLAND, 2004, p. 14).

¹¹ Marcuschi (2008) conceitua “domínio discursivo” como uma esfera da atividade humana que indica instâncias discursivas, a exemplo do discurso jurídico, do discurso jornalístico, do discurso religioso etc. Para o autor, o domínio discursivo “não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem como práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relação de poder” (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Segundo os autores: “Os textos que habitam a universidade se organizam a partir de certas possibilidades e restrições estruturais, temáticas e estilísticas que os caracterizam como pertencentes a este ou àquele gênero” (VIEIRA; FARACO, 2019, p. 91).

Observando essas evidências no contexto acadêmico, foi, na segunda metade do século XX que surgiram os primeiros estudos dos gêneros nesse contexto, os quais já foram citados anteriormente, no âmbito do ESP (English for Specific Purposes) ou Inglês para Fins Específicos. Segundo González e Ibáñez (2017), essa proposta tinha um enfoque no ensino do Inglês como L2 e se desenvolveu a partir das propostas de Halliday, McIntosh e Stevens (1964), os quais propuseram a ideia do ensino de Inglês como atividade acadêmica e científica. A partir disso, universidades de todo mundo começaram a implementar cursos de escrita acadêmica para essa língua. Esses cursos não se destinavam a desenvolver uma competência comunicativa no idioma, apenas intencionavam proporcionar a proficiência necessária nas disciplinas acadêmicas (GONZÁLEZ; IBÁÑEZ, 2017). Tendo influências da abordagem da Linguística Sistêmico Funcional (HALLIDAY, 2000, 2004 *apud* GONZÁLEZ; IBÁÑEZ, 2017), nesse contexto, se fazia necessário re(conhecer) as unidades linguísticas da escrita acadêmica e das disciplinas que eram convencionais ensinar. Bawarshi e Reiff (2013, p. 60 - 61) explicam:

Inserido na categoria mais abrangente de língua para fins específicos, o inglês para fins específicos se concentra no estudo e ensino de variedades especializadas do inglês, na maioria das vezes, voltados para falantes não nativos em contextos acadêmicos e profissionais avançados. Muitas vezes, usa-se ESP como um termo guarda-chuva para incluir áreas de estudo mais especializadas, tais como inglês para fins acadêmicos, inglês para fins profissionais e inglês para fins médicos.

Embora esses estudos tenham se desenvolvido a partir da década de 60, foi a obra de Swales (1990), “*Genre analysis: english in academic and research settings*”, que introduziu a análise de gêneros e ensino em ESP (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 101). Segundo Bawarshi e Reiff (2013), com o tempo, esses estudos foram ficando mais profundos, com vias a descrever não só os traços linguísticos dos gêneros, mas seus propósitos comunicativos e efeitos de variedade da língua. Assim, a abordagem ESP ajudou a fazer uma ligação no desenvolvimento dos já citados estudos linguísticos e sociorretóricos do gênero no contexto acadêmico. González e Ibáñez (2017) afirmam que, nas últimas décadas, os estudos voltados para o contexto acadêmico têm se desenvolvido de maneira profusa, destacando-se os estudos

dos gêneros acadêmicos com enfoque em traços léxico-gramaticais, organização retórica e cultura disciplinar.

Vale ressaltar que, tal como qualquer formação sociodiscursiva, a academia possui situações comunicativas diversas intrínsecas aos agentes de linguagem que também exigem práticas de escritas que contemplem essas particularidades. Segundo Vieira e Faraco (2019, p. 95, destaques dos autores), “aos poucos, a partir de nossas experiências cotidianas, vamos percebendo que **a diversidade das situações demanda de nós práticas de escrita também diversificadas**, que exigem competências múltiplas para além da simples obediência ao registro formal”.

Dessa forma, enquanto autores, vamos levando em conta de que é necessário nos apropriarmos não só das estruturas dos gêneros, mas também do discurso disciplinar no qual estamos inseridos, pois as áreas não são homogêneas e, por consequência, a organização linguística-discursiva também não é. Em entrevista a Ramos e Espeiorin (2009), David Russel afirma que a escrita na universidade é algo muito especializado. O autor destaca que, em contexto acadêmico, os alunos precisam aprender novos gêneros e formas bem diferentes do que eles haviam tido contato na escola. Além disso, os discentes precisam se apropriar das práticas languageiras do seu campo específico e, por consequência, dominar os gêneros que nele circulam.

Seguindo esse raciocínio, Navarro (2017) explica que a escrita acadêmica é uma tecnologia complexa de comunicação que é mediada pelos processos de ensino, aprendizagem, comunicação e avaliação no ensino superior. Articula-se a ela um conjunto de competências diferentes, mas comuns ao meio, bem como conteúdos semióticos diversos, como: imagens, figuras, gráficos etc. Assim, o autor defende que não há apenas uma escrita acadêmica – homogênea – e sim, muitas escritas, formando o que ele chama de espaços multidisciplinares. O autor esclarece:

Para entender mejor esta diversidad, es importante tomar en cuenta los géneros discursivos que los estudiantes deben leer y escribir en educación superior, esto es, las clases de textos situados más o menos estables orientados a fines sociales y comunicativos y con ciertos rasgos temáticos y textuales. En medicina se escriben historias clínicas y epicrisis, pero en ingeniería se escriben informes de laboratorio y practicas profesionales supervisadas [...] (NAVARRO, 2017, p. 09).

Assim, observamos que a diversidade na ciência não se dá apenas no nível do conteúdo temático, mas também no que concerne à utilização dos gêneros textuais que são

comuns a todas as áreas (o resumo acadêmico, o artigo científico, a prova, a dissertação, a tese, o projeto de pesquisa etc.) e dos gêneros que tendem a circular apenas em determinados contextos comunicativos disciplinares. Por exemplo: é comum, na área das engenharias, a circulação de laudos técnicos, diagnósticos, orçamentos, catálogos, licitações e contratos (FRANZEN, 2012 *apud* FRANZEN; HEINIG, 2018), mas a circulação desses gêneros é bastante incomum na área das Letras/Linguística. Assim, inserido no contexto acadêmico, o estudante universitário precisa se adaptar à linguagem aos gêneros disciplinares comuns à sua área.

Sobre as convenções dos gêneros, Bathia (2001 [1997]) afirma que, ao mesmo tempo em que um gênero se torna convencional e comum a um grupo, torna-se totalmente estranho a outro grupo. Segundo o autor, isso “cria uma espécie de distância social entre membros legítimos da comunidade discursiva e aqueles que são considerados como estranhos” (BATHIA, 2001 [1997], p. 112). No entanto, a diversidade nas áreas do conhecimento não compete apenas aos gêneros, mas também ao nível linguístico-discursivo. Sobre isso, Navarro (2017) explica:

en las ciencias exactas y naturales, por ejemplo, se cita poco y en general no importa de qué manera las fuentes dicen lo que dicen, y por eso se usa muy poco el discurso directo pero mucho las normas de cita con superíndices, mientras que en las ciencias humanas e sociales es fundamental dar cuenta de las formas de afirmar y construir argumentaciones de las fuentes citadas y se necesitan normas de cita complejas para bucear en la bibliografía utilizada (NAVARRO, 2017, p. 09).

Assim, percebemos que a escrita acadêmica evidencia as maneiras como os agentes compreendem o mundo e a pesquisa no âmbito científico. Ela é regulada por práticas languageiras decididas por grupos e monitoradas por eles, tendo em vista que os textos acadêmicos são compartilhados na comunidade discursiva e avaliados por ela. Dessa forma, cabe aos novos membros se adaptarem às práticas de linguagem do grupo para serem bem aceitos, com vias a integrar o capital simbólico do conhecimento na área. Tendo em vista a complexidade que gira em torno das funções da escrita no âmbito universitário, Navarro (2017) expõe cinco delas:

a) A escrita acadêmica possui uma função epistêmica: é por meio da escrita que os estudantes revisam, aprendem, transformam os conteúdos disciplinares, exercitam e

internalizam as competências e práticas no contexto cultural e profissional ao qual estão inseridos.

- b) A escrita acadêmica possui uma função retórica: é por meio da escrita que os estudantes não só aprendem conteúdos disciplinares, como também desenvolvem formas disciplinares específicas de se comunicar. Além disso, os leitores e os interlocutores de uma comunidade disciplinar reconhecem seus membros quando estes se comunicam de forma esperada.
- c) A escrita acadêmica possui uma função habilitante: é por meio da escrita que é avaliado o desempenho dos membros e dos grupos, pois o sistema de educação se utiliza do desempenho escrito de um agente para classificá-lo como “aprovado” ou “reprovado”.
- d) A escrita acadêmica possui uma função empoderadora: é por meio da escrita que os agentes evidenciam a competência crítica diante dos conteúdos estudados. Frequentemente, os universitários se veem na condição de suscitar discussões por meio de trabalhos e pesquisas acadêmicas, e são reconhecidos por seus pares pelo desenvolvimento dessas capacidades.
- e) A escrita acadêmica possui uma função expressiva: é por meio da escrita que os agentes se expressam e constroem sua identidade. Por ela, os estudantes são incentivados a construir uma voz própria, pessoal e original, de acordo com os parâmetros disciplinares e de acordo com as vozes de autores consagrados da área. Assim, a escrita acadêmica também evidencia as visões, as interpretações os esforços e as expectativas dos agentes.

De acordo com essas funções, o conhecimento no âmbito acadêmico está intimamente ligado às atividades de leitura e de produção de textos disciplinares, nos quais os agentes são modificados, modificam e regulam as práticas languageiras na formação sociodiscursiva a que pertencem, assegurando seu espaço e proporcionando diálogos entre seus pares. Dessa forma, a compreensão e o desenvolvimento dos gêneros textuais – considerando suas características disciplinares – são centrais para o bom desempenho da escrita de textos dos agentes na academia, bem como a aceitação desse agente na área científica a que se propõe.

Assim, compreender as práticas languageiras, considerando a comunidade discursiva acadêmica e suas respectivas culturas disciplinares, é uma etapa central para se atingir o letramento no contexto acadêmico, pois:

A abordagem da prática social para a escrita acadêmica inclui, para aqueles que trabalham no contexto acadêmico, ajustar novos e variados gêneros de escrita, diferentes exigências em termos de argumentação, estruturação de

informações e estilos retóricos, bem como diferentes preferências dos professores (STREET, 2017, p. 22).

Considerando essa necessidade dos estudantes universitários e também as dificuldades enfrentadas por eles para a realização de tal tarefa, principalmente quando se trata de alunos ingressantes, citamos alguns programas que surgiram com enfoque no ensino da escrita na universidade a exemplo do programa “Escrita Através do Currículo” ou, no original, “*Writing Across the Curriculum*” (WAC).

Esses programas surgiram nas universidades norte-americanas na década de 1970, mas ganharam força a partir dos anos 80 e, desde então, têm se disseminado por outros países, desenvolvendo-se em duas linhas mais específicas: escrever para aprender e aprender para escrever nas disciplinas (BAWARSHI; REIFF, 2013). Segundo Bazerman *et al* (2016), o WAC se refere ao enfoque pedagógico e curricular da escrita acadêmica que, geralmente, é encontrado em programas de redação. Esse movimento forneceu apoio sistemático, institucional e conhecimento educacional à universidade com a intenção de aumentar a quantidade e a qualidade da escrita considerando as disciplinas. Os programas de WAC não desejam que os professores de diferentes disciplinas se transformem em professores de redação, mas visa conscientizá-los a inserirem os estudantes de modo mais profundo na escrita disciplinar mediante seu estudo.

Nesse contexto de estudos, surge também a “*Writing in the Disciplines*” ou WID. Bazerman *et al* (2016) explicam que, embora seja um movimento associado à WAC, a WID possui um enfoque diferente: escrever em disciplinas se refere tanto a um movimento de investigação como a um movimento de reforma curricular que visa ao ensino da escrita vinculado à disciplina específica. Em outras palavras, em WID, não basta escrever considerando as particularidades da escrita na academia, mas escrever visando à cultura disciplinar na qual a escrita pretende circular.

Nesse contexto, vale ressaltar as contribuições das redes e das associações brasileiras e hispano-americanas que se desenvolveram atualmente e que enfocam o estudo e ensino da leitura e da escrita em contextos educacionais, acadêmicos e profissionais, tais como (NAVARRO, 2018):

- a) A Cátedra UNESCO para o *Mejoramiento de la Calidad y Equidad de la Educación en América Latina con base en la Lectura y Escritura*, criada em 1996, possui 44 sedes em 11 países latino-americanos (Colômbia, Argentina, Costa Rica, Chile, Equador, México,

Panamá, Peru, Porto Rico, Venezuela e Brasil). No território brasileiro, encontram-se duas subdeses: na Universidade Federal de Santa Catarina, coordenado pela Dra. Ana Claudia de Souza; e na Universidade Federal da Paraíba, coordenado pela Dra. Regina Celi Mendes Pereira, com as ações do Ateliê de Textos Acadêmicos (ATA);

- b) O projeto Iniciativas de *Lectura y Escritura en la Educación Superior en Latinoamérica* (ILEES), dirigido por Charles Bazerman;
- c) O projeto *Systemics Across Languages* (SAL), organizado por Christian Matthiessen, tendo por liderança no Brasil a Dra. Leila Barbara;
- d) Associação de Linguística Sistêmico-funcional da América Latina (ALSFAL), criada em 2004 e desenvolvida no Brasil e América Latina;
- e) Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED), criada em 1995;
- f) Associação Latino-Americana de Estudos da Escrita no Ensino Superior e Contextos Profissionais (ALLES), criada em 2016 por pesquisadores da América Latina.

Assim, percebemos a articulação desses programas, associações e redes com as propostas de Letramento Acadêmico que evidenciam o desempenho e a permanência do aluno universitário nesse contexto e suscita o desenvolvimento do conhecimento disciplinar de cada discente e da ciência como um todo. Nesse caso, para nós, o conhecimento científico está intimamente ligado à leitura e à escrita no contexto das disciplinas acadêmicas, formando uma engrenagem que permite seu desenvolvimento. Vejamos a figura 1:

Figura 1- Engrenagem que (des)envolve o conhecimento científico



Fonte: elaborado pela autora (2019).

A partir dessa imagem, percebemos mais claramente as ações de “ler e escrever nas disciplinas” no desenvolvimento das ciências, pois, considerando o eixo que leva esse título, ao se mover, essas ações suscitam o movimento horário do conhecimento científico, no que concerne à elaboração, ao registro e à divulgação desse saber. Paralelamente a esse movimento, a leitura e a escrita nas disciplinas fazem girar o eixo “comunidade acadêmica”, pois, a partir desses atos, a comunidade vai aceitando novos membros, considerando novos contextos e ampliando os diálogos nas disciplinas (e entre elas). Assim, esse sistema vai promovendo a ampliação do saber à medida que as práticas linguageiras também vão ocupando um lugar central nessa ascensão. Por fim, fica evidente o destaque que os gêneros textuais acadêmicos recebem nesse espaço e nessa organização. Dessa forma, passemos agora à apresentação das teorias que adotamos sobre gênero e da explanação acerca do artigo científico.

2.2 O GÊNERO TEXTUAL COMO TERMÔMETRO

Para realizarmos a explanação do que estamos considerando como “gênero textual” e do que estamos considerando como “termômetro”, é necessário remontar ao que Vygotsky empregou como o “método” mais adequado para os estudos no campo da psicologia: o método indireto – explicado por Friedrich (2012). Ao contrário do método direto, que limita a possibilidade de análise àquilo que é observável por meio da experiência, o método indireto conduz a análise dos fenômenos por meio da interpretação de traços que estes deixam transparecer ao pesquisador, pois, no caso do estudo do psiquismo, não há como o investigador ter acesso por via direta ao fenômeno. Assim, Friedrich (2012) explica que, na ideia de Vygotsky, o psicólogo, tal como um historiador – que só tem acesso a traços ou vestígios do passado –, interpreta e reconstrói seu objeto de análise a partir das marcas de psiquismo.

Para ter acesso a esses traços, Vygotsky considerou o uso de instrumentos e deu um exemplo bastante interessante que diz respeito ao “termômetro”. Para ele, o termômetro dá sinais da temperatura de um corpo, cabendo à pessoa interpretá-lo. Nesse ínterim, esse instrumento é um modelo do método indireto, ao qual o investigador não terá acesso imediato ao calor, mas a traços dele (FRIEDRICH, 2012). Assim, dizemos que o termômetro é um

instrumento que permite a interpretação, pois ele deixa transparecer vestígios de uma realidade. Friedrich (2012, p. 51, itálico da autora) esclarece: “é só no modo *mediatizado*, por meio de conceitos, das reconstruções e dos instrumentos comparáveis ao termômetro, que uma produção de conhecimento científico é possível no quadro da psicologia”.

Tomando como base esse posicionamento de Vygotsky, Schneuwly (2004 [1994]) considera os gêneros textuais como instrumentos psicológicos que medeiam as atividades e dão-lhes formas, mas que representam também essa atividade, pois eles a materializam e a concretizam. Assim, segundo o autor, se esse instrumento se transforma, ele transforma também os comportamentos dos agentes em uma dada situação. No entanto, “o instrumento, para se tornar mediador, para se tornar transformador da atividade, precisa ser apropriado pelo sujeito; ele não é eficaz senão à medida que se constroem, por parte do sujeito, os esquemas de sua utilização” (SCHNEUWLY, 2004 [1994], p. 22).

Nessa concepção, o gênero é um instrumento, tal qual um termômetro, pois evidencia as construções sociais e psicológicas do agente que o empreendeu, mediatizando a ação de linguagem, considerando tudo que a compõe. Para Bronckart (2006, p. 143), “qualquer produção de texto implica, conseqüente e necessariamente, escolhas relativas à seleção e à combinação dos mecanismos estruturantes, das operações cognitivas e de suas modalidades de realização linguística” e, ainda que o pesquisador, diante de um texto, não tenha acesso à essência total desses elementos, ele poderá ter acesso às suas evidências por meio do gênero empregado (instrumento).

Ainda nesse conceito de “gênero”, Schneuwly (2004 [1994]) constrói outra metáfora ao considerá-lo como um “megainstrumento”. Para ele, o gênero é: “uma configuração estabilizada de vários sistemas semióticos (sobretudo linguísticos, mas também paralinguísticos), permitindo agir eficazmente numa classe bem definida de situações de comunicação” (SCHNEUWLY, 2004 [1994], p. 25). Assim, o autor esclarece que esse megainstrumento se insere num sistema complexo de outros megainstrumentos, os quais contribuem para a manutenção e para a sobrevivência de uma sociedade.

Bronckart (2012 [1999], p. 75) considera como texto “toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente”. Segundo o autor, todo texto se insere, necessariamente, em um conjunto de textos: os gêneros, que são espécies de textos que se apresentam em características comuns. Além disso, o autor esclarece: “A apropriação dos gêneros é [...] um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas. [...] É nesse processo geral de apropriação dos gêneros que se molda a pessoa humana” (BRONCKART, 2012 [1999], p. 103).

Levando também em consideração esse aspecto essencialmente social dos gêneros, Bazerman (2006) afirma que os gêneros são formas de vida e modos de ser. Por meio deles, temos ambientes de aprendizagem e descoberta do psiquismo humano. Nesse sentido, o autor orienta:

O gênero é apenas a realização visível de um complexo de dinâmicas sociais e psicológicas. Ao compreendermos o que acontece com o gênero, porque o gênero é o que é, percebemos múltiplos fatores sociais e psicológicos com os quais nossos enunciados precisam dialogar para serem mais eficazes (BAZERMAN, 2006, p. 29).

Essa citação corrobora o que explanamos até agora: o gênero é um megainstrumento e, tal como o termômetro de Vygotsky, por meio dele, podemos observar os fatos dinâmicos sociais e psicológicos que os seres humanos mobilizam em uma ação languageira. Sendo assim, não podemos reduzir os gêneros a tipificações e generalizações rígidas descontextualizadas, pois, além das características pessoais, os textos evidenciam também as características de pensamento de uma sociedade e de uma cultura disciplinar.

2.3 ARTIGO CIENTÍFICO

Diante das discussões que desenvolvemos até agora acerca das práticas languageiras presentes na comunidade acadêmica, está mais do que evidente que, por consequência delas, o conhecimento científico só se realiza no seio de uma sociedade, de uma comunidade e de uma cultura disciplinar. Portanto, não possui suas bases em um pensamento solitário e introspectivo. Uma pesquisa científica, segundo Hyland (2004), é um empreendimento social, ou seja, o saber é fruto das circunstâncias e das condições de uma determinada compreensão, época e lugar.

Ao afirmar que “ciência é conhecimento público”, Zilman (1979, p. 24) destaca que a essência da palavra “público”, nesse contexto, não é correspondente de modo exato a “publicado”, pois é extremamente fácil – principalmente hoje com intenso uso das redes sociais – publicar um texto, basta imprimi-lo, distribuí-lo ou compartilhá-lo. De acordo com Zilman (1979, p. 24):

O conhecimento científico é mais do que isso. Seus fatos e teorias têm de passar por um crivo, por uma fase de análises críticas e de provas, realizadas por outros indivíduos competentes e desinteressados, os quais deverão

determinar se eles são bastante convincentes para que possam ser universalmente aceitos.

Assim, é nessa acepção que consideramos a disseminação do conhecimento científico, fazendo uma distinção do que estamos considerando como “conhecimento público” e “conhecimento publicado”. É importante ressaltar o duplo significado da palavra “público” que se refere tanto às ideias de um grupo, de uma comunidade ou de uma sociedade, quanto à ideia de “estar acessível como bem comum”. Assim, apesar das descobertas científicas estarem acessíveis aos pares e demais agentes, elas não significam apenas isso, pois refletem as hipóteses, os métodos, as discussões, os resultados e as conclusões de uma comunidade com compromisso científico.

Dessa forma, é por meio da publicação que os intelectuais asseguram seus espaços profissionais, tendo em vista que a produtividade intelectual é medida pela quantidade e qualidade de publicações e que o sistema universitário brasileiro, no que concerne à política de concessão de bolsas de financiamento, se baseia na concepção de “publique ou pereça” (*publish or perish*), advinda das universidades norte-americanas (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010). Nesse tenso contexto de obrigatoriedade de publicação, está o gênero textual artigo científico, o qual guarda considerável valor no contexto acadêmico, no que concerne à concisão e objetividade, além das publicações em periódicos especializados, os quais possuem indexação¹², *qualis*¹³ e fator de impacto¹⁴.

De acordo com Motta-Roth e Hendges (2010, p. 65), o artigo acadêmico¹⁵ é “um texto, de aproximadamente 10 mil palavras, produzido com o objetivo de publicar, em periódicos especializados, os resultados de uma pesquisa desenvolvida sobre um tema específico”. As autoras complementam que esse gênero serve como uma via de comunicação entre os agentes acadêmicos, tais como: pesquisadores, profissionais, professores e alunos de graduação e pós-graduação. Por outro lado, ao considerar o gênero como uma via de comunicação, Leitão e

¹² A Indexação diz respeito a um índice que as revistas podem receber no sistema nacional de catalogação de periódicos. Para ser indexada, a revista precisa manter a periodicidade e a atualização das publicações. Além disso, precisa manter um corpo editorial de modo a controlar a qualidade dos textos submetidos à publicação (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010).

¹³ O *qualis* se refere a uma base de dados controlada pela CAPES que se dedica à classificação qualitativa dos periódicos especializados para a divulgação da produção intelectual em todas as áreas do conhecimento (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010).

¹⁴ O fator de impacto consiste em uma medida de relevância baseada na frequência de citações. Motta-Roth e Hendges (2010, p. 15) explicam que “o fator de impacto de determinado periódico é resultante do seguinte cálculo: considera-se o número de citações que esse periódico recebeu nos dois anos anteriores em relação ao número de artigos que publicou e faz-se uma média”.

¹⁵ Motta-Roth e Hendges (2010) utilizam a expressão “artigo acadêmico” no lugar de “artigo científico” para nomear todo tipo de artigo, considerando as diferentes naturezas encontradas nesse gênero, tais com: revisão de literatura, teórico, experimental ou empírico.

Pereira (2014) assumem que o artigo acadêmico-científico vai além desse conceito, sendo constituído “como um meio de interação, de diálogo entre esses agentes” (LEITÃO; PEREIRA, 2014, p. 21).

A relevância desse gênero na circulação do conhecimento na academia se centra na ideia de que o artigo é o gênero textual mais conceituado na divulgação do saber especializado (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010), mas reiteramos que esse gênero também possui particularidades que o constituem como um gênero especializado, a depender da cultura disciplinar da qual faz parte, pois apresenta estrutura, características e linguagem comuns ao grupo disciplinar, uma vez que entendemos que o discurso acadêmico não é uniforme ou monolítico, conforme Hyland (2004). Para esse autor, o discurso acadêmico possui tópicos e vocabulários especializados, sendo gerenciado por um grupo específico.

Hyland (2004) considera o artigo científico como um dos gêneros “criadores do conhecimento” e esclarece que, em gêneros como esse, as práticas linguageiras possuem a necessidade de: estabelecer a novidade da posição de alguém; elaborar reivindicações; reconhecer os trabalhos anteriores visando situar as reivindicações em um contexto disciplinar; oferecer argumentos e procedimentos específicos da comunidade, visando garantir seu posicionamento; e, por fim, demonstrar um “*ethos*” disciplinar de acordo com os propósitos e disposição para negociar com os agentes da comunidade (HYLAND, 2004).

O artigo científico é um gênero que representa bem uma comunidade disciplinar, uma vez que, apesar de ser elaborado por um agente ou por um grupo pequeno de agentes, é altamente controlado pela comunidade, pois os textos passam pelos procedimentos de revisão por pares e obedecem fielmente às normas estabelecidas pelos congressos, eventos, editores e revistas científicas, além, claro, de ter passado por algum tipo de orientação, de colaboração, de edição ou de avaliação.

Na classificação formal desse gênero, Motta-Roth e Hendges (2010) expõem que os artigos podem seguir estruturas que variam de acordo com a área e com o problema de pesquisa, mas as autoras expõem três classificações gerais: artigo de revisão teórica, artigo experimental e artigo científico empírico. O artigo de revisão teórica relata uma pesquisa que consistiu no levantamento da revisão da literatura de algum tema e em um determinado período de tempo. O artigo experimental relata um experimento elaborado para fins de testagem de hipóteses. O artigo científico empírico relata uma pesquisa desenvolvida em um ambiente experimental controlado, mas reporta a observação direta dos fenômenos, conforme percebidos pela experiência (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010). Vale destacar que nosso *corpus* documental, que é composto por artigos, focaliza o artigo experimental.

Na intenção de reportar sua pesquisa, o agente, envolvido na ação de linguagem, deve convencer o leitor da relevância do seu trabalho dentro da disciplina e dentro da comunidade acadêmica. Para demonstrar isso, “o autor descreve o estudo, expõe e avalia seus resultados, conclui e argumenta, utilizando as convenções próprias àquela área” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 68), e deve seguir uma progressão de informações que são organizadas, basicamente em quatro seções: introdução, metodologia, resultados e discussão. Motta-Roth e Hendges (2010) esclarecem:

Essa progressão pode ser descrita como a passagem de uma visão geral da disciplina, em que situa o conhecimento estabelecido e o que ainda falta descobrir sobre o problema [...], passando por uma descrição detalhada de como a pesquisa foi desenvolvida e que dados ela obteve [...], até a interpretação dos dados como evidências de dado fenômeno e a demonstração da relevância desses resultados para o conhecimento inicialmente descrito como estabelecido, questionando-o ou reafirmando-o [...]. O texto avança do conhecimento amplamente aceito na área para a geração de um novo conhecimento específico e deste de volta para a área (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 69).

Assim, fica evidente a complexidade das mobilizações cognitivas e textuais que um agente dispõe na elaboração de um artigo científico, organizando-o numa sequência cíclica e retroativa da produção do conhecimento, a qual parte da área, do tema e da cultura e volta para essas instâncias, dando sua contribuição. Nessa concepção, e considerando os chamados “processos multifacetados de elaboração de artigos”, Pereira, Basílio e Leitão (2017, p. 663) defendem o artigo científico como “um gênero caleidoscópico”. As autoras afirmam:

Sustentamos a tese de que o artigo científico constitui-se um gênero textual elaborado através de um processo de textualização, realizado a partir de diferentes atividades de retextualização, e imbricado de diferentes gêneros textuais, resumo, resenha e projeto de pesquisa, dentre outros – cada um moldado por diferentes ações de linguagem, figuras de ações e microações de linguagem que ora convergem, ora divergem –, comportando-se como um caleidoscópico (PEREIRA; BASÍLIO; LEITÃO, 2017, p. 669- 670).

Para as autoras, diversas microações de linguagem são dispostas pelo agente de modo específico para gerar um texto. Essas microações, no caso do artigo acadêmico-científico e de vários outros gêneros presentes no contexto acadêmico, são organizadas de modo que outros gêneros se sobrepõem na sua composição, gerando uma materialidade textual-discursiva que evidencia os variados ângulos de compreensão da ação de linguagem (PEREIRA; BASÍLIO; LEITÃO, 2017). Dessa forma, o artigo se caracteriza como gênero híbrido, pois seu processo

de elaboração “vai demandar, então, a experiência na elaboração de resumos, resenhas e projetos, nos quais vão estar presentes microações de linguagem que são comuns, em maior ou menor intensidade, a todos eles” (PEREIRA; BASÍLIO; LEITÃO, 2017, p. 692).

Ressaltamos que essas microações que se sobrepõem ficam evidentes na materialidade textual discursiva no que concerne às seções que um artigo geralmente apresenta, mas sofrem variações a depender da cultura disciplinar na qual está inserido. Assim, para nós, longe de considerarmos apenas os elementos estruturais, os quais são explicitados por qualquer manual de metodologia, concebemos o artigo científico como um gênero sobre o qual incidem e constituem elementos gerais. Estes se organizam mais ou menos de acordo com a imagem 2:

Figura 2- Composição geral de um artigo científico



Fonte: elaborado pela autora (2019).

Dessa forma, o artigo científico, apesar de ser um gênero de alta circulação no âmbito acadêmico, está longe de ser padronizado e engessado. Por sua natureza composicional geral, que é formada pelos elementos textuais-discursivos, pelo conteúdo temático, pelas microações de linguagem e pelas influências da cultura disciplinar a que pertence, o artigo científico possui variações linguísticas e organizacionais, uma vez que seus elementos evidenciam textualmente tanto os objetivos a que se propõe sua escrita – reportar uma pesquisa – quanto deixam transparecer a forma como o conhecimento é pensado, construído, validado e organizado no âmbito das ciências.

3 O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO (ISD)

“A especificidade do ISD é a de postular que o problema da linguagem é absolutamente central ou decisivo para essa ciência do humano”

(BRONCKART, 2006, p. 10).

O presente capítulo trata do quadro teórico central da nossa investigação e visa ser sucinto e direto, uma vez que muito já foi dito, explorado e retomando sobre o ISD em diversos trabalhos acadêmicos. Sendo assim, inicialmente, sabendo que o quadro teórico-metodológico do ISD é bastante amplo e denso, apenas apresentamos uma breve visão geral das suas bases teóricas e de seus elementos fundamentais. Em seguida, tratamos do folhado textual, expondo o que a teoria considera como “camadas” na tessitura da organização de um texto. Por fim, nos voltamos para a explanação dos elementos que compõem as categorias de análise do trabalho.

3.1 VISÃO GERAL

A epistemologia do ISD se centra nas bases do Interacionismo Social, no qual se destacam diversas correntes da filosofia e das ciências humanas, as quais possuem enfoque, segundo Bronckart (2012 [1999]), nas contribuições da antropologia (LEROI-GOURHAN, 1964, 1965) e da socioantropologia (MORIN, 1977); nas abordagens sociofilosóficas (HABERMAS, 1987; RICOEUR, 1986); nos aportes da sociologia e da psicossociologia (BOURDIEU, 1980; MOSCOVICI, 1961); nas análises dos gêneros e tipos de texto (VOLOSHINOV, 1977; BAKHTIN 1978; 1984); nas considerações sobre as formações sociais (FOUCAULT, 1969); na teoria da dupla face dos signos (SAUSSURE, 1916); e nas ideias interacionistas em psicologia (VYGOTSKY, 1934/1985). Além disso, de acordo com Bronckart (2012 [1999]), o Interacionismo leva em consideração as teorias de Durkheim (1898) sobre as representações coletivas, sociais e individuais.

Segundo o autor, a posição interacionista se interessa pelas condições sociais do ser humano no que concerne à linguagem e às organizações grupais complexas. Para ele, essa posição trata dos processos filogenéticos e ontogenéticos, pelos quais as propriedades sociosemióticas “[...] tornam-se objeto de uma apropriação e de uma interiorização pelos

organismos humanos, transformando-os em **peçoas**, conscientes de sua identidade e capazes de colaborar com as outras na construção de uma racionalidade do universo que os envolve” (BRONCKART, 2012 [1999], p. 22, destaque do autor).

A partir dessas considerações, e reconhecendo a centralidade da linguagem no desenvolvimento humano, Jean-Paul Bronckart e sua equipe – composta por Daniel Bain, Bernard Schneuwly, Auguste Pasquier, Joaquin Dolz e outros – desenvolveram pesquisas por mais de uma década e organizaram o quadro teórico-metodológico do ISD. Segundo o autor:

O ISD aceita todos os princípios fundadores do interacionismo social e contesta, portanto, a divisão atual das Ciências Humanas/Sociais: nesse sentido, não é uma corrente propriamente linguística, nem uma corrente psicológica ou sociológica; ele quer ser visto como uma corrente da ciência do humano (BRONCKART, 2006, p. 10).

Inserindo-se nessa concepção de “ciência do humano”, o ISD considera ainda as contribuições de Spinoza na obra “*L'éthique*” (1677/1954), no que concerne à tese do universalismo: monismo, paralelismo psicofisiológico e a discretização; e as contribuições de Leontiev (1979), no que concerne à noção de “atividade”, a qual organiza os comportamentos dos organismos vivos e, por meio da qual, esses argumentos acessam ao meio ambiente e podem construir elementos de representação interna sobre esse mesmo ambiente (BRONCKART, 2012 [1999]).

Partindo das bases teóricas citadas, Bronckart (2012 [1999]) defende que a espécie humana é caracterizada pela diversidade e pela complexidade de suas formas de organização e de suas formas de atividade. Para ele, essa evolução está relacionada à emergência da linguagem que confere às organizações e às atividades humanas um caráter social. Sobre isso, o autor complementa: “na espécie humana, a cooperação dos indivíduos na atividade é, ao contrário, regulada e mediada por verdadeiras interações verbais e a atividade caracteriza-se, portanto, por essa dimensão que Habermas (1987) chamou de **agir comunicativo**” (BRONCKART, 2012 [1999], p. 32, destaques do autor). Esse agir comunicativo, que é essencialmente social, é mediado por normas dos mundos representados, pois, segundo o autor, os signos remetem aos aspectos de três mundos: mundo objetivo, mundo social e mundo subjetivo.

O mundo objetivo (agir teleológico) remete ao meio físico em que a atividade de linguagem é envolvida, pois, para que ela se efetue, é necessário que o agente tenha acesso às representações pertinentes sobre os parâmetros do ambiente. O mundo social (agir regulado por normas) diz respeito aos conhecimentos coletivos acumulados pelo agente os quais se

convencionam na cooperação entre os membros do grupo. O mundo subjetivo (agir dramaturgicamente) se refere às características individuais e próprias de cada indivíduo envolvido no agir. Essas características não deixam de ser sociais, uma vez que todo e qualquer agente se constitui em sociedade. Por isso, que, muitas vezes, consideramos esses dois últimos mundos como um só: o mundo sociosubjetivo. Assim, Bronckart (2012 [1999], p. 34, destaques do autor) explica que: “sob o efeito mediador do agir comunicativo, o homem transforma o meio [...] nesses mundos representados, que constituem, a partir daí, o **contexto específico** de suas atividades”.

É importante ressaltar que a relação entre a atividade de linguagem, mundos e contexto é dialética, pois o ISD considera que, apesar dos mundos definirem o contexto das atividades de linguagem, são essas mesmas atividades, organizadas em textos, que constroem os mundos representados, os quais se transformam. Além disso, Bronckart (2012 [1999]) orienta que, apesar das comunicações serem globais, elas não são sociologicamente homogêneas, pois “[...] são atravessadas por organizações diversas, complexas e hierarquizadas, no quadro das quais, permanentemente, se desenvolvem relações de força e conflitos entre grupos sociais com interesses divergentes” (BRONCKART, 2012 [1999], p. 36).

Assim, o autor demonstra que, uma comunidade verbal – a qual poderíamos inferir que seja constituída por um padrão coletivo – apresenta, em sua constituição, uma diversidade de formações sociais, sendo influenciada por objetivos e interesses particulares e diversos. Essas formações sociais são chamadas por Bronckart (2012 [1999]) de “formações sociodiscursivas”, termo adaptado a partir do que Foucault (1969) nomeia de “formações discursivas”. Essas formações sociodiscursivas, Bronckart (2012 [1999]) as definem como

[...] mecanismos que, no próprio movimento que gera modalidades particulares de organização dos signos e que chega a formas variadas de “discurso” (que chamaremos de **gêneros de texto**), moldam os conhecimentos (objetos, conceitos, estratégias, etc.) dos membros de uma mesma formação social de uma forma particular (BRONCKART, 2012 [1999], p. 37, destaques do autor).

Conforme o trecho supracitado, essa definição é central em nossa pesquisa pelo fato de que essa ideia explica a materialidade das formações sociodiscursivas a partir do texto, “únicas realidades empiricamente atestáveis das línguas” (BRONCKART, 2012 [1999], p. 37), o qual se apresenta de forma variada a partir da organização dos signos (gêneros). Esses textos, por sua vez, acomodam os conhecimentos dos membros de uma mesma formação

social, sem ignorar as implicações particulares. Assim, consideramos que, ao conhecermos as estruturas e as composições dos textos pertencentes a um ou vários gêneros, unidades socialmente compartilhadas, temos conhecimento também do agir comunicativo da coletividade que o empreendeu. Segundo Bronckart (2012 [1999], p. 38):

Os mundos representados já foram “ditos” bem antes de nós e os textos e os signos que os constituíram continuam trazendo traços dessa construção histórica permanente. Em um dado estado sincrônico, portanto, o locutor de uma língua encontra-se confrontado a esse duplo produto histórico dos mundos representados e dos textos já dados.

Assim, o autor evidencia o caráter profundamente histórico e intertextual das produções de linguagem de um indivíduo em relação aos grupos sociais precedentes. No entanto, é importante destacar que o ISD, ao levar essas ideias em consideração, não acredita que o agir linguageiro seja mediado unicamente por um determinismo social, pois, ao mesmo tempo em que as formações sociais influenciam a ação de linguagem de um agente, esse mesmo agente molda também suas formações sociais, a partir da validade do seu discurso. É um movimento dialético (BRONCKART, 2008).

A partir disso, convém definir o que o ISD considera como “ação de linguagem”. Tomando as dimensões sociais e históricas como pioneiras nas condutas humanas, Bronckart (2012 [1999]) afirma que elas não são as únicas, uma vez que as mesmas condutas apresentam uma dimensão psicológica, a qual o ISD considera como secundária. Se atendo ao que Habermas e Ricoeur chamam de “ação significativa”, o ISD chama simplesmente de “ação” e a define como sendo composta por um ponto de vista externo (social) e um ponto de vista interno (individual). Uma ação, portanto, sendo constituída de motivos, intenções e responsabilidade, é uma unidade de análise, reivindicada por Vygotsky, que coloca em interação “as dimensões físicas (ou comportamentais) e psíquicas (ou mentais) das condutas humanas” (BRONCKART, 2012 [1999], p. 40).

Ao considerar esses elementos, Bronckart (2012 [1999]) destaca que, em uma situação de ação de linguagem, obviamente, nós não temos acesso ao que compõem os aspectos psíquicos do agente, mas temos acesso ao que ele deixa transparecer a partir de uma situação interiorizada em consonância com os mundos representados, ou seja, aquilo a que o pesquisador, ou qualquer outra pessoa, tem acesso é o que está no nível do texto e dos elementos que o compõem, dentre eles, o contexto de produção.

Segundo o autor, “o **contexto de produção** pode ser definido como o conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre como um texto é organizado”

(BRONCKART, 2012 [1999], p. 93, destaques do autor). Os fatores que compõem o contexto de produção estão agrupados no que concerne ao mundo físico e ao mundo sociossubjetivo.

Sobre o mundo físico, o autor explica que todo comportamento verbal concreto possui suas bases em um agente que está situado em um tempo e um espaço. Esse contexto físico, portanto, pode ser organizado em quatro parâmetros (BRONCKART, 2012 [1999]), conforme o quadro 1:

Quadro 1- Parâmetros do contexto físico



Fonte: adaptado de Bronckart (2012 [1999], p. 93).

É importante ressaltar a diferença, segundo o ISD, entre “receptor” e “interlocutor”. O interlocutor é um agente que interage com o emissor de alguma forma, seja ela escrita (em cartas, por exemplo) ou oral (em diálogos, por exemplo). Assim, nos casos em que o receptor não tem possibilidade de resposta, não há “interlocutor”, apenas “receptor”.

No que concerne ao mundo sociossubjetivo, o quadro das atividades se insere na interação comunicativa. Esse contexto também pode ser organizado a partir de quatro parâmetros, os quais estão explicitados no quadro 2, conforme Bronckart (2012 [1999]):

Quadro 2- Parâmetros do contexto sociossubjetivo

Fonte: adaptado de Bronckart (2012 [1999], p. 94).

É importante destacar a característica referente aos papéis exercidos pelo enunciador e destinatário, que não é de mero produtor e receptor do texto, respectivamente, mas dizem respeito a **seres únicos** na interação. Sobre isso, Bronckart (2012 [1999]) esclarece que esses agentes devem ser entendidos em seus contextos físicos e sociossubjetivos e ressalta que, para se referir ao agente-produtor da ação de linguagem, o ISD o nomeia simplesmente de **autor**.

Além do contexto de produção, o conteúdo temático também entra na composição de uma ação de linguagem. Sobre esse elemento, Bronckart (2012 [1999], p. 97, destaques do autor) explica: “O **conteúdo temático** (ou **referente**) de um texto pode ser definido como um conjunto das informações que nele são explicitamente apresentadas, isto é, que são traduzidas no texto pelas unidades declarativas da língua natural utilizada”. Assim, um texto pode ser constituído por temas que dizem respeito ao meio físico, social, subjetivo ou combinando esses aspectos. Dessa forma, as informações do conteúdo temático condizem com as representações do autor (BRONCKART, 2012 [1999]).

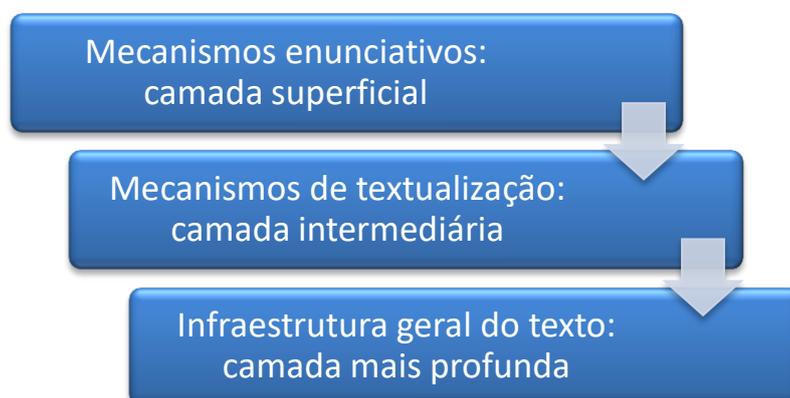
Por serem compostos por representações, os textos são frutos de semiotizações do mundo ordinário do agente-produtor e se organizam, segundo Bronckart (2012 [1999]), em mundos discursivos, os quais são ordenados de acordo com as coordenadas exclusivas que

compõem o que o autor chama de **tipos de discurso**, que são: discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração. Assim, por ora, sem nos aprofundarmos nos tipos de discurso, apenas pontuamos que, de acordo com Bronckart (2008), é no quadro da prática dos tipos/mundos discursivos que se constroem e se desenvolvem as diversas formas de raciocínio humano. Dessa forma, diante de tudo que foi explicitado até agora, convém explicar o que o ISD considera como “organização interna dos textos”. Sobre isso, Bronckart (2012 [1999]) expõe que **todo texto** é organizado em três níveis superpostos e, em parte, interativos. Esses três níveis definem o que é considerado como “**folhado textual**”.

3.2 O FOLHADO TEXTUAL

Segundo Bronckart (2012 [1999]), as camadas que compõem o folhado textual se baseiam no caráter hierárquico (ou parcialmente hierárquico) de **qualquer produção textual**. Para o ISD, esses níveis são organizados de acordo com a figura 3:

Figura 3- As camadas do folhado textual



Fonte: adaptado de Bronckart (2012 [1999]).

Na infraestrutura geral, estão: o **plano geral** do texto; os **tipos de discurso**; as **modalidades e as articulações entre os tipos de discursos** apresentados; as **sequências** que eventualmente aparecem e a **coesão verbal**¹⁶. O plano geral se refere à organização do

¹⁶ De acordo com a reformulação pontuada por Bronckart (2015), esse tópico passa a incorporar a infraestrutura textual por sua forte ligação com os tipos de discurso. Dessa forma, a coesão verbal deixa de fazer parte dos mecanismos de textualização, conforme a organização inicial do folhado textual (BRONCKART, 2012 [1999]).

conteúdo temático, mostra-se visível no processo de leitura e pode ser codificado em um resumo. A noção de tipos de discurso designa os diferentes segmentos que o texto comporta. As sequências designam os modos de planificação de linguagem que se desenvolvem no interior do texto. A coesão assegura a organização temporal e hierárquica dos processos verbais, os quais são realizados pelos tempos verbais (BRONCKART, 2012 [1999]).

Os mecanismos de textualização consistem em “criar séries isotópicas que contribuem para o estabelecimento da coerência temática” (BRONCKART, 2012 [1999], p. 122). Além disso, eles estão articulados à linearidade do texto, são eles: **mecanismos de conexão e coesão nominal**. Os mecanismos de conexão contribuem para marcar as articulações da progressão temática por meio das unidades: conjunções, advérbios (ou locuções adverbiais), preposições, grupos nominais e segmentos de frase. Os mecanismos de coesão nominal possuem a função de “introduzir” os temas e os personagens de um texto. Além disso, asseguram sua retomada, ou substituição na linearidade da produção. As unidades que o compõem são as anáforas (BRONCKART, 2012 [1999]).

Os mecanismos enunciativos asseguram a coerência pragmática (ou interativa) do texto e contribuem para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos, em que vozes são expressas no texto e traduzem as diversas avaliações (modalizações) que podem aparecer sobre algum aspecto do conteúdo temático. As **vozes** dizem respeito: à voz do autor empírico, às vozes sociais e às vozes de personagens. As **modalizações** são denominadas de acordo com o seguinte subconjunto: modalizações lógicas (valor de verdade); modalizações deônticas (valores sociais); modalizações apreciativas (valores subjetivos); modalizações pragmáticas (valores de responsabilidade – capacidade de ação) (BRONCKART, 2012 [1999]).

Vale ressaltar, conforme dito anteriormente, que a organização proposta para o folhado textual constitui a **configuração geral de qualquer produção de texto**. No entanto, no que concerne às análises, o ISD preconiza uma organização no que tange aos **níveis de investigação que uma pesquisa pode empreender**. Esses níveis têm por base o folhado, mas não se sustentam como uma ordem textual, mas metodológica, pois explicita as categorias de análise do quadro teórico.

3.3 O ISD E A ANÁLISE DE TEXTOS

Bronckart (2008), ao considerar o esquema de desenvolvimento cognitivo humano explicado por Vygotsky, entende que a investigação das práticas languageiras deve se pautar em uma análise descendente, que se desenvolve em três etapas: análise dos pré-construídos; análise dos processos de mediação sociosemióticos e apropriação de determinados aspectos dos pré-construídos; e análise dos efeitos desses processos de mediação e apropriação, influenciando o desenvolvimento do ser humano. Sobre a abordagem descendente, o autor destaca que ela tem o objetivo “[...] de ressaltar a influência primeira e fundamental dos pré-construídos histórico-culturais” (BRONCKART, 2008, p. 111).

No entanto, a concepção de método de pesquisa do ISD não se reduz à concepção descendente, pois esse aporte não considera que exista um determinismo sócio-histórico que influencia totalmente os indivíduos e suas práticas. Para Bronckart (2008), ao adotarmos a perspectiva de análise descendente, devemos relacionar os três níveis citados, inseridos em um movimento dialético permanente. Ou seja, “[...] se os pré-construídos humanos mediatizados orientam o desenvolvimento das pessoas, estas, por sua vez, com o conjunto de suas propriedades ativas, alimentam continuamente os pré-construídos coletivos (elas os desenvolvem, os transformam, os contestam etc)” (BRONCKART, 2008, p. 112).

Em outras palavras, o método de análise descendente considera os aspectos cíclicos dos elementos investigativos ao considerar que a sociedade influencia o ser humano e este influencia a sociedade. Complementando a exposição sobre a abordagem metodológica das investigações do ISD, Bronckart (2008) afirma que a análise do ambiente humano é o primeiro trabalho a ser desenvolvido, devendo incidir sobre quatro elementos principais desse ambiente. São eles: a) as **atividades coletivas**; b) as **formações sociais**; c) os **textos**; d) os **mundos formais de conhecimento**.

O autor explica que o ambiente humano é constituído não só pelo meio físico, mas também pelas ações humanas que se organizam em “**atividades coletivas complexas**” (BRONCKART, 2008, p. 112, destaques nossos). Com base em Leontiev, Bronckart (2008) afirma que essas atividades vão muito além das orientadas pelas leis de sobrevivência, pois o ser humano tem a capacidade de transformar seu meio e suas relações em seu entorno. O autor destaca que

[...] as atividades devem ser consideradas como o elemento principal ou fundamental do ambiente humano. A essas atividades não verbais ou gerais

se articulam *atividades languageiras*, que, como mostra Habermas, contribuem para o estabelecimento de um acordo sobre os contextos das atividades e asseguram sua regulação (BRONCKART, 2008, p. 112. Itálicos do autor).

Conforme a citação supracitada, para o ISD, é evidente a centralidade das atividades languageiras para o desenvolvimento do ser humano, pois essas atividades medeiam as atividades gerais. Em publicação anterior, Bronckart (2012 [1999], p. 35) já havia esclarecido que as atividades de linguagem se organizam em discursos e textos.

Acerca dos **textos**, Bronckart (2008) complementa que são “[...] correspondentes empíricos das atividades languageiras, produzidos com os recursos de uma língua natural” (BRONCKART, 2008, p. 113). Para o autor, os textos são unidades comunicativas globais e possuem características que dependem da situação de produção, das atividades gerais e das condições sócio-históricas de produção. Além disso, eles se distribuem em gêneros que são reconhecidos e adaptados às situações comunicativas específicas.

Sobre **as formações sociais**, o autor esclarece que “são formas concretas que as organizações da atividade humana e, de modo mais geral, da vida humana, assumem, em função dos contextos físicos, econômicos e históricos” (BRONCKART, 2008, p. 113). Para ele, as formações sociais geram regras e valores que influenciam as interações dos membros de um grupo. Devido a esse aspecto e às relações estratificadas, essas formações são, por vezes, conflituosas.

Os **mundos representados**, também conhecidos como “mundos formais”, “[...] são produtos de operações de descontextualização e de generalização [...] que se aplicam aos textos e aos conhecimentos que eles veiculam” (BRONCKART, 2008, p. 113). Segundo o autor, sob o efeito dessas operações, certos conhecimentos são abstraídos dos seus contextos socioculturais e tendem à universalidade.

Assim, considerando o ambiente humano e **com base nas camadas do folhado**, o autor desenvolve três níveis de análise em que seus aspectos podem ser analisados todos juntos ou de forma particular, a depender do objeto de investigação. Para facilitar a compreensão dos aspectos que compõem cada nível, vejamos o quadro 3, elaborado conforme Machado e Bronckart (2009).

Quadro 3- Elementos que compõem os níveis de análise na perspectiva do ISD

Contexto de produção	Contexto sócio-histórico; suporte; contexto linguageiro imediato; intertexto e situação de produção.
Nível organizacional	Infraestrutura e mecanismos de textualização
Nível enunciativo	Marcas de pessoa, índice de inserção de vozes, modalizadores de enunciado, modalizadores pragmáticos e outras diferentes marcas de subjetividade.
Nível semântico	Semântica do agir

Fonte: adaptado de Machado e Bronckart (2009).

De acordo com Machado e Bronckart (2009), com base em Bronckart (1997), a identificação do contexto de produção **deve** se dar antes de qualquer análise em qualquer nível e, para isso, o pesquisador precisa realizar um levantamento: do contexto sócio-histórico mais amplo em que o texto, analisado e produzido, circula e é usado; do suporte em que é veiculado; do contexto linguageiro imediato; do intertexto; e da situação de produção que faz referência às representações do produtor que exercem influência sobre a forma do texto, como “emissor”, “receptor”, “local”, “tempo”, “papel social do enunciador e do receptor”, “instituição social” e “objetivo de produção”.

Após a identificação do contexto de produção, a análise deve incidir a partir do(s) nível(is) de investigação mais adequado(s) ao *corpus*, às perguntas de pesquisa e aos objetivos da investigação. Esses níveis, conforme o quadro 3, são denominados de: organizacional, enunciativo e semântico.

O nível organizacional contempla uma análise da infraestrutura textual (cf. BRONCKART, 2012 [1999]), no que concerne à identificação do plano global do texto, da sequência global que eventualmente o organiza, dos tipos de discurso, das sequências locais e dos mecanismos de coesão e conexão. No que diz respeito especificamente ao plano global, Machado e Bronckart (2009) esclarecem que, para sua identificação:

Servimo-nos de diferentes índices linguísticos (os marcoorganizadores textuais, por exemplo), peritextuais (intertítulos, mudanças de partes ou de capítulos), contextuais (presença de parágrafo introdutório apresentando as divisões do texto), assim como de nossos conhecimentos prévios em relação ao gênero ao qual o texto pertence (MACHADO; BRONCKART, 2009, p. 54).

O nível enunciativo diz respeito a uma análise enunciativa que contempla os mecanismos de responsabilidade em geral que, segundo Machado e Bronckart (2009), são marcados por um número bastante considerável de unidades linguísticas, como: marcas de pessoa, dêiticos de lugar e de espaço, marcas de inserção de vozes, modalizadores de enunciados e marcas de subjetividade.

O nível semântico faz referência a uma análise da semiologia do agir que, Leitão e Pereira (2016), fundamentadas em um texto de Bronckart, sintetizam seus elementos em: figuras de ação que são construídas no texto e sua relação com a situação de interação e com as condições sócio-históricas de produção; intencionalidade; motivação; recursos mobilizados para agir e tipos de agir.

Sendo assim, conforme explicitado, dependendo da investigação que se quer empreender, esses três níveis de análise podem aparecer imbricados ou não, sendo a análise do contexto de produção um pré-requisito. Em nosso caso, nos interessa uma análise do contexto de produção e do nível organizacional (tratamos do plano global do texto), considerando uma abordagem de investigação descendente, enfocando também os pré-construídos. Fazemos uma explanação mais detalhada acerca das nossas categorias de análise, em relação aos nossos objetivos investigativos, no capítulo a seguir.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO E A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

“A pesquisa sempre implica na premeditação, na vontade clara e determinada de se encontrar uma solução através de trajetória racional engendrada pela razão”

(ZAMBONI, 2001, p. 43).

Para melhor explanação da construção da pesquisa e dos métodos utilizados, este capítulo está dividido em três subseções gerais. Inicialmente, expomos a caracterização da investigação, considerando os pressupostos da Linguística Aplicada (LA) e da pesquisa qualitativa. Em seguida, expomos nossos procedimentos de coleta de dados, a partir do *corpus* documental. Por fim, apresentamos nossas categorias de análise relacionadas aos nossos objetivos de trabalho.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

4.1.1 A pesquisa qualitativa

Concebemos a pesquisa qualitativa como um **campo de investigação**, tal qual Denzin e Lincoln (2006) conceituam. A explicação está na ideia de que esse tipo de pesquisa atravessa disciplinas, áreas investigativas e temas. Vale destacar que as pesquisas do campo da Linguística Aplicada (LA) se valem frequentemente da pesquisa qualitativa. De acordo com Moita Lopes (1994):

A natureza do mundo social é de tal ordem que é necessário que se descubram meios adequados à produção científica nas C. Sociais (sendo esta, no meu entender, uma das tarefas da LA). O que é específico, no mundo social, é o fato de os significados que o caracterizam serem construídos pelo homem, que interpreta e re-interpreta o mundo a sua volta, fazendo, assim, com que não haja uma realidade única, mas várias realidades (MOITA LOPES, 1994, p. 331)

Dessa forma, é perceptível que a pesquisa qualitativa esteve e está presente em um “mundo” de possibilidades investigativas que passaram e atravessam até hoje diferentes

contextos sócio-históricos. Ao considerar isso, Denzin e Lincoln (2006) explicam que essa atividade consiste em um conjunto de práticas interpretativas que projetam uma realidade que, não necessariamente, está desconectada do pesquisador. Os autores argumentam que a pesquisa qualitativa é uma “atividade situada que localiza o observador no mundo” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17). Além disso, ela envolve “uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17). Nessa concepção, Moita Lopes (1994) esclarece que, por lidar intimamente com a linguagem:

[...] a investigação nas C. Sociais tem que dar conta da pluralidade de vozes em ação no mundo social e considerar que isso envolve questões relativas a poder, ideologia, história e subjetividade. Na posição interpretativista, não é possível ignorar a visão dos participantes do mundo social caso se pretenda investigá-lo, já que é esta que o determina: o mundo social é tomado como existindo na dependência do homem (MOITA LOPES, 1994, p. 331)

Ou seja, na pesquisa qualitativa, leva-se em consideração todo o contexto de coleta de dados, considerando suas variáveis, interpretações e subjetividades, tanto do pesquisador quanto do objeto de pesquisa, pois, ao considerar “o mundo social”, a investigação passa a considerar basicamente tudo que possa ter certa influência sobre os dados, em virtude da complexa atuação humana sobre si e sobre os outros.

Por isso, segundo Denzin e Lincoln (2006), os pesquisadores do paradigma qualitativo se utilizam de uma considerável variedade de práticas que evidenciam a ação humana e tudo que a compõe. Sendo assim, os autores esclarecem que é por isso que, muitas vezes, entre os pesquisadores, existe certo compromisso em considerar mais de uma interpretação nos estudos.

Ao analisar essas práticas, os autores utilizam o termo “*bricoleur*” para se referirem aos pesquisadores da vertente qualitativa, uma vez que é o próprio pesquisador que põe a “mão na massa” para efetuar estratégias, investigar ou elaborar métodos que permitam a investigação. Dessa forma, “havendo a necessidade de que novas ferramentas ou técnicas sejam inventadas ou reunidas, assim o pesquisador o fará. As opções de práticas interpretativas a serem empregadas não são necessariamente definidas com antecedência” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 18).

Além disso, os autores comparam esses pesquisadores a profissionais que produzem uma montagem de vídeo ou produzem uma colcha de retalhos, pois suas interpretações são

construídas com base em inúmeras imagens contrastantes que se combinam entre si e produzem um novo objeto de análise. Para Denzin e Lincoln (2006, p. 23) “esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado”.

De acordo com essa citação, é evidente a relevância da perspectiva social na pesquisa qualitativa que não privilegia método algum, mas, com isso, não quer dizer que não se valha de um método para efetuar sua investigação. Além disso, o fato de considerar a complexidade do ser humano em sua linguagem, psicologia e lugar sócio-histórico, apenas atesta a profundidade e a validação do que se espera de uma pesquisa científica.

4.1.2 O campo de investigação em Linguística Aplicada (LA)

É importante esclarecer que a presente investigação tem por orientação as contribuições da LA contemporânea no que concerne à concepção, objeto de pesquisa e sujeito-pesquisador. Nossa principal fonte de referência se pauta na contribuição de Moita Lopes (2006) em seu texto “Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa”. Nele, o autor discute a concepção de pesquisa na LA, definindo-a como “[...] um modo de construir a vida social ao tentar entendê-la” (MOITA LOPES, 2006, p. 85). Fazendo uma longa reflexão acerca das relações humanas contemporâneas unidas às pesquisas científicas, Moita Lopes (2006) chega à conclusão de que a esperança não está na ciência ocidentalista que separa as teorias das práticas sociais, mas em concepções de pesquisa que se utilizem das teorias unidas às práticas em prol de não só compreender o mundo, mas transformá-lo.

Nesse entendimento, o autor reconhece a centralidade da linguagem no desenvolvimento humano e a centralidade deste na contemporaneidade, uma vez que, atualmente, as sociedades estão cada vez mais semiotizadas. Assim, o autor esclarece que a LA precisa ter algo a dizer sobre o mundo a que se apresenta e, por esse compromisso, ela necessita sair um pouco do campo da Linguística para dialogar com as outras ciências das humanidades. Com isso, Moita Lopes (2006) insere a LA no campo das Ciências Sociais. Ele argumenta que: “Se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história,

antropologia, psicologia cultural e social etc.” (MOITA LOPES, 2006, p. 96). Para o autor, essa é a condição essencial para que a LA possa falar à vida contemporânea.

Assim, Moita Lopes (2006) destaca quatro pontos que orientam a pesquisa em LA. São eles: a imprescindibilidade de uma LA híbrida ou mestiça; a necessidade de ir além da teoria e da prática; a centralidade de dar voz aos sujeitos marginalizados (as vozes do sul¹⁷); e a compreensão de ética e poder como pilar.

No que concerne à LA híbrida ou mestiça, o autor esclarece que, para que a LA seja responsiva à vida social, ela precisa ser compreendida dentro do conceito de INdisciplina. Essa indisciplina não é concebida no sentido de “desordem” ou “desobediência”, mas na ideia de não se “prender”, enquanto pesquisador, a uma disciplina ou a um campo do conhecimento, pois isso reduz as visões de mundo em relação à sociedade, visto a alta complexidade do ser humano e de suas relações sociais, as quais são analisadas e explicadas por diversas áreas.

No entendimento de uma LA que “explode a relação entre teoria e prática” (MOITA LOPES, 2006, p. 100), o autor assume uma posição de que, em pesquisa, o sujeito pesquisador não se separa do seu objeto investigativo e questiona a objetividade e a “suposta” neutralidade científica que, há muito, é defendida pela maioria dos campos investigativos. Assim, considerando que não há teoria sem prática e vice-versa, Moita Lopes (2006) defende que, tendo em vista a multiplicidade dos contextos sociais e dos que nele vivem, não deixamos de fazer parte dele e, portanto, a LA deve focar na produção do conhecimento que não faça distinção entre teoria e prática.

Ao considerar as “vozes do sul” como um “outro sujeito para a Linguística Aplicada” (MOITA LOPES, 2006, p. 101), o autor compreende que a LA deve se interessar pela linguagem em seu seio social e isso não a restringe a grupos sociais privilegiados. Isso quer dizer que, ao se inserir no campo da pesquisa em LA, deve-se considerar o uso da linguagem em diferentes atribuições, incluindo, principalmente, as práticas languageiras dos grupos marginalizados pela sociedade hegemônica. Dessa forma, o autor esclarece:

A LA precisa construir conhecimento que exploda a relação entre teoria e prática ao contemplar as vozes do sul. Dessa forma, visões da linguagem e da produção do conhecimento que colocam o sujeito em um vácuo social, no qual sua sócio-história é apagada, são inadequadas para dar conta da visão de LA contemporânea que defendo (MOITA LOPES, 2006, p. 103).

¹⁷ Moita Lopes (2006) revisita o termo de Boaventura Santos (2004), ampliando-o e inserindo-o como pertencente aos sujeitos investigativos da LA contemporânea.

Assim, o autor, com base em Gee (1993, p. 293), defende que temos a obrigação ética de explicar qualquer prática social. Para ele, trata-se de um olhar mais sensível aos valores, às relações de poder e ao desenvolvimento humano, tanto individual como social. Dessa forma, enquanto linguistas aplicados, nos interessa uma concepção de ciência que contemple, explique e transforme o meio social, produzindo reflexões, questionamentos e diálogos com outros campos do conhecimento, outros posicionamentos e outros interesses de pesquisa além dos comumente cristalizados. Devemos priorizar as práticas, as vozes do sul e as interações sociosubjetivas, sem nos fecharmos em disciplinas e em concepções. Afinal, se o ser humano e a sociedade são entidades complexas, a pesquisa científica nesse campo passa a ser também. Assim, para atender as orientações propostas, optamos pela pesquisa de campo com propósitos exploratórios.

4.1.3 A pesquisa exploratória

A pesquisa científica e o método científico estão intimamente ligados. A pesquisa, qualquer que seja ela, necessita de um conjunto de procedimentos que permita sua concretização, o qual chamamos de “método”. Sobre “método científico”, Gil (1999, p. 26) o define como um “[...] conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotado para se atingir o conhecimento”. Sendo assim, consideramos que “método”, na pesquisa, não é apenas a forma como serão coletados os dados, mas também o “como” cada dado será interpretado, visto o caráter intelectual da metodologia.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), citando Trujillo (1974), o conhecimento científico é real (factual), contingente, sistemático, verificável, falível e aproximadamente exato. Considerando essas características do conhecimento científico e assumindo a posição de Ferrari (1974), as autoras entendem a ciência como uma sistematização dos conhecimentos, como um conjunto de certos fenômenos que se deseja estudar, considerando seus objetivos, função e objeto.

Essa sistematização ocorre por meio do método de pesquisa, o qual as autoras definem como “[...] conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros –, traçando o

caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 83).

Considerando as decisões metodológicas, com base em nosso interesse de investigação, esclarecemos que nosso propósito se alinha às concepções da “pesquisa de campo”, a qual, segundo Marconi e Lakatos (2003), está voltada para o estudo de indivíduos, de grupos, de comunidades, de instituições etc, visando à compreensão de vários aspectos da sociedade. Em nosso caso, investigamos os aspectos da cultura disciplinar da Arquitetura/Urbanismo e das Artes, enquanto comunidades sociodiscursivas científicas.

Considerando a classificação de Tripodi *et al* (1975), Marconi e Lakatos (2003) dividem as pesquisas de campo em três grandes grupos: quantitativo-descritivo, experimentais e exploratórios, com suas respectivas subdivisões.

As pesquisas do primeiro grupo “consistem em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chave” (MARCONI; LAKATOS 2003, p. 187). Essas investigações empregam procedimentos de amostragem e subdividem-se em: estudos de verificação de hipóteses; estudos de avaliação de programas; estudos de descrição de população; e estudos de relações de variáveis.

As pesquisas experimentais se voltam para o teste de hipóteses que dizem respeito às relações de tipo causa-efeito (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 189). Os estudos desse tipo incluem: grupos de controle, seleção de amostras, manipulação de variáveis independentes, técnicas de amostragem, e podem ser realizados em campo ou em laboratório.

Sobre os estudos exploratórios, Marconi e Lakatos (2003, p. 188) os definem como investigações de pesquisa empírica em que o objetivo “[...] é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos”. Nesses estudos, segundo as autoras, empregam-se procedimentos sistemáticos para a obtenção de observações empíricas ou de análise de dados. Neles, obtêm-se, frequentemente, descrições quantitativas e **qualitativas**, e podem se subdividir em: estudos exploratórios-descritivos combinados, **estudos usando procedimentos específicos de coleta de dados** e estudos de manipulação experimental.

Considerando essas definições, destacamos que o nosso estudo se insere no grupo das pesquisas exploratórias, uma vez que apresenta descrições qualitativas e evidências pertencentes ao grupo das investigações que usam procedimentos específicos de coleta de dados, tendo em vista que parte do nosso *corpus* foi coletado a partir de um questionário

elaborado por nós. Considerando esses pressupostos, nosso estudo se pauta na Linguística Aplicada contemporânea.

4.2 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

Ressaltamos que, antes de qualquer coleta de dados, inicialmente, submetemos nosso projeto de investigação ao Comitê de Ética de Pesquisa (CEP), da UFPB, via Plataforma Brasil¹⁸ e, após receber o parecer consubstanciado¹⁹ (ver anexos) com a autorização para a realização da pesquisa, passamos às etapas de investigação. Para contemplar os objetivos investigativos, a pesquisa foi dividida em duas etapas que, não necessariamente, ocorreram em momentos distintos, mas foram se desenvolvendo de forma paralela. Trata-se: da coleta de artigos e da aplicação de um questionário a professores universitários, ambos considerados por nós como *corpus* documental.

4.2.1 O *Corpus* documental

Considerando o processo investigativo, se faz necessária a seleção de técnicas que irão viabilizar a concretização de cada etapa e, por consequência, toda pesquisa. Sobre as técnicas de investigação, Marconi e Lakatos (2003) afirmam que o levantamento de dados é o primeiro passo de qualquer pesquisa científica. Ele pode ser feito de duas maneiras: por meio da pesquisa documental (ou de fontes primárias) e por meio da pesquisa bibliográfica (ou de fontes secundárias). Sobre a pesquisa documental, as autoras esclarecem: “A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 174). São considerados documentos:

- a) arquivos públicos, tais como: documentos oficiais, publicações parlamentares, documentos jurídicos, iconografia etc;

¹⁸ A Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos (CEP/CONEP). Essa plataforma permite que as pesquisas sejam acompanhadas em seus diferentes estágios, considerando todos os pré-requisitos éticos, sendo monitorada pelas universidades.

¹⁹ O número do parecer aprovado da nossa pesquisa é: 2.983.504. CAAE: 99567418.4.0000.5188.

- b) arquivos particulares, tais como: memórias, diários, atas, registros pessoais, em instituições públicas etc;
- c) fontes estatísticas, como: caracterização da população, fatores econômicos etc;
- d) outros arquivos e fontes que se encaixem na caracterização.

Por outro lado, a pesquisa bibliográfica abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre o tema (MARCONI; LAKATOS, 2003). Nesse caso, percebemos que toda investigação tem um pouco de pesquisa bibliográfica, mas que nem todas têm por foco investigativo somente a bibliografia. Dessa forma, a depender da pesquisa, a investigação bibliográfica passa a ser uma etapa.

Assim, enfocamos, em nosso trabalho, a pesquisa documental, a qual Gil (1999, p. 166) pontua algumas vantagens do uso de fontes documentais, entre elas estão: a possibilidade de conhecer melhor a história e o passado; a possibilidade de investigar os processos de mudança social e cultural; a obtenção de dados com menor custo, já que exigem uma quantidade bem menor de recursos humanos, materiais e financiamentos; e a obtenção de dados sem o constrangimento do sujeito, uma vez que os documentos não exigem necessariamente a intervenção direta do colaborador.

4.2.1.1 Artigos científicos

Em nossa investigação, consideramos os artigos científicos publicados em periódicos *on-line* – indexados no banco de dados *webqualis* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – como documentos que transmitem uma ação de linguagem situada e que evidenciam a influência da cultura disciplinar na materialidade textual-discursiva. Por isso, uma parte da investigação se deteve a compor nosso *corpus* documental. Para tanto, fizemos uma pesquisa e coleta de artigos de circulação nacional das áreas do conhecimento investigadas, juntamente com as diretrizes de publicação para os autores e normas estruturais para os artigos. Vale ressaltar que os colaboradores dos questionários não são os mesmos autores dos artigos e, para compor um *corpus* geral/ panorâmico, nós selecionamos publicações dos anos 2017 e 2018 de artigos escritos exclusivamente por autores especificamente das áreas do conhecimento da Arquitetura/Urbanismo e das Artes nos *qualis* A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C.

Nós priorizamos artigos escritos por autores especificamente das áreas do conhecimento da Arquitetura/Urbanismo e das Artes, pois verificamos em trabalhos anteriores²⁰ que a área de formação dos autores interfere na materialidade textual-discursiva dos artigos, uma vez que a cultura disciplinar presente na área de formação influencia essa materialidade. Assim, acrescentamos esse critério durante a coleta, pois, nos periódicos, é comum a autoria e a coautoria de autores de áreas afins, de áreas que possuem pontos de contato ou pertencentes à mesma grande área. Um exemplo disso é a recorrência de publicações de engenheiros em periódicos da Arquitetura/Urbanismo; e publicações de autores da área de Letras e Arquitetura em revistas da área de Artes.

Para cada *qualis*, selecionamos 4 artigos de cada área. Apresentamos mais claramente a quantidade de artigos que compõem nosso *corpus* panorâmico no quadro 4:

Quadro 4- Quantidade de artigos que compõem o corpus panorâmico

<i>Qualis</i>	Arquitetura/Urbanismo	Artes
A1	–	4
A2	4	4
B1	4	4
B2	4	–
B3	4	4
B4	4	4
B5	4	–
C	4	4
Total:	28	24

Fonte: dados de pesquisa (2019).

Conforme podemos observar no quadro 4, ao realizarmos o levantamento, percebemos que as áreas do conhecimento escolhidas não apresentavam periódicos de todos os estratos, pois Arquitetura/Urbanismo não oferece revistas A1 em língua portuguesa e Artes não apresenta periódicos com foco específico nessa área no que concerne ao estrato B2. Além disso, em Artes, o estrato B5 não exibe publicações recentes. Diante disso, percebemos a

²⁰ SOUSA, A. A. de S.; SOARES, N. L. S; PEREIRA, R. C. M. O gênero artigo científico e os processos de construção de autoria na área da saúde: uma análise interacionista sociodiscursiva. In: SELIMEL, n. 09, 2015, Campina Grande/ PB. **Anais eletrônicos** [...]. Campina Grande: 2015. Disponível em: <<http://www.selimel.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Anielle-Nathalia-e-Regina-gt-07.pdf>> acesso em: 28 abril 2016.

necessidade de adaptar o objetivo inicial de coleta e restringir o levantamento aos *qualis* A2, B1 e B3. Em virtude da grande quantidade de material a ser analisado, selecionamos 1 artigo de cada área e de cada *qualis* selecionado com um tema em comum: ambiente (espaço físico) e comunidade. Assim, nosso *corpus* documental final e representativo conta com **três artigos** (*qualis* A2, B1 e B3) de **cada área do conhecimento**.

No que se refere à exclusão dos *qualis* B4 e C para a análise, ressaltamos que a discussão empreendida não ficou incompleta ou prejudicada, pois com base nas pesquisas desenvolvidas no ATA, o *qualis* não interfere na materialidade textual-discursiva dos textos acadêmico-científicos (cf. PEREIRA, 2014). Sobre isso, Miranda *et al* (2019, p. 3) afirmam:

[...] constatamos que o *Qualis* não interfere na estrutura dos artigos e muito menos em sua qualidade, pois existem artigos publicados em periódicos classificados como *Qualis C* como o mesmo nível de aprofundamento teórico-metodológico-analítico de periódicos qualificados como *Qualis A1*, e, da mesma forma, encontramos artigos publicados em periódicos contemplados com a avaliação *Qualis A1* que deixam a desejar em termos de aperfeiçoamento teórico-metodológico-analítico.

No entanto, optamos por escolher os artigos organizando a coleta pelo *Qualis*, na intenção de **sistematizar** um *corpus* representativo. Na análise dos textos escolhidos, após identificarmos as unidades linguísticas das categorias investigadas, observamos resultados acerca de sua relação com o gênero textual, pesquisa científica, contexto, constituição autoral e posicionamentos e, então, tecemos reflexões e discussões sobre a cultura disciplinar e sua influência na comunidade discursiva acadêmica, evidenciada na linguagem e na organização dos textos coletados. Ressaltamos que concordamos com Leitão e Pereira (2014) quando as autoras afirmam que o artigo acadêmico-científico se constitui como um meio de interação e diálogo entre os membros da própria área e fora dela, evidenciando seu caráter comunicativo, e acrescentamos: seu caráter comunicativo não é apenas objetivo, evidente ou posto, mas também socio subjetivo, pois nos textos transparecem também informações do seu contexto de produção, cultura disciplinar da área e ação de linguagem dos autores.

4.2.1.2 O questionário

Gil (1999, p. 128) define o questionário como “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações

vivenciadas etc”. Mas esse objetivo nem sempre é alcançado completamente, visto que o questionário, como instrumento de coleta de dados, possui vantagens e limitações.

Suas vantagens consistem: na possibilidade de atingir grande número de pessoas; na implicação de menores gastos com pessoal; na garantia do anonimato das respostas; na conveniência em relação ao conforto do colaborador, uma vez que eles escolherão onde e como responder às perguntas; e na preservação dos pesquisados em relação à influência das opiniões e do aspecto pessoal alheio (GIL, 1999).

As limitações apresentadas (GIL, 1999) são em relação: à exclusão de pessoas que não sabem ler e escrever; à impossibilidade de explicação ao colaborador quando este não entende a pergunta ou instruções de resposta; à obscuridade com relação às circunstâncias em que o questionário foi respondido; a não garantia de que todas as pessoas que receberam irão responder; à recomendação de que um questionário deve ter um número pequeno de perguntas; e à objetividade das respostas, pois é sabido que está sujeito a cada colaborador entender de forma diferente cada indagação.

Tendo ciência das limitações desse instrumento de coleta, esclarecemos que, para não prejudicar os dados finais, nós tentamos contorná-las: em nosso público alvo, não há a possibilidade de haver pessoas que não sabem ler ou escrever; elaboramos perguntas simples e diretas, visando a melhor compreensão do colaborador; não temos por foco identificar as circunstâncias em que o questionário foi respondido; enviamos o questionário a uma grande quantidade de colaboradores, pois sabíamos que nem todos iriam responder; tentamos deixar o questionário mais sucinto e direto possível, visando a sua clareza e foco; e interpretamos as respostas considerando também a subjetividade, mas não consideramos, apenas contabilizamos, as respostas daqueles que não responderam de acordo com o tema das perguntas ou que as deixaram em branco.

Assim, a segunda parte da pesquisa se deteve à aplicação *on-line* do questionário (ver apêndices) com foco em “contexto de produção”, “escrita acadêmica”, “autoria” e “pesquisa na academia” a pesquisadores que fossem pós-graduados ou que estivessem na pós-graduação, a fim de buscarmos informações sobre como esses temas são entendidos em cada área investigada e como os pesquisadores se sentem implicados em seus textos como autores. Esclarecemos que foi escolhido esse nível acadêmico (pós-graduação), por acreditarmos que os pesquisadores, nele inseridos, estão mais familiarizados com a pesquisa científica.

Essa etapa da investigação está intimamente ligada ao objetivo de compreender o contexto de produção ligado aos pré-construídos, parâmetros externos e cultura disciplinar na constituição de uma atividade e ação de linguagem. Ressaltamos que, em virtude de ter mais

agilidade no recebimento das respostas do questionário, nós fizemos coletas de *e-mails* que ficam disponíveis em sites e sistemas de organização de dados de professores universitários de instituições públicas e privadas do Brasil, e mandamos para cada um deles de forma direta. Enviamos, no período de 60 dias, 311 questionários por *e-mail* para professores da área de Arquitetura/urbanismo e 247 para docentes da área do conhecimento de Artes. Como resultado, obtivemos 27 (8,7%) respostas da área de Arquitetura/Urbanismo e 26 (10,5%) da área de Artes.

Nós íamos fazendo os envios à medida que recebíamos as respostas e nossa intenção era ter uma amostra de 25 colaboradores de cada área. Vale ressaltar que fica evidente, na quantidade de *e-mails* enviados, que tivemos certa dificuldade em recebermos a colaboração dos participantes.

Conforme dito anteriormente, para conseguir coletar dados por meio desse instrumento, o entrevistador envia o questionário ao colaborador explicando do que se trata a pesquisa e, depois de preenchido, o colaborador devolve o questionário ao pesquisador. Em nosso caso, o questionário foi elaborado nos moldes da plataforma *google docs* (Formulários GOOGLE) e enviado por *e-mail* para os colaboradores que, quando responderam, enviaram para a mesma plataforma, por meio da qual apenas nós tivemos acesso às respostas, preservando a identidade dos que se dispuseram a colaborar com a pesquisa.

As perguntas elaboradas para esse questionário se centraram na formação acadêmica e no campo de atuação dos colaboradores; e nas concepções de pesquisa, posicionamentos enunciativos e autoria na academia. Vale informar que, mesmo que o questionário tenha sido elaborado exclusivamente para este trabalho, após reformulação de nossos objetivos ao longo da pesquisa e ao longo da coleta, nós não analisamos as respostas de todas as questões devido ao grande volume de dados que obtivemos para cada questão, inclusive dados que não estavam diretamente relacionados aos objetivos investigativos. Assim, nós analisamos boa parte dos dados obtidos por meio do questionário, mas para manter o foco investigativo e para que fosse possível uma análise aprofundada, **escolhemos apenas as perguntas/respostas do questionário que estão mais diretamente ligadas às categorias escolhidas**²¹. São elas: as que tratam da formação acadêmica e campo de atuação dos colaboradores; e onze questões das vinte e três que tratam das concepções de pesquisa e autoria em textos científicos-acadêmicos. Dessas, tratamos especificamente das seguintes perguntas (apresentamos abaixo de acordo com a sequência que aparece no questionário):

²¹ Vale ressaltar que todas as perguntas e as respostas analisadas do questionário estão, na íntegra, inseridas no apêndice e no anexo, respectivamente, deste trabalho.

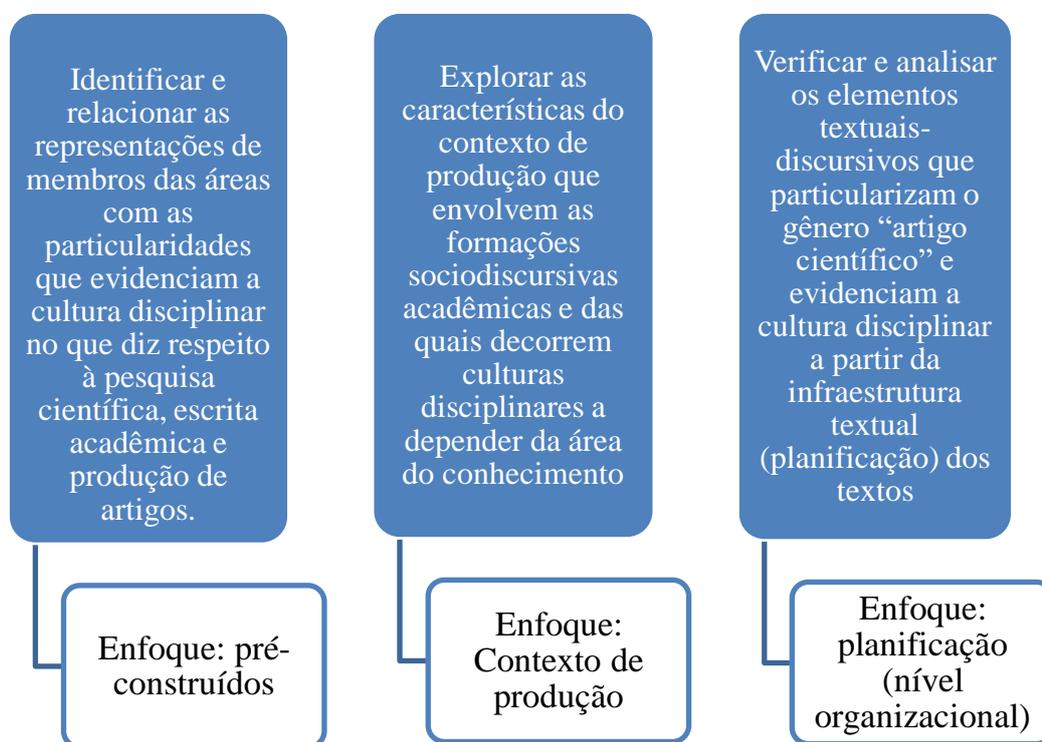
- 1) Qual o objeto geral de investigação do seu campo do conhecimento?;
- 2) Para você, o que se configura como “pesquisa científica” na sua área?;
- 3) Você considera que as pesquisas de seu campo do conhecimento são mais qualitativas, quantitativas ou geralmente unem os dois postulados?;
- 6) Considerando a produção científica na pós-graduação na sua área, indique a importância valorativa do gênero “artigo científico” publicado em periódico *Qualis* para o pesquisador (considere “zero” como: sem importância; e o “seis” como: muito importante);
- 7) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior;
- 8) Quando você escreve um artigo acadêmico-científico, quais seções, geralmente, compõem seu texto? (Ex: resumo, introdução, metodologia etc).
- 11) Qual seu nível de facilidade/dificuldade em relação à elaboração de um artigo acadêmico-científico? (considere “zero” como: sem dificuldade; e o “seis” como: muita dificuldade);
- 12) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior;
- 13) A coautoria é uma prática comum em sua área do conhecimento?
- 14) Como a coautoria de um trabalho acadêmico é entendida em sua área de pesquisa?
- 15) Como se organiza a coautoria em um trabalho acadêmico? (Ex: quem se configura como 1º autor, 2º autor etc).

Além disso, com relação à área de Artes, tendo em vista sua amplitude, nós, inicialmente, havíamos realizado um recorte com relação às subáreas que iríamos priorizar. Eram elas: Artes Visuais, Artes Plásticas e Artes Cênicas. Assim, nós pretendíamos obter respostas apenas de professores dessas subáreas. No entanto, mesmo tendo informado isso no título e no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, alguns docentes da subárea de Dança e outros componentes das Artes se dispuseram a responder ao questionário. Dessa forma, das subáreas das Artes, a única que, de fato, foi excluída por nós, foi a Música, em virtude da falta de ocorrência de respostas. Durante a análise dos dados, foi observado que apenas essa exclusão não interferiu em nossas reflexões e em nossas discussões acerca da cultura disciplinar observada em Artes em contexto geral.

4.3 AS CATEGORIAS ANALÍTICAS

Reiteramos que nossa pesquisa tem, por objetivo geral, analisar as representações de membros das áreas, no que abrange os aspectos acessíveis dos pré-construídos, do contexto de produção e da infraestrutura textual (plano geral), a partir de questionários e de artigos científicos, relacionando-os à compreensão da atividade de pesquisador nos campos científicos disciplinares e de como a cultura disciplinar se materializa nos textos. Sabemos que todos esses elementos não estão evidentes nos textos acadêmico-científicos, por isso, nossa análise parte do questionário, mas vai ao encontro dos artigos, os quais ratificam e ampliam as questões levantadas na investigação como um todo, evidenciando a influência da cultura disciplinar nas produções acadêmicas. Assim, apresentamos a figura 4, na qual relacionamos cada objetivo específico do nosso trabalho com as categorias de análise propostas pelo ISD e expostas no capítulo anterior. Vejamos:

Figura 4- Objetivos específicos e categorias de análise



Fonte: elaborado por nós (2019).

Assim, considerando uma análise descendente de investigação, nosso primeiro objetivo específico se volta para os pré-construídos (BRONCKART, 2012 [1999]), evidenciados por meio das representações dos colaboradores do questionário no que concerne às concepções de pesquisa, de escrita acadêmica e de produção de artigos. Em seguida, com base em Machado e Bronckart (2009), nossa análise enfoca no que é possível apreendermos

do contexto de produção dos dados, tendo em vista que qualquer investigação, de abordagem descendente, deve se pautar nos parâmetros sociosubjetivos. Após isso, nosso olhar se volta, especificamente, para a planificação dos artigos coletados, nos inserindo em uma investigação do nível organizacional (MACHADO; BRONCKART, 2009). Todos os objetivos se alinham ao interesse pelas particularidades da Arquitetura/Urbanismo e da Arte, enquanto áreas do conhecimento, que se evidenciam como cultura disciplinar.

Esclarecemos que não é possível fazermos uma análise investigativa inteiramente compartimentada, separando cada enfoque de investigação exposto com dados específicos, pois esses níveis investigativos estão profundamente imbricados. Neste capítulo, apresentamos os objetivos específicos em sua relação com as categorias analíticas, de forma individual, apenas a título de organização e de clareza. No entanto no capítulo analítico, essa forma de organização não foi completamente possível ainda que, tentamos, ao máximo, indicar a categoria enfocada nos dados apresentados.

Nosso estudo, portanto, se insere nas investigações do campo da LA, sendo híbrida, considerando a composição do *corpus* documental, composto por questionários e artigos científicos. Além disso, é exploratório, de caráter qualitativo-interpretativista, centrando-se numa perspectiva de análise descendente e se inserindo nas investigações do contexto de produção e do nível organizacional (planificação), conforme Machado e Bronckart (2009), levando em consideração também as evidências dos pré-construídos, por meio das representações evidentes dos colaboradores (BRONCKART, 2012 [1999]).

5 CULTURA DISCIPLINAR E PRODUÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA EM ARQUITETURA/URBANISMO E ARTES

“Examinar textos como práticas disciplinares nos leva do indivíduo para o coletivo, dos limites da página para as atividades dos seres sociais”²²

(HYLAND, 2004, p. 05, tradução nossa).

O presente capítulo foi elaborado a partir dos resultados de nossa análise investigativa e, para fazer a exposição de modo sistematizado, inicialmente, apresentamos uma análise acerca da produção acadêmico-científica das áreas, a partir das respostas dos colaboradores ao questionário. Após isso, discorreremos sobre os parâmetros das revistas, os quais influenciam o contexto e a planificação dos artigos. Por fim, apresentamos uma discussão sobre esses textos, a partir das categorias de análise escolhidas para nossa investigação. Nesse capítulo, em vários momentos, cruzamos os dados encontrados nos artigos com os dados do questionário, visando mostrar a relação existente entre ambos, mesmo que não tenham sido elaborados pelos mesmos autores/colaboradores. Dessa forma, evidencia-se, mais claramente, a presença das culturas disciplinares envolvidas no processo de escrita acadêmica.

5.1 QUESTIONÁRIO: A PRODUÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICA DAS ÁREAS DE ACORDO COM SEUS MEMBROS

Intencionando compreender melhor o fazer científico nas áreas e o grau valorativo que o gênero “artigo científico” recebe em Arquitetura/Urbanismo e em Artes, apresentamos uma explanação das respostas dos colaboradores sobre essas questões. Ressaltamos que o enfoque aqui será apenas sobre esse contexto disciplinar mais geral. Posteriormente, retomamos mais algumas questões e mais algumas respostas dos questionários quando tratarmos da análise organizacional dos artigos científicos coletados. Inicialmente, a análise do questionário nos mostrou o grau de escolaridade dos nossos colaboradores das duas áreas. Essa identificação geral constitui a primeira parte do material. Vejamos:

²² “Examining texts as disciplinary practices moves us from the individual to the collective, from the boundaries of the page to the activities of social beings” (HYLAND, 2004, p. 05).

Quadro 5- Grau de escolaridade dos colaboradores

Escolaridade	Arquitetura/Urbanismo (*27 colaboradores)	Artes (*26 colaboradores)	Total (*53 colaboradores)
Mestrado (concluído)	5	1	6 (11%)
Doutorado (em andamento)	4	4	8 (15%)
Doutorado (concluído)	14	15	29 (54%)
Pós- Doutorado (em andamento)	2	2	4 (7%)
Pós- Doutorado (concluído)	2	4	6 (11%)

Fonte: dados de pesquisa (2019).

De acordo com o quadro 5, mais da metade dos nossos colaboradores possui o título de doutor e lida frequentemente com textos acadêmicos e com os gêneros do contexto acadêmico-científico, uma vez que, conforme já dito, todos são docentes universitários.

A primeira pergunta que expomos é: “Qual é o objeto geral de investigação do seu campo do conhecimento?”. Essa indagação foi entendida de dois modos pelos colaboradores: a) Qual é o objeto de investigação da Arquitetura/Urbanismo ou Artes no geral?; b) Qual é o **seu objeto de investigação individual** inserido nesse campo maior da “Arquitetura/Urbanismo” ou das “Artes”? Diante disso, obtivemos as seguintes respostas, as quais dividimos de acordo com os subgrupos:

Arquitetura/Urbanismo

a) Objeto geral da Arquitetura/Urbanismo: ambiente construído em geral; estudos relacionados aos espaços construídos do habitar e da cidade; estudos relacionados aos modos de vida da contemporaneidade; cidade; planejamento e desenvolvimento urbano; estudo da paisagem.

b) Objeto específico ou área do conhecimento específica dos colaboradores de Arquitetura/Urbanismo: teoria de projeto; acústica urbana; epistemologia da Arquitetura; emancipação na luta pela habitação; pobreza urbana; ações colaborativas em/para espaços públicos das cidades contemporâneas; arquitetura escolar e historicidade; eficiência

energética; iluminação natural; teoria e história da Arquitetura e do Urbanismo; conservação; iluminação pública; Arquitetura e Urbanismo sustentáveis.

Artes

- a) Objeto geral das Artes: explorar o potencial de construção de conhecimento da arte; expor o processo de trabalho em arte; aprofundar e gerar novos conhecimentos para a área; compreender experiências e processos artísticos; compreender criticamente o mundo tendo como principais “textos de referências” imagens da Arte e da cultura em geral;
- b) Objeto específico ou áreas do conhecimento específica dos colaboradores das Artes: a relação entre quem dança e os espaços físicos possíveis para criação, composição e apresentação de cena; o corpo em cena e os procedimentos técnico-poéticos de criação em dança; metodologia da dança; Arte e Tecnologia; Historiografia e Crítica da Arte na Amazônia e Linguagem Visual; Artes Gráficas e Cultura Midiática; corpos e figuras nas Artes Visuais; História da Arte; gravura; e outros.

A priori, fica claro que as respostas contemplaram conteúdos temáticos diversos alinhados a objetos de investigação. A princípio, nos interessava apenas saber qual seria o objeto geral de investigação das duas áreas, mas as respostas que contemplaram os objetos específicos de trabalho dos colaboradores se constituíram como uma evidência da pluralidade dos dados que obtivemos, demonstrando a diversidade dos nichos investigativos de cada área. Além disso, esse fato favorece também nossas reflexões sobre cultura disciplinar ao longo deste trabalho, pois as evidências dos dados demonstram que as práticas disciplinares vão além do enfoque teórico-investigativo individual sobre o qual o agente se debruça, pois são influenciadas pela comunidade sociodiscursiva mais geral da qual o agente faz parte, sendo, nelas, observadas certas práticas linguístico-discursivas comuns e regulares.

A seguinte indagação do questionário diz respeito à pergunta: “Para você, o que se configura como ‘pesquisa científica’ na sua área”? Abaixo, organizamos as respostas mais representativas. Iniciamos com Arquitetura/Urbanismo:

Quadro 6- Excertos 1 (Arquitetura/Urbanismo)

1) Qualquer investigação que se obtenha algum resultado (ou uma problemática que se obtenha alguma solução, seja apenas para a comunidade científica ou para a sociedade), seja ela com coleta de dados <i>in loco</i> (medições ambientais) ou pesquisa histórico-documental ou simplesmente uma compilação de ideias, conceitos de diversos autores (COLAB./ARQ 01) [9];
2) Estudo estruturado a partir de hipóteses a serem testadas através de uma metodologia validada, coleta e análise de dados (COLAB./ARQ 17) [2];
3) Aprofundamento teórico, prático e empírico com análise baseada em experimentações (COLAB./ARQ 08) [2];
4) Considerando que a Arquitetura é uma área transdisciplinar , considero “pesquisa” os trabalhos, baseados no discurso racional com a finalidade de contribuir com o desenvolvimento do campo (COLAB./ARQ 04) [1];
5) Pesquisas que relacionem referenciais teóricos consistentes e questões relacionadas ao habitar e a cidade (COLAB./ARQ 07) [2];
6) Principalmente aquela que possua o embasamento em parâmetros qualitativos e que, metodologicamente , siga uma ordenação do processo de pesquisa e análise (COLAB./ARQ 14) [2];
7) Produção e divulgação/publicação de conhecimento novo (COLAB./ARQ 19) [1];
8) Produção de conhecimento no campo específico da área, considerando as interfaces com as outras disciplinas (COLAB./ARQ 05) [1];
9) A Arquitetura e o Urbanismo é uma disciplina que se forma a partir de saberes científicos , economia, estatística, ecologia, geografia, história, ciência política, populares e tradicionais, além dos artísticos para se mover , ficando em uma fronteira em que a definição do que vem a ser científico” seja quase uma impossibilidade . “Pesquisa científica” não cabe em todos os contextos , inclusive porque grande parte dos trabalhos em extensão em nossa área é um fazer que desenvolve amplos conhecimentos, mas que não são considerados “científicos” [...] (COLAB./ARQ 23).

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos)²³.

Antes de fazer a explanação dos dados, vale esclarecer que, ao lado de cada resposta, nós inserimos, entre colchetes, um número referente à quantidade de colaboradores que também responderam de acordo com a mesma linha de raciocínio da afirmação que está exposta. Assim, conforme a resposta 1, percebemos que as respostas de nove colaboradores se encaminharam para a definição de pesquisa na área, como aquela que se preocupa com “resultados” e “soluções”, baseados em, pelo menos três tipos de investigações: coleta de dados *in loco*, pesquisa histórico-documental ou revisão da literatura.

²³ Todos os excertos passaram por adequação à gramática normativa, respeitando o sentido original das informações e dos posicionamentos.

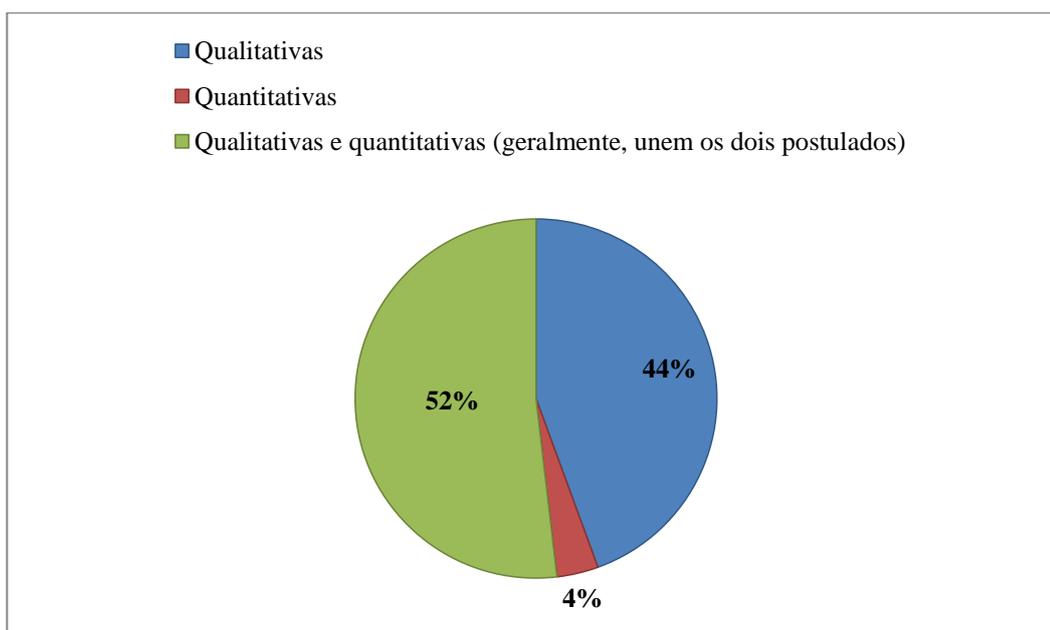
A pesquisa como estudo baseado em hipóteses que são testadas a partir de uma metodologia validada e por meio da coleta e da análise de dados, sendo caracterizada por experimentos desenvolvidos a partir de um aprofundamento teórico e prático, também foi mencionada (respostas 2 e 3). De acordo com a resposta 4, a Arquitetura é uma área transdisciplinar e, por esse motivo, o colaborador considera como pesquisa científica apenas os trabalhos em que se apresente um discurso racional, que contribua com o desenvolvimento do campo. Assumindo essa posição, o colaborador deixa transparecer a dificuldade de caracterizar o campo em apenas um tipo de pesquisa, ficando mais adequado tratar dela a partir de sua relevância (desenvolvimento do campo) e da estruturação/organização lógica (discurso racional). Além disso, de acordo com a resposta 5, o campo, no geral, foi caracterizado a partir de **qualquer** investigação com foco no “habitar” e na “cidade”, desde que apresentem referencial teórico consistente, evidenciando certa ligação com a resposta 4.

Além dessas respostas, também obtivemos a evidência de que, segundo os colaboradores, a área também se preocupa com investigações qualitativas que sejam “ordenadas” metodologicamente no que concerne ao processo de pesquisa e de análise, com vias a produzir e a divulgar/publicar “conhecimento novo”, conforme as respostas 6 e 7. Novamente, temos a indicação de que a área valoriza os parâmetros organizacionais metodológicos e a contribuição com o desenvolvimento, dessa vez, seguindo a ideia de contribuição inovadora.

Na resposta 8, tal qual observamos na resposta 4, o colaborador cita que as investigações na área consideram as diversas “interfaces” com outras áreas e outros contextos, nos chamando atenção a resposta 9, que destaca o hibridismo do campo ao considerar vários saberes, inclusive o artístico, em suas investigações – relação já esperada por nós. No entanto, de acordo com o colaborador, esse fato dificulta a definição da “pesquisa científica” na área, pois segundo ele, esta não cabe em todo contexto do campo.

De modo geral, de acordo com as respostas, ainda que a área não considere todas as investigações e estudos desenvolvidos nela como “pesquisa científica”, observamos que o que é valorizado, enquanto prática disciplinar, são as hipóteses, o aprofundamento nas teorias, as experimentações, a organização metodológica, a coleta, a análise de dados e os resultados em contribuição para a inovação e a produção do conhecimento na área, considerando as interfaces e focalizando a habitação e a cidade em geral.

Em outra pergunta, especificamente sobre a característica principal das pesquisas em Arquitetura/Urbanismo, obtivemos os seguintes dados:

Gráfico 1- Principal característica das pesquisas em Arquitetura/Urbanismo

Fonte: dados de pesquisa.

De acordo com o gráfico 1, percebemos que a maioria dos colaboradores entende que pesquisas com métodos mistos (qualitativa e quantitativa) são mais representativas na área de Arquitetura/Urbanismo. No entanto, não podemos ignorar o alto índice de colaboradores que afirmaram que o método qualitativo é o mais usado nesse campo do conhecimento.

Sobre os métodos de pesquisa, Minayo (1994) esclarece que “Não existe um ‘continuum’ entre qualitativo-quantitativo, em que o primeiro termo seria o lugar da ‘intuição’, da ‘exploração’ e do ‘subjetivismo’; e o segundo representaria o espaço do científico, porque é traduzido ‘objetivamente’ e em ‘dados matemáticos’” (MINAYO, 1994, p. 22). Além disso, a autora afirma:

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatísticas apreendem dos fenômenos apenas a região do “sensível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994, p. 22).

Em seguida, Minayo (1994) esclarece que os conjuntos de dados dessas diferentes abordagens não se opõem, pois a realidade contemplada por eles interage dinamicamente. Essa ideia é observada na área de Arquitetura/Urbanismo que, segundo os colaboradores, tende a unir os dois postulados, ainda que fique mais evidente –tanto nas orientações das

pesquisas quanto nas respostas às características da “pesquisa científica”– que a área tem uma tendência a se alinhar às correntes de pensamento positivista de pesquisa. No entanto, o aspecto qualitativo não deixa de transparecer, ainda que em menor grau, nessas evidências, demonstrando que os dois postulados interagem de fato. Nós supomos que isso ocorre devido à própria natureza sócio-histórica constitutiva da área, a qual está ligada às exatas, por trabalhar com cálculos matemáticos e outros elementos, mas também se alinha aos conceitos interpretativistas, sociais e subjetivos unidos à Arte e à Sociologia, por exemplo.

Ainda sobre a pergunta: “Para você, o que se configura como ‘pesquisa científica’ na sua área”?, vejamos as respostas mais representativas de Artes. Vale lembrar que inserimos, entre colchetes, o quantitativo de colaboradores que responderam de modo semelhante à resposta exposta:

Quadro 7- Excertos 2 (Artes)

1) Pesquisa de investigação teórico-prática da produção em Artes Visuais , nas perspectivas estéticas, pedagógicas e históricas que visam à compreensão da produção, circulação, arquivamento e recepção da produção artística . A pesquisa é sempre transdisciplinar , pois incorpora valores qualitativos de diferentes áreas de conhecimento, criando migrações metodológicas de outras áreas [...] (COLAB./ART 12) [8];
2) Pesquisas que geram reflexões abertas a discutir necessidades específicas de uma determinada área de conhecimento, ao mesmo tempo em que, atende necessidades da comunidade em geral. Geralmente, uma pesquisa científica está conectada com uma rede de estudiosos envolta numa determinada área do saber e/ou com autores que entrecruzam áreas distintas do conhecimento. Costuma ter um caráter de continuidade de questões em sua natureza teórica e possibilidade de atuação em situações da prática especializada na área em que se localiza (COLAB./ART 01);
3) Arte e Ciência, a meu ver possuem muitas afinidades, e as Artes muitas vezes se utilizam de métodos científicos dentro de suas investigações – mas sinceramente, não creio que a “arte seja ciência” –, mas ela pode se valer da pesquisa científica dentro de todo e qualquer procedimento de criação; ou dentro de uma organização sistemática de pensamentos concretizada em uma artigo; monografia; dissertação ou tese (COLAB./ART 02) [1];
4) O termo que usamos é <i>Artistic Research</i> ou investigação em arte. Pesquisa científica é uma perspectiva inadequada para as Artes (COLAB./ART 14);
5) Primeiramente, é importante ressaltar que atuo na pesquisa em poéticas visuais, ou seja, trata-se de um tipo de pesquisa engendrada pelas práticas, fazeres e processos artísticos (no exterior, esse tipo de pesquisa é chamado de <i>practice-based research; artistic research; arts-based research</i>). Nesse tipo de pesquisa, as questões/indagações são lançadas pelos processos artísticos, ou seja, não há pesquisa se a prática artística não estiver acontecendo . Quando esse tipo de pesquisa é desenvolvido no meio acadêmico (TCC, Mestrado, Doutorado), ela é constantemente atravessada pelas regras da pesquisa científica e por referenciais artísticos e teóricos que vão adensar, mais tarde, os processos de reflexão que culminarão na escrita da monografia, dissertação ou tese. Sendo assim, neste contexto, “pesquisa científica” em poéticas visuais pode ser compreendida como uma pesquisa que tem como ponto de partida a prática artística e como ponto de chegada o relato contextualizado e a reflexão aprofundada sobre os processos e

<p>caminhos percorridos que foram sendo ativados pelas questões previamente delimitadas [...] (COLAB./ART 25) [4];</p>
<p>6) Aprofundamento em práticas ou teorias, registradas em diversos formatos, não necessariamente textuais (COLAB./ART 24);</p>
<p>7) Com certeza existe muita dificuldade em entender que a pesquisa em poética visual não se distancia dos parâmetros que se considera pertinentes a uma pesquisa científica, pois tende-se a considerar que processos criativos não possam ser considerados pesquisas científicas. Tenho ao longo dos anos praticado as minhas atividades de artista-pesquisadora com toda a clareza e objetividade que requer uma pesquisa científica. Portanto, afirmo que partindo de procedimentos e metodologias específicas pertinentes ao campo de conhecimento no qual trabalho, os resultados obtidos podem ser analisados e partilhados com outros artistas e pesquisadores de áreas afins, configurando-se assim, como pesquisa científica (COLAB./ART 26);</p>
<p>8) Para mim, há uma série de práticas de pesquisa artística que também implica em procedimentos ditos científicos, mas que, no entanto, é ignorada em função de modelos naturalizados pelo próprio cenário acadêmico [...] (COLAB./ART 21);</p>
<p>9) A pesquisa científica configura um esforço no sentido de um distanciamento do campo artístico, para problematizar vetores que o constituem, seja do ponto de vista das categorias conceituais, das orientações epistemológicas, de seus marcos históricos e de suas práticas (COLAB./ART 17).</p>

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos).

De acordo com a resposta 1, a pesquisa em Artes é compreendida na articulação de teorias com as práticas de produção artística (e tudo que a envolve), tendo em vista que oito colaboradores responderam à pergunta basicamente seguindo essa mesma linha de pensamento. Nessa concepção, a produção da arte é incorporada às perspectivas “estéticas, pedagógicas e históricas” (COLAB./ART 12), numa visão transdisciplinar que compreende áreas próximas como a Filosofia, a Educação, a História, a Sociologia, a Arquitetura etc. Nessa resposta, também fica evidente que a área trabalha com métodos qualitativos de pesquisa. A afirmação de que as pesquisas em Artes geram “reflexões” e “discussões” também se faz presente entre as respostas (resposta 2), pois as investigações costumam ter “continuidade de questões” (COLAB./ART 01) de natureza teórica e se materializar em uma prática.

No entanto, é perceptível que há um conflito na área sobre o que vem a ser “científico” no contexto de pesquisa. As respostas 3, 4 e 5 deixam claro que a Arte em si não se constitui ciência e as pesquisas desenvolvidas nesse campo recebem a denominação de “*practice-based research; artistic research; arts-based research*” ou simplesmente “pesquisa em artes”. A resposta 5 constata, a partir da experiência do colaborador, que esse tipo de pesquisa é “engendrada pelas práticas, fazeres e processos artísticos” (COLAB./ART 25), sendo

atravessada por “regras da pesquisa científica e por referenciais artísticos e teóricos” (COLAB./ART 25), mas seu ponto de partida é a prática e o ponto de chegada é “o relato contextualizado e a **reflexão aprofundada** sobre os processos e caminhos percorridos que foram sendo ativados pelas questões previamente delimitadas” (COLAB./ART 25, destaques nossos). Logo, de acordo com a resposta 5: “não há pesquisa se a **prática** artística não estiver acontecendo” (COLAB./ART 25, destaque nosso).

Por conseguinte, é evidente a centralidade da “prática artística” no desenvolvimento das pesquisas em Artes, seja ela a partir de uma análise de um objeto de arte ou a produção deste, pois, como destaca a resposta 6, esse aprofundamento em práticas ou teorias “são registradas em diversos formatos, não necessariamente textuais” (COLAB./ART 24).

É dessa ideia que decorre a dificuldade de compreensão por parte da comunidade acadêmica, seja dentro ou fora da própria área, sobre o que vem a ser “pesquisa em Artes”, pois, de acordo com a resposta 7, “tende-se a considerar que processos criativos não possam ser considerados pesquisas científicas” (COLAB./ART 21). No entanto, nessa resposta, a colaboradora afirma que suas atividades de pesquisa obedecem a parâmetros considerados científicos como: objetividade, procedimento, metodologia, análise e resultados. Sendo assim, na visão dela, a pesquisa em Artes, de todo modo, se configura como ciência.

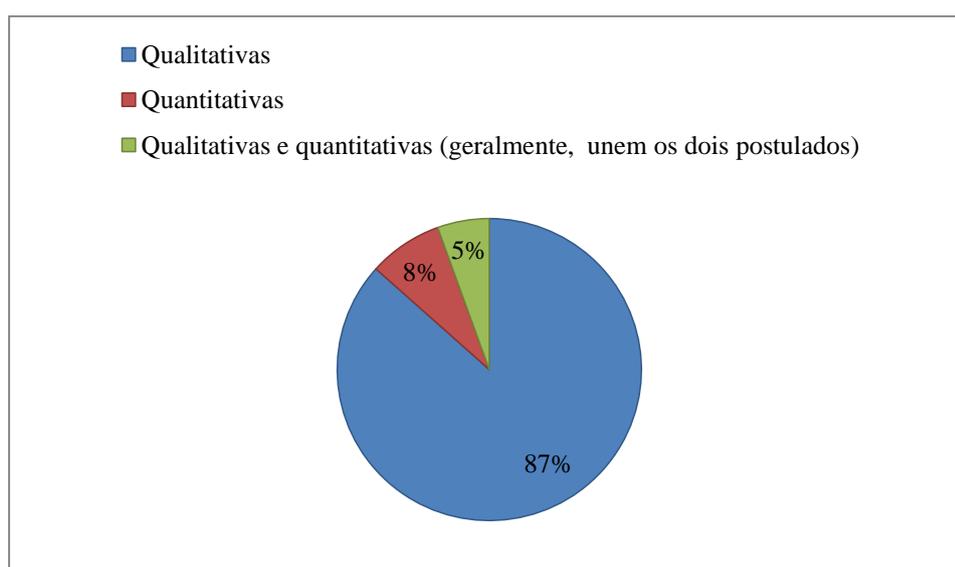
Entretanto, o colaborador 8 afirma que, além de perceber que, nas práticas de pesquisas artísticas, existe a implicação de procedimentos científicos, há, por parte da academia, uma má compreensão ou desconsideração desses modelos de pesquisa, sendo a investigação, muitas vezes, configurada em um esforço de se distanciar do campo artístico, como afirma a resposta 9, para problematizar seus objetos investigativos.

Sobre as pesquisas em Artes, Zamboni (2001, p. 52) afirma que “os problemas resolvidos pela pesquisa em arte, diferentemente dos resolvidos pela atividade da ciência, são de difícil identificação, dado que, muitas vezes, devem ser descobertos ou mesmo criados pelo artista pesquisador”. Além disso, “depois de resolvidos, a exemplo dos resultados da pesquisa científica, também são *devolvidos* à sociedade; mas não em forma de soluções verbalizadas ou em dados numéricos, mas sim *contidos* nas obras de arte” (ZAMBONI, 2001, p. 52, destaques do autor). Vale destacar que Zamboni (2001) restringe sua explanação às pesquisas em arte que originam uma obra artística, mas, como vimos, de modo geral, essa prática é recorrente na área.

Pensando nos métodos aplicados às pesquisas, diante do exposto, percebemos a íntima aproximação das pesquisas em artes com as investigações de cunho qualitativo, tendo em vista que, segundo Minayo (1999, p. 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito

particulares”. Atrelando sua argumentação às pesquisas em Ciências Sociais, Minayo (1999) esclarece que esse tipo de pesquisa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado: “Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1999, p. 21-22). Essa visão se confirma a partir do gráfico 2, no qual percebemos a predominância de pesquisas qualitativas na área de Artes:

Gráfico 2- Principal característica das pesquisas em Artes



Fonte: dados de pesquisa (2019).

Zamboni (2001) destaca que, em Ciências Humanas, as pesquisas encontram dificuldades em utilizar parâmetros quantificáveis, as quais se adentram em metodologias mais complexas com resultados menos exatos. Para o autor, “a arte é a área que está no fim dessa sequência de subdivisões do conhecimento humano, onde é mais difícil qualquer possível quantificação” (ZAMBONI, 2001, p. 48).

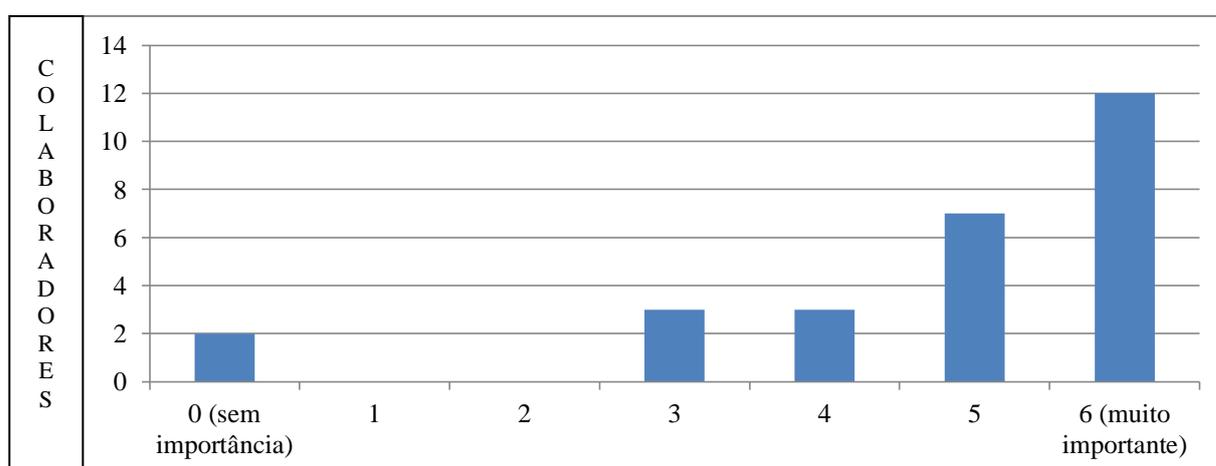
Dessa forma, é compreensível o conflito observado nas respostas ao questionário sobre a definição de pesquisa em Artes, pois, segundo Zamboni (2001), essas pesquisas são permeadas por inúmeros fatos não racionais e não controlados pelo intelecto do pesquisador, “[...] e, portanto, pode necessitar de caminhos menos diretos para que se dê a maturação necessária das soluções objetivadas pelo artista” (ZAMBONI, 2001, p. 44).

No entanto, Arte e Ciência não se opõem, pois, no que concerne à pesquisa, esta é um processo racional e, ao mesmo tempo, intuitivo que busca solucionar algo (ZAMBONI,

2001). Além disso, Zamboni (2001) esclarece que a pesquisa em Artes obedece a todas as fases de uma pesquisa científica geral como: problema, referencial teórico, hipóteses, observação e procedimentos de trabalho; mas apresenta diferenças em relação aos resultados e à interpretação, pois, em Artes, há uma tendência à multi-interpretação com visões pessoais. Esses esclarecimentos reforçam a interpretação da visão dos colaboradores em relação à pesquisa, no que concerne aos procedimentos, os quais não possuem uma propensão a se diferenciar de investigações ditas “científicas”, mas, por vezes, são vistos como práticas disciplinares “não científicas”, porque ainda há a supervalorização simbólica da academia ao que é sistematizado de forma a quantificar ou a generalizar.

Partindo para uma discussão mais específica acerca do gênero “artigo científico” nas áreas investigadas, segue uma explanação das respostas dos colaboradores sobre a questão 6 do questionário, que solicita: “Considerando a produção científica na pós-graduação de sua área, indique a importância valorativa do gênero ‘artigo científico’ publicado em periódico *qualis* para o pesquisador”. Os colaboradores marcaram suas respostas em uma escala horizontal de 0 a 6, em que o “zero” foi classificado como “sem importância” e o “seis” como “muito importante”. Vejamos os gráficos e as respostas:

Gráfico 3- Escala valorativa do gênero “artigo científico” em Arquitetura/Urbanismo



Fonte: dados de pesquisa (2019).

Vale salientar que os números na vertical representam a quantidade de colaboradores que marcaram sua resposta de acordo com a escala horizontal. Assim, dois colaboradores marcaram “0”, três marcaram “3”, três marcaram “4”, sete marcaram “5” e 12 marcaram “6”. Não houve marcações para a escala “1” ou escala “2”.

Sobre os dados, de modo geral, percebemos que as publicações em periódicos científicos possuem um valor evidente, uma vez que 12 colaboradores marcaram que esse tipo de publicação é considerado como “muito importante” para a área. Dentre suas justificativas gerais, estão as afirmações:

Quadro 8- Excertos 3 (Arquitetura/Urbanismo)

1) A avaliação CAPES na área tem maior pontuação em artigos de periódicos (COLAB./ARQ 07) [2];
2) Por que apresenta os resultados da investigação certificado pelos critérios de avaliação (COLAB./ARQ 11) [2];
3) Dividir o resultado das pesquisas com a sociedade é de extrema significância, o que se consegue através da publicação (COLAB./ARQ 14) [1];
4) É fundamental para o crescimento acadêmico (COLAB./ARQ 03) [2].

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos).

Na análise das respostas, percebemos que a importância do “artigo científico” para a Arquitetura/Urbanismo é muito influenciada pela avaliação da Capes para esse tipo de publicação, uma vez que, segundo essa instância, a função do *qualis* é exclusivamente para avaliar a produção científica dos programas de pós-graduação²⁴. Por esse motivo, é evidente que, para esse gênero, os critérios de avaliação se tornam mais rígidos e, por consequência, uma publicação em periódico apresenta essa “certificação”, conforme destaca a resposta 2. Além disso, o fato de o artigo facilitar o compartilhamento de informações, melhorando o desenvolvimento acadêmico, também é mencionado.

Dentre as respostas dos colaboradores que não marcaram como “muito importante”, temos aquelas que apresentam algumas ressalvas em relação à prática de publicação em periódicos. No entanto, de forma geral, foi perceptível que esses colaboradores não desconsideraram a publicação em artigos, mas destacam algumas particularidades da área em relação a isso. A exemplo disso, vejamos o quadro 9, no qual fazemos uma explanação sistematizada das respostas:

²⁴ Cf. < <https://www.capes.gov.br/pt/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual> > Acesso em 06. Jun. 2019.

Quadro 9- Excertos 4 (Arquitetura/Urbanismo)

Resposta do colaborador que marcou “5”	1) Por ser a Arquitetura e Urbanismo uma ciência social aplicada e uma profissão em essência generalista, a prática e a experiência profissional também têm peso importante , embora considere que, do ponto de vista científico, isso seja pouco valorizado. Não diria que se trata de uma área eminentemente científica . Mas, em se tratando de pesquisa científica, a classificação do periódico em que se publicam os resultados da pesquisa tem grande importância (COLAB./ARQ 18).
Resposta dos colaboradores que marcaram “4”	1) A produção em livros e artigos de eventos ainda é relevante para a área (COLAB./ARQ 05); 2) Tem o seu valor, mas não é a única fonte, uma vez que existe certa dificuldade e lobby para a publicação em periódicos com <i>qualis</i> tipo A e B (COLAB./ARQ 02).
Resposta do colaborador que marcou “3”	1) A área ainda não tem essa prática tão consolidada como outras (COLAB./ARQ 13).
Resposta dos colaboradores que marcaram “0”	1) Nunca li nenhum material com esta classificação , nunca publiquei nada neste tipo de meio, nem acho que eles são os mais acessíveis para os interessados (COLAB./ARQ 22); 2) O pesquisador, em geral, a nota é seis, mas não quero entrar na disputa pelo curriculum <i>Lattes</i> . Não pauto minha produção por isso . (COLAB./ARQ 23)

Fonte: dados de pesquisa (destaques nossos, 2019).

Com base na resposta do colaborador que marcou “5” (COLAB./ARQ 18), percebemos que, para a área, a prática profissional, em relação às pesquisas acadêmicas, tem bastante relevância. No entanto, a resposta ressalta que a área não é “iminentemente científica” (COLAB./ARQ 18), tendo em vista a valorização da prática do profissional arquiteto. No entanto, o colaborador reconhece que a publicação em *Qualis* representa grande importância para a área científica. Dessa forma, percebemos que, enquanto prática disciplinar na Arquitetura/Urbanismo, a valoração positiva em relação ao artigo científico é atravessada pela influência da avaliação da Capes (*Qualis*), pois isso favorece a divulgação das pesquisas e, por conseguinte, o fortalecimento da área como campo investigativo.

No entanto, conforme as respostas, a área ainda conta com a relevância das publicações em livros e a participação em eventos (COLAB./ARQ 05), bem como, novamente, há destaque para a prática e a experiência profissional, uma vez que um colaborador afirmou que os pesquisadores encontram certa dificuldade em publicações tipo *Qualis* A ou B devido à existência de uma espécie de *lobby* (COLAB./ARQ 02) na área. Para nós, ainda que o termo “*lobby*” esteja deslocado do seu uso comum, inferimos que essa afirmação evidencia que há, na área, um grupo ou vários grupos de pesquisadores que interferem em publicações de artigos ou agem na organização interna das revistas em prol de seus próprios interesses ou de

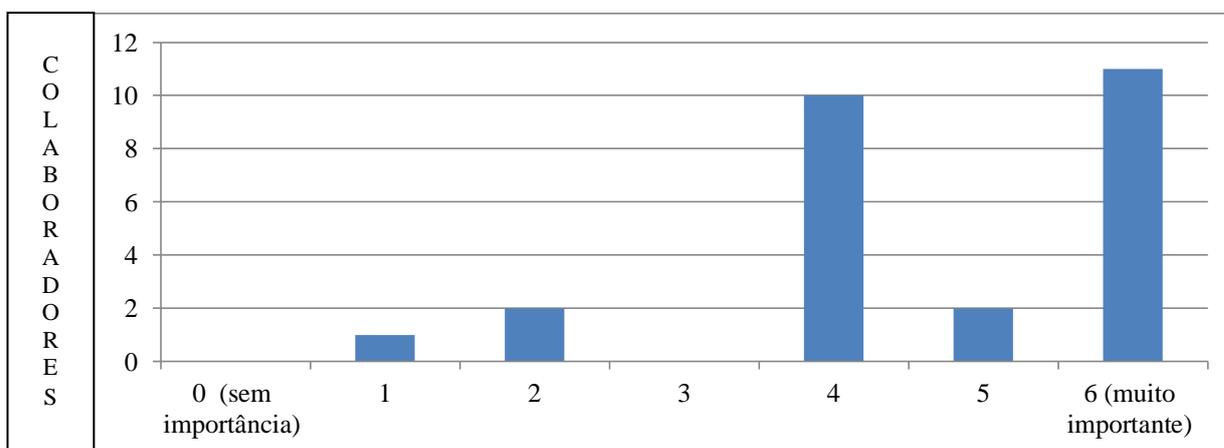
interesses de *outrem*. Em virtude disso, outros tipos de publicação, não especificados pelo colaborador, ganham destaque, já que as publicações *Qualis A e B* sofrem essa intervenção.

Por fim, vale ressaltar que, de acordo com as respostas, a prática da publicação em periódicos não é tão recorrente na Arquitetura/Urbanismo (COLAB./ARQ 13) em comparação a outras áreas, não especificadas pelo colaborador. Isso pode nos indicar que essa ação é mais restrita à pós-graduação, que é o foco da avaliação Capes, e pode indicar também que o foco de interesse da área não se centra apenas em publicações de artigos, tendo em vista o valor de outros tipos de publicações e o valor da atuação profissional.

Dos colaboradores que marcaram “0”, percebemos o desconhecimento acerca do assunto por parte de um (COLAB./ARQ 22) e a falta de interesse acerca disso por parte do outro (COLAB./ARQ 23).

Vejam agora o gráfico 4 que demonstra o grau valorativo do artigo científico, conforme os colaboradores de Artes:

Gráfico 4- Escala valorativa do gênero “artigo científico” em Artes



Fonte: dados de pesquisa (2019).

Com base nesse gráfico, percebemos que as respostas dos colaboradores de Artes oscilam entre “muito importante” (número 6) e “relativa importância” (número 4). Nesse caso, observamos que, de modo geral, o gênero artigo é relevante para a área, mas, quanto a isso, os pesquisadores levam em consideração algumas ressalvas. Dos colaboradores que marcaram “muito importante” (11 colaboradores), observamos as seguintes justificativas gerais:

Quadro 10- Excertos 5 (Artes)

1) Os artigos são de extrema importância pela sua eficiência na divulgação das novas pesquisas na área (COLAB./ART 02) [6];
2) As publicações são fundamentais para a circulação do conhecimento que está sendo produzido na área e também para o fortalecimento institucional da área de Artes como campo importante de produção de saberes e de conhecimento (COLAB./ART 25) [1];
3) O artigo científico é um espaço importante de difusão de ideias de uma pesquisa em andamento, bem como espaço de resumo de uma ideia desenvolvida em uma tese ou dissertação. Ele funciona como uma carta-convite à leitura de pesquisas já acabadas ou a uma reflexão em processo sobre determinado conceito (COLAB./ART 23);
4) Projeta e implica o pesquisador no campo de conhecimento (COLAB./ART 06).

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos).

Com base nos excertos, percebemos que os colaboradores, de modo geral, valorizam o gênero investigado por sua “eficiência na divulgação” das pesquisas na área, uma vez que mais de seis pesquisadores justificaram a resposta seguindo essa linha de pensamento. Além disso, essa ideia atravessa as outras respostas, mas, nelas, observamos ainda algumas outras justificativas, tais como: as publicações fortalecem a área; o gênero é uma boa ferramenta de divulgação de uma pesquisa maior, porém de forma condensada; e as publicações têm o efeito de projetar e implicar o pesquisador na área.

Ressaltamos que os colaboradores que marcaram “5” (importante), de modo geral, também destacaram a importância das publicações de artigos no compartilhamento de resultados de pesquisa, mas um colaborador faz uma ressalva em relação ao “sistema de avaliação e validação das pesquisas”, que, na área, “atravessa uma crise, com a desqualificação do trabalho dos avaliadores/revisores, o que resulta numa espécie de nó na cadeia de etapas que envolve a publicação em periódicos” (COLAB./ART 17).

Dos colaboradores que marcaram o número “4”, ou seja, que destacaram a relativa importância do artigo científico na divulgação do conhecimento na área, três não deixaram claro o porquê de suas marcações, porém evidenciaram que os artigos possuem importância como “sinalizadores de percurso” e “servem como subsídios para investigações ulteriores” (COLAB./ART 09). No entanto, dos que expuseram as justificativas da relativa importância do gênero, obtivemos as seguintes justificativas gerais:

Quadro 11- Excertos 6 (Artes)

1) A publicação de artigos tem sua importância, mas é também fundamental a realização e a apresentação de obras artísticas (COLAB./ART 04) [2];
2) Acredito que ainda há uma defasagem no rigor na produção acadêmica em Artes. Nem sempre um <i>qualis</i> assegura a complexidade do trabalho (COLAB./ART 15) [1];
3) A pressão para que se publique artigos muitas vezes leva à publicação de pesquisas ainda pouco profundas (COLAB./ART 19);
4) [...] O artigo científico é um meio consagrado, naturalizado no meio acadêmico e com comprovada eficácia . O problema é que esse meio está em descompasso com a profusão de meios contemporâneos . Pode-se fazer uma ótima pesquisa com todas as características de um artigo científico só que em outro meio como o vídeo. Ademais, há um alcance muito maior em diálogo com nosso tempo desse modo, além de possibilidades mais democráticas [...]. Artigos devem continuar a existir, mas a pesquisa pode e deve ser publicada em outros meios , em alguns casos no campo das artes e expressão em geral, muito mais adequados do que na forma textual [...] (COLAB./ART 21).

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos).

Conforme os excertos do quadro 11, percebemos, mais uma vez, a relevância da atuação artística dos profissionais na área de Artes em detrimento da publicação de artigos científicos (resposta 1). Os colaboradores não negam a importância do gênero na área, mas afirmam que este não se configura como a única ou mais importante produção, pois “nem sempre um *qualis* assegura a complexidade” de um trabalho (resposta 2), afirmação que corrobora os estudos de Pereira (2014) e Miranda *et al* (2019) acerca da evidência de que o *qualis* não parecer ser um fator fundamental nas produções e não atesta a profundidade ou valor de uma publicação.

Além disso, a pressão para que se publique um artigo, muitas vezes, leva à exposição de uma investigação pouco aprofundada (resposta 3). Ademais, um colaborador afirmou (resposta 4) que, ainda que o artigo seja um gênero “consagrado”, “naturalizado” e com “comprovada eficácia”, ele, muitas vezes, se torna inadequado no que tange à escolha de publicações, pois esse gênero está “em descompasso” com dois elementos essenciais: com as práticas linguageiras contemporâneas, que valorizam a interatividade unida à tecnologia (como o vídeo); e com a necessidade de expressividade da própria área, que necessita de outros meios além da escrita textual.

Por outro lado, apenas dois colaboradores marcaram “1” e “2”, os quais evidenciam a “pouca importância” do gênero para a área. Vejamos o quadro 12 com as respostas sistematizadas:

Quadro 12- Excertos 7 (Artes)

1) Quase ninguém lê artigos em periódicos *qualis...* **vale mais publicar em veículos de impacto midiático do que ter produção científica.** Quanto mais você pensa e escreve, mais entraves em sua carreira artística encontra (COLAB./ART 10).

2) Atualmente, **já se escreve e se publica, mas quase sem retorno dos pares:** poucos leem o texto do outro, preocupados em produzir textos e preencher Lattes. Ainda não se conformou um ambiente de diálogo científico em nossa área. Tampouco há muitas reflexões e avanços no sentido de entender o que seria do âmbito do “científico” nas artes [...] (COLAB./ART 16).

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos).

Com base nas respostas supracitadas, é evidente que um dos problemas que os autores acadêmicos, em Artes, enfrentam é a falta de público que leia e que dialogue com seus textos, o que se caracteriza como uma contradição, haja vista que o espaço acadêmico deveria ser um ambiente de ampla disseminação dos textos e dos diálogos. Nessa concepção, as publicações se caracterizam mais por uma prescrição acadêmica, sem necessariamente ter o alcance necessário e que precisa ser repensada para que tenha mais abrangência, estando alinhada aos propósitos da área que, como podemos ler, muito valoriza a prática profissional e não apenas a pesquisa e a sua publicação.

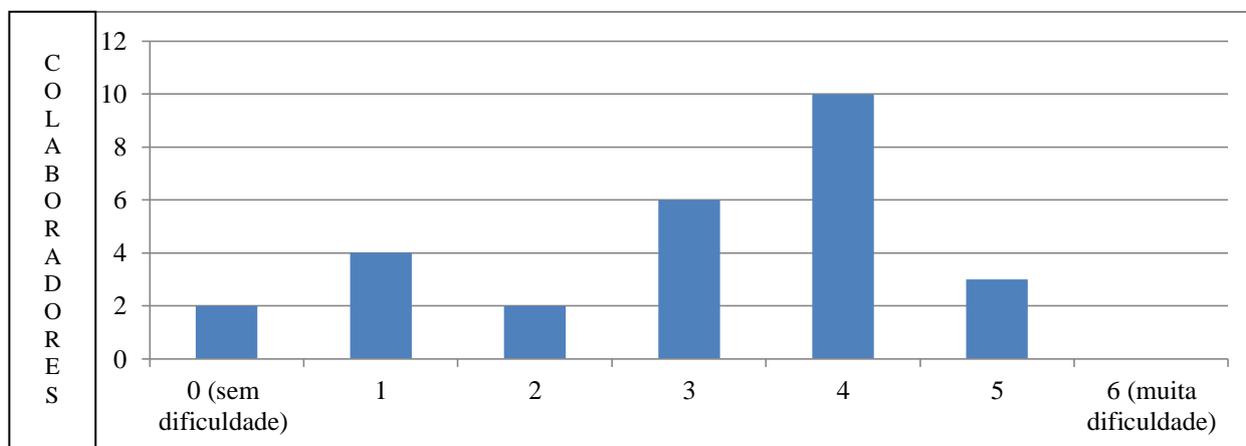
Assim, a partir do quadro 11 e 12, percebemos que o artigo na área de Artes recebe valor no que concerne à eficiência na divulgação de uma pesquisa, implicando o pesquisador e fortalecendo a área como campo investigativo, valor também agregado na área de Arquitetura/Urbanismo. No entanto, a produção artística, em termos de produção profissional, recebe igual valor por projetar o pesquisador/profissional para além da universidade, o que também é um ponto de encontro com a área de Arquitetura/Urbanismo, por essa também deixar clara a importância da atuação na profissão de forma paralela à atividade de pesquisa.

Além disso, em Artes, foi observado que a pressão à publicação e a falta de manutenção dos parâmetros de qualidade dos artigos se constituem como pontos negativos à escrita do gênero, assim como a abrangência (ou restrição) de público que os artigos alcançam. Por fim, nessa área, foi observado ainda que esse meio de publicação não é (e não deve ser) o único, haja vista a complexidade das pesquisas na área que necessitam de outras formas de exposições além das escritas. Em Arquitetura/Urbanismo, também foi observado que os artigos não são a única fonte de publicação, além de ficar claro que a área não possui essa prática tão consolidada, sendo influenciada pelas exigências da Capes.

Por fim, apresentamos a seguir as respostas do questionário com relação à pergunta “Qual seu nível de facilidade/dificuldade em relação à elaboração de um artigo acadêmico-científico? (considere o ‘zero’ como: sem dificuldade; e o ‘seis’ como: muita dificuldade)” e

suas justificativas mais representativas. Segue o gráfico 5 com os dados de Arquitetura/Urbanismo:

Gráfico 5- Escala com os níveis de facilidade/dificuldade em relação à elaboração de um artigo acadêmico-científico (Arquitetura/Urbanismo)



Fonte: dados de pesquisa (2019).

Vale lembrar que, no gráfico, os números na vertical indicam a quantidade de colaboradores que marcaram determinado número na escala. Assim, podemos observar que, de acordo com o gráfico 5, apesar das oscilações, a maioria dos colaboradores marcaram que apresentam certa dificuldade em relação à elaboração de um artigo acadêmico-científico, pois os números “3” e “4” foram bastante assinalados, evidenciando um nível de relativa dificuldade. Além disso, destacamos também as marcações no nível “5”, as quais expõem que alguns colaboradores possuem uma dificuldade considerável.

É importante destacar que, conforme já exposto, a maioria dos colaboradores possuem doutorado, o que, poderia indicar um alto nível de letramento com relação à elaboração de artigos. No entanto, de acordo com as respostas, os colaboradores ainda demonstram possuir dificuldades quanto à materialização desse gênero acadêmico. A seguir, organizamos um quadro, no qual apresentamos as justificativas das marcações “3”, “4” e “5”. Em cada exposição, inserimos, ao lado, o nível de escolaridade do colaborador.

Quadro 13- Excertos 8 (Arquitetura/Urbanismo)

1) Escrever não me é uma tarefa fácil (COLAB./ARQ 11) [2]; (<u>Doutorado</u>)
2) Exige tempo, pesquisa, lógica, conhecimento do assunto, criatividade e disciplina. (COLAB./ARQ 09) [1]; (<u>Doutorado</u>)
3) Disponibilidade de tempo (COLAB./ARQ 24) [1]; (<u>Doutorado</u>)
4) Difícil escrever com clareza e alta qualidade técnico-científica (COLAB./ARQ 19) [1]; (<u>Doutorado</u>)
5) Pouca prática na produção desse tipo de texto. (COLAB./ARQ 18); (<u>Mestrado</u>)
6) Depende do tema, do momento, do avanço da pesquisa, etc (COLAB./ARQ 22); (<u>Doutorado</u>)
7) Entender as especificidades de cada linha editorial (COLAB./ARQ 08); (<u>Doutorado</u>)
8) Os recortes em uma pesquisa mais abrangente. Sempre parece ficar faltando algo mais. (COLAB./ARQ 16). (<u>Doutorado</u>)

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos).

Dentre as dificuldades, inicialmente, observamos que os colaboradores citaram o próprio ato de escrever, que não “é tarefa fácil” (COLAB./ARQ 11), e as exigências que a escrita de um artigo científico demanda como: “tempo, pesquisa, lógica, conhecimento do assunto, criatividade e disciplina” (COLAB./ARQ 09). Diante dessa complexidade de elementos de exigência da construção do texto – ainda que elementos de ordem textual quase não tenham sido mencionados – a disponibilidade de tempo (COLAB./ARQ 24) também foi citada.

Além disso, a “clareza e a alta qualidade técnico-científica” (COLAB./ARQ 19), inerentes à área – conforme veremos posteriormente –, também dificultam a composição do artigo, segundo o colaborador. Nessa linha, questões de prática de escrita, tema, momento, avanço da pesquisa e especificidades de cada linha editorial são citados, conforme as respostas 5, 6 e 7. Por fim, de acordo com a resposta 8, outra dificuldade citada se relaciona com a prática de composição de artigos a partir de uma pesquisa maior (a exemplo de uma dissertação), a qual precisa ser “recortada” para a exposição acadêmico-científica em artigos.

A partir disso, constatamos que, por mais que o pesquisador possua um alto nível acadêmico e por mais que ele esteja inserido numa cultura disciplinar, esses elementos não garantem um total letramento acadêmico-científico no que concerne à elaboração de textos acadêmicos, como o artigo. Nessa atividade, muitas variáveis entram em jogo, o que acaba por não deixar a tarefa isenta de dificuldades.

No entanto, considerando as respostas dos colaboradores que marcaram os indicadores de “baixa” ou “nenhuma” dificuldade, conforme os números “0”, “1” e “2”, vemos as seguintes justificativas:

Quadro 14- Excertos 9 (Arquitetura/Urbanismo)

1) Não tenho dificuldades para escrever artigo dentro das normas (COLAB./ARQ 23) [1] (<u>Doutorado</u>);
2) Alguma dificuldade pode surgir para se adequar ao tema e subtemas do evento (COLAB./ARQ 01) (<u>Doutorado</u>);
3) Não tenho grandes dificuldades, a não ser, colocar tudo em poucas páginas (COLAB./ARQ 02) [1] (<u>Doutorado</u>);
4) A maior dificuldade para mim é a disponibilidade de tempo (COLAB./ARQ 06) [2] (<u>Doutorado</u>).

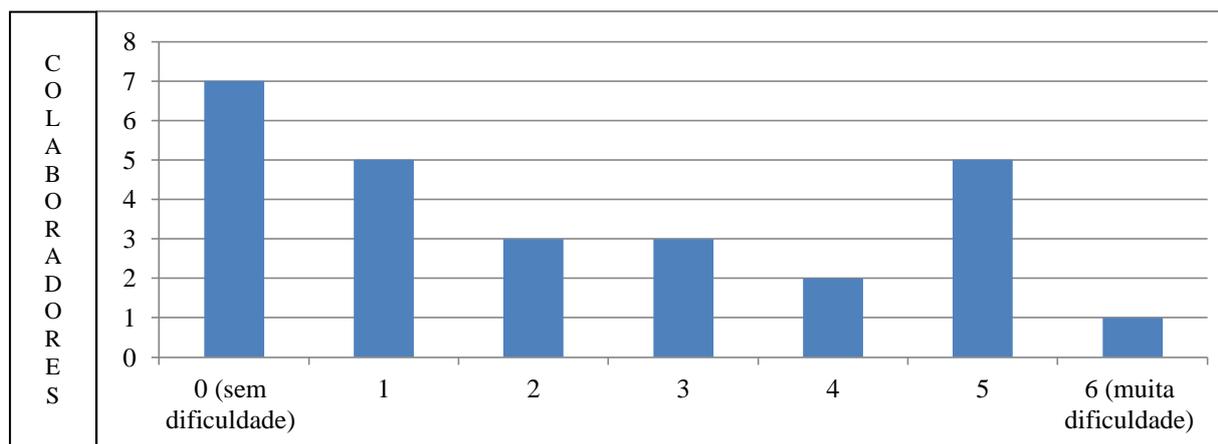
Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos)

A partir dessas respostas, percebemos que, mesmo com a indicação de baixa dificuldade, os colaboradores ainda expuseram algum obstáculo a ser superado, quanto se trata de escrita de artigo científico. Dentre eles, observamos que, com exceção da resposta 1, as complicações mencionadas ainda giram em torno da adequação ao tema, recorte do texto de pesquisa e da disponibilidade de tempo.

Assim, observamos que, de acordo com as informações, os pesquisadores de Arquitetura/Urbanismo encontram certo obstáculo a ser superado no contexto de escrita de um artigo, levando em consideração elementos internos ao texto, como: temática e tipo de linguagem adotada. No entanto, os colaboradores também citaram elementos externos, os quais fazem parte do contexto de produção, como: tempo, prática, conhecimento, normas, etapas e recortes da pesquisa.

Vejamos agora os indicadores dos colaboradores de Artes:

Gráfico 6- Escala com os níveis de facilidade/dificuldade em relação à elaboração de um artigo acadêmico-científico (Artes)



Fonte: dados de pesquisa (2019).

Com base no gráfico 6, podemos observar que os colaboradores de Artes, em sua maioria, sinalizaram “nenhuma” ou “pouca dificuldade” com relação à elaboração de artigos, mas também foi observada uma quantidade considerável (onze) de colaboradores que marcaram os números “3”, “4”, “5”, e “6”, demonstrando assim diferentes níveis de dificuldades. Vejamos, inicialmente, os obstáculos mencionados por esses colaboradores, novamente, interligamos esses dados com os níveis de escolaridade:

Quadro 15- Excertos 10 (Artes)

1) Cada artigo pressupõe um conjunto de desafios a serem enfrentados e, portanto, não há nenhuma situação que possa ser considerada “sem dificuldade” (COLAB./ART 17) [1] (<u>Pós-doutorado</u>);
2) Necessito de bastante tempo para redigir um artigo científico, pois ao escrevê-lo, faço inúmeras revisões no texto até achar o tom exato para que a leitura se torne fluente, clara e interessante. (COLAB./ART 22) [2] (<u>Pós-doutorado</u>);
3) Embora seja encantador o desafio de transpor em escrita uma pesquisa em artes cênicas, o papel, a palavra nunca conseguirá conter em sua completude o acontecimento cênico , deixando-nos sempre a sensação de certa “injustiça” e “incompletude” em relação ao que fora de fato vivenciado ao longo de toda a investigação. (COLAB./ART 02) [1] (<u>doutorado</u>);
4) É sempre difícil abordar o próprio processo de trabalho ou mesmo o processo de trabalho de outros artistas . (COLAB./ART 09) (<u>doutorado</u>);
5) Os pressupostos da escrita científica tornam a atividade pouco prazerosa (COLAB./ART 14) (<u>doutorado</u>).

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos).

Percebemos que as respostas 1 e 2 evidenciam que algumas dificuldades citadas pelos colaboradores de Artes não diferem muito das mencionadas pelos colaboradores de Arquitetura/Urbanismo, pois a ideia de que, na escrita do artigo científico, “não há nenhuma situação que possa ser considerada ‘sem dificuldade’” (COLAB./ART 17) e a menção à demanda de tempo para essa atividade também foram apontadas pelos colaboradores de ambas as áreas.

No entanto, as respostas 3 e 4 evidenciam os obstáculos experimentados apenas pelos colaboradores de Artes, como: “a palavra nunca conseguirá conter em sua completude o acontecimento cênico” (COLAB./ART 02); e “É sempre difícil abordar” os próprios trabalhos artísticos ou trabalhos alheios (COLAB./ART 09). Dessa forma, percebemos que essas dificuldades são inerentes aos processos de escrita da própria área, que trabalha com meios visuais, subjetivos e com multiplicidade semiótica, complexificando a transposição para a língua escrita nos moldes acadêmicos. Nisso, o letramento acadêmico-científico e a inserção na cultura disciplinar auxiliam o pesquisador nessa tentativa, mas não garantem que ele conseguirá fazê-lo, uma vez que a dificuldade se centra em algo que transcende esses elementos.

Essa discussão se amplifica quando passamos a refletir acerca da estrutura do gênero em sua materialidade, pois a depender do estudo, esta necessita de um complemento para além da cultura essencialmente escrita de publicação de artigos. Nessa situação, a crítica que fazemos, e que posteriormente será retomada no posicionamento de um colaborador, é acerca da real necessidade de o artigo ser fundamentalmente escrito, pois considerando a pluralidade das áreas, especificamente as Artes, em termos de pesquisa e fazer científico, é mister refletirmos acerca da supervalorização da escrita no âmbito acadêmico.

Além disso, os pressupostos da escrita científica foram citados, pelos colaboradores, como motivadores de uma atividade “pouco prazerosa”, o que também se configura como um empecilho à realização plena do processo de escrita. É importante lembrar que a evidência de que os colaboradores encontram dificuldades na escrita acadêmico-científica, em virtude das especificidades da área, também foi observada entre as respostas dos colaboradores de Arquitetura/Urbanismo.

Vejamos, agora, as justificativas dos colaboradores de Artes que marcaram “nenhuma” ou “pouca dificuldade” na composição do artigo científico:

Quadro 16- Excertos 11 (Artes)

1) Estou acostumado(a) a escrever artigos (COLAB./ART 04) [7] (<u>pós-doutorado</u>);
2) A área de Artes já possui paradigmas de artigo acadêmico-científico para áreas como arte educação, história da arte, teoria da arte, entre outras subáreas. Reconheço, todavia, que colegas da produção poética encontram dificuldades de adequar suas propostas metodológicas à liturgia acadêmica convencional. Não é o meu caso. (COLAB./ART 12) [1] (<u>Mestrado</u>);
3) [...] O que acho mais difícil é encaixar o tema pesquisado e o artigo desenvolvido dentro das linhas estabelecidas nas revistas especializadas em arte (COLAB./ART 03) (<u>Mestrado</u>);
4) [...] Minha dificuldade se refere mais ao meu estilo , que desobedece formatações demasiado rígidas, inadequadas, a meu ver, com a pesquisa em Artes, cujos enunciados necessitariam, para melhor expressão, produzir-se por meio do poético [...]. (COLAB./ART 07) (<u>pós-doutorado</u>);
5) Um artigo científico requer síntese de ideias, reunião de autores e, ao mesmo tempo, uma lógica de trabalho muito diferenciada daquela de elaborar uma aula ou redigir um texto técnico [...] Por isso, não considero fácil. (COLAB./ART 01) (<u>Doutorado</u>);
6) [...] A minha maior dificuldade é lidar com a falta de tempo para aprofundar fazeres e reflexões, [...]. (COLAB./ART 25) (<u>pós-doutorado</u>).

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos).

Conforme ressaltamos durante a explanação das respostas dos colaboradores de Arquitetura/Urbanismo, é natural termos respostas que evidenciam posicionamentos como a resposta 1, que expõe que sete dos colaboradores, por lidarem bastante com a escrita acadêmica, já não encontram dificuldades para compor um texto adequado ao gênero artigo. No entanto, é importante observar os obstáculos mencionados por aqueles que marcaram “pouca dificuldade” para a escrita desse mesmo texto, demonstrando que, mesmo não lidando com limitações problemáticas, a atividade não é totalmente isenta delas.

Sabendo disso, observamos, conforme a resposta 2, que a área lida com a organização do artigo, seguindo as orientações de outras áreas transversais como a História e a Educação. No entanto, alguns pesquisadores “encontram dificuldades de adequar suas propostas metodológicas à liturgia acadêmica convencional” (COLAB./ART 12), ou seja, os colaboradores mencionaram certa dificuldade de adequar o tema às normas dos parâmetros acadêmicos ou às normas das revistas (resposta 3). Vale lembrar que os colaboradores de Arquitetura/Urbanismo também citaram essa dificuldade.

No entanto, esse obstáculo é melhor detalhado na resposta 4, pois o colaborador, a partir de sua experiência, afirma que, por vezes, as formatações são muito rígidas, impedindo uma expressão poética necessária aos textos em Artes. Além disso, a complexidade do próprio gênero dificulta sua realização, pois, conforme a resposta 5, esse gênero segue uma “lógica de

trabalho muito diferenciada daquela de elaborar uma aula ou redigir um texto técnico” (COLAB./ART 01). Por fim, o quesito “tempo”, também foi mencionado, conforme a resposta 6. Fato também citado pelos colaboradores de Arquitetura/Urbanismo.

Sendo assim, de modo geral, o que observamos de dificuldades, compartilhadas entre as práticas disciplinares das áreas, é que estão ligadas aos elementos externos de produção do artigo, como: dificuldade na adequação dos temas às normas dos periódicos ou eventos; e dificuldade na organização do tempo para tal atividade. Em nosso entendimento, vemos que tais obstáculos estão atrelados às exigências atuais de publicação que atingem toda a cultura disciplinar da comunidade acadêmica, pois os colaboradores citaram não dispor de tempo suficiente para aprofundar as reflexões, tendo em vista o ritmo exigido para tal atividade; e também citaram o fato de terem que seguir e se adequar às orientações impostas pelos parâmetros dos periódicos em função dessas mesmas publicações. Por fim, segundo os colaboradores, observamos que a adequação dos textos e das pesquisas ao gênero e às especificidades de cada área também configura certa dificuldade na escrita acadêmico-científica do artigo.

5.2 OS ARTIGOS E OS PARÂMETROS DE PRODUÇÃO: FOCO, ESCOPO E DIRETRIZES GERAIS DAS REVISTAS

Conforme visto no capítulo teórico, o contexto de produção diz respeito às propriedades dos mundos formais que podem exercer influência sobre a produção de um texto e, por consequência, sobre seu produto final. Obviamente que, diante do nosso *corpus* de pesquisa, nós não tivemos acesso a todos os elementos que compõem o contexto de produção e que influenciaram a escrita acadêmico-científica dos agentes pesquisadores das áreas. Por isso, nós apresentamos, a seguir, os elementos gerais que estavam acessíveis a nós. Trata-se das características, normas e diretrizes das revistas que orientam a escrita e a estruturação dos artigos científicos coletados, as quais correspondem ao contexto social de produção.

5.2.1 Características gerais das revistas: foco e escopo

Como parte das características do contexto de produção dos textos analisados, apresentamos a seguir, no quadro 17, as informações gerais sobre as revistas, disponíveis em

seus *sites*, principalmente no que concerne ao foco e escopo. Nele, observando esses elementos nas revistas de Arquitetura/Urbanismo:

Quadro 17- Características gerais das revistas de Arquitetura/Urbanismo

<p><i>Ambiente Construído</i> (Qualis A2)²⁵</p>	<p>A “Ambiente Construído” é um periódico científico da Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído (ANTAC), entidade acadêmica, sem fins lucrativos, e que tem dentre seus objetivos <i>a contribuição para o desenvolvimento do conhecimento científico e sua disseminação</i>.</p> <p>São aceitos para publicação artigos originais e inéditos, necessariamente frutos de um trabalho de pesquisa científica, relativos à área do conhecimento denominada “Tecnologia do Ambiente Construído”, a qual abrange concepção, projeto, produção, operação, manutenção, demolição e reciclagem ou reutilização de edificações e do seu entorno imediato. A revista considera como “autores” apenas os que contribuíram significativamente para o trabalho.</p>
<p><i>Revista do programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP</i> (Qualis B1)²⁶</p>	<p>A “Revista Pós” foi criada como um canal de comunicação mais amplo desta comunidade científica, tanto em âmbito nacional quanto internacional, assim como para os pesquisadores das diversas áreas acadêmicas que se relacionam com o universo da arquitetura e da cidade, com o intuito de <i>registrar a memória do pensamento arquitetônico, de fazer circular de maneira ágil os resultados das pesquisas e de manter o debate o mais atualizado possível</i>.</p> <p>A revista “Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP” publica artigos inéditos, tendo como critério de seleção a consistência teórica e a adequação à linha e às normas editoriais da revista, outorgando, aos autores inteira responsabilidade pelas ideias por eles apresentadas. A revista é um periódico internacional que aceita artigos em inglês, português e espanhol. Se o artigo for resultando de dissertação ou tese, deve-se mencionar a relação com o texto e com o nome do orientador.</p>
<p><i>Cadernos de Arquitetura e Urbanismo</i> (Qualis B3)²⁷</p>	<p>Os Cadernos de Arquitetura e Urbanismo dedicam-se à divulgação de trabalhos técnico-científicos relacionados à área de arquitetura e urbanismo, especialmente os vinculados às atividades de ensino, pesquisa, pós-graduação e extensão.</p> <p>Seu público-alvo caracteriza-se predominantemente por profissionais e estudantes da área. Entretanto, dada a característica multidisciplinar desse campo do saber, seu interesse se estende a profissionais e estudantes de diversas áreas correlatas, como geografia, história, sociologia, filosofia, engenharia civil, entre outras.</p> <p>O periódico adota uma política de qualidade e diversidade temática. Têm sido publicados artigos de revisão, artigos resultantes de projetos de pesquisa, decorrentes de dissertações de mestrado e teses de doutorado, relacionados ao ensino da Arquitetura e Urbanismo, resenhas de livros, entrevistas e croquis. Só serão aceitos trabalhos inéditos e ainda não publicados. Os artigos de pesquisa devem apresentar novas contribuições para a Arquitetura e Urbanismo.</p>

Fonte: disponível em nota de rodapé (adaptado, destaques nossos).

²⁵ FOCO E ESCOPO. **Ambiente Construído**. Disponível em <http://seer.ufgrs.br/ambienteconstruido>. Acesso em 13 out. 2019.

²⁶ FOCO E ESCOPO. **Revista do programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/posfau>. Acesso em 13 out. 2019.

²⁷ FOCO E ESCOPO. **Cadernos de arquitetura e urbanismo**. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo>. Acesso em 13 out. 2019.

Com base no quadro 17, ao observar os objetivos de cada revista, percebemos que estes se alinham à concepção de pesquisa científica de Arquitetura/Urbanismo, evidenciada pelas respostas dos colaboradores ao questionário. No quadro, podemos ler os seguintes objetivos: contribuir para “o **desenvolvimento** do conhecimento científico e sua disseminação” (A2); “registrar a memória do pensamento arquitetônico, de fazer circular de **maneira ágil** os resultados das pesquisas e de manter o debate o mais **atualizado** possível” (B1); e “dada a **característica multidisciplinar** desse campo do saber, seu interesse se estende a profissionais e estudantes de diversas áreas correlatas [...]. Os artigos de pesquisa **devem apresentar novas contribuições** para a Arquitetura e Urbanismo” (B3).

Nesses excertos, de modo geral, o interesse por “novas contribuições” é mencionado como critério de publicação. Considerando as respostas dos colaboradores ao questionário, a Arquitetura/Urbanismo não considera todas as investigações desenvolvidas em seu campo como “pesquisa científica”. Assim, percebemos que, nessa área, o que é considerado relevante são as investigações que se centram em hipóteses, aprofundamento de teorias e em experimentações, com uma metodologia clara e organizada, voltada para coletas e análises de dados. Assim, as revistas se voltam para a disseminação ágil dessas pesquisas, que ganham destaque aquelas que apresentam resultados focados na contribuição para a inovação e para o desenvolvimento da área, considerando as interfaces e as multidisciplinaridades com outras áreas, dado também observado no “foco e escopo” das revistas.

Dessa forma, observamos que os interesses de publicação das revistas, elemento também considerado nas diretrizes gerais, influenciam o conteúdo temático dos artigos e seu contexto. Conforme o quadro 17, vimos que, de maneira geral, as revistas de Arquitetura/Urbanismo exigem originalidade e ineditismo do trabalho para que ele seja selecionado para publicação, determinação que influencia o conteúdo. Essa resolução não foge ao que se espera das publicações de textos acadêmicos, uma vez que se busca a produção do conhecimento e não sua mera reprodução. Além disso, a questão da originalidade e do ineditismo está ligada também às políticas éticas de plágio²⁸ e autoplágio, não permitindo que trabalhos sejam copiados de/em outras instâncias em prol do acúmulo de publicações.

No que tange ao que se considera como “autor” do artigo, elemento do contexto, a revista A2 menciona que esse nome se refere apenas aos que contribuíram de forma direta

²⁸ O código penal trata dos “crimes contra a propriedade intelectual” no artigo 184.

para a concretização da pesquisa e da escrita do trabalho; e a revista B1 solicita a evidência da relação do orientador com a investigação, quando esta for resultado de dissertação ou tese. Apenas a B3 não menciona suas concepções de autoria.

Quadro 18- Características gerais das revistas de Artes

<p><i>Pós: Revista do Programa de pós-graduação em Artes da EBA/UFMG (Qualis A2)</i>²⁹</p>	<p>A “Revista Pós” é publicada pela UFMG a partir do seu Programa de Pós-graduação em Artes (PPG-Artes). <i>Tem como objetivo contribuir com reflexões acadêmicas em/sobre Arte a partir de trabalhos inéditos e relevantes nesta área do conhecimento.</i> A publicação é de acesso livre e aceita artigos de autoria individual de doutorando(as) ou doutores(as). Mestrando(as) que desejem publicar devem fazê-lo em coautoria com seu/sua orientador(a). Os artigos precisam ser inéditos. A revista aceita artigos escritos em: português, inglês, espanhol, italiano e francês. Somente serão aceitos artigos de autoria individual de doutorandos(as) ou doutores(as). Os mestrandos(as), se quiserem publicar, deverão fazê-lo em coautoria com o(a) orientador(a).</p>
<p><i>Art & sensorium (Qualis B1)</i>³⁰</p>	<p>A Revista Internacional de Artes Visuais “Art&Sensorium” é uma publicação semestral da Escola de Música e Belas Artes do Paraná da Universidade Estadual do Paraná – Campus Curitiba 1.</p> <p><i>Seu objetivo é a publicação de artigos e ensaios acadêmicos inéditos</i> em língua portuguesa, espanhola ou inglesa, <i>sobre questões relativas às artes visuais como História e Teoria da Arte, Poéticas Visuais (processos de Criação), assim como pontes interdisciplinares e transdisciplinares com foco em artes visuais</i> de autores tanto do Brasil como do exterior. Aceita-se também resenhas de livros nessas mesmas linhas de pesquisa. Os artigos deverão ser originais de divulgação empírica, experimental ou conceitual. Titulação dos autores: mestres ou doutores. Idioma: serão aceitos textos em português, inglês ou espanhol</p>
<p><i>Arte da cena (Qualis B3)</i>³¹</p>	<p>A revista “Arte da Cena” tem <i>como ponto de partida conceitual uma perspectiva policêntrica e dialógica entre campos de estudo da cena, circunscritos no âmbito específico da área da arte, em perspectivas verticais ou em transversalidade relativa a outras áreas do conhecimento.</i> Esta perspectiva policêntrica e dialógica encontra no conceito grego de OPSIS sua referência operacional, tomando os vetores estéticos temporais/espaciais como índice. Os artigos precisam ser originais e inéditos para que sejam aceitos. A revista aceita artigos redigidos em português, inglês ou espanhol.</p>

Fonte: disponível em nota de rodapé (adaptado).

Ao observar o quadro 18, vemos que os objetivos de cada revista se centram, basicamente, no foco em pesquisas qualitativas, interdisciplinares e transdisciplinares, pois a

²⁹ FOCO E ESCOPO. *Pós: Revista do Programa de pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*. Disponível em <https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos>. Acesso em 13 out. 2019.

³⁰ FOCO E ESCOPO. *Art & Sensorium*. Disponível em <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium>. Acesso em 13 out. 2019.

³¹ FOCO E ESCOPO. *Arte da cena*. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/artce/index>. Acesso em 13 out. 2019.

revista A2 expõe que “tem como objetivo contribuir com **reflexões acadêmicas** em/sobre Arte a partir de trabalhos inéditos e **relevantes** nesta área do conhecimento”; a revista B1 destaca que “seu objetivo é a publicação de artigos [...] sobre questões relativas às artes visuais [...], assim como pontes **interdisciplinares e transdisciplinares**; e a revista B3 evidencia “como ponto de partida conceitual uma **perspectiva policêntrica e dialógica entre campos de estudo da cena**, circunscritos ao âmbito específico da área da arte, em perspectivas verticais ou em transversalidade relativa a outras áreas do conhecimento”.

Essa evidência é também observada a partir da concepção de pesquisa adotada pela área. Nessas respostas, ficou evidente que a área trabalha com métodos qualitativos de pesquisa, pois as investigações partem e geram reflexões e discussões que costumam dar continuidade às indagações de natureza teórica, que se materializam, posteriormente, em uma prática. Além disso, vimos que a produção acadêmica em Artes se relaciona com uma perspectiva inter e transdisciplinar, característica observada tanto no quadro 6 quanto nas respostas ao questionário.

Ademais, conforme vimos na análise das revistas de Arquitetura/Urbanismo, o foco e o escopo das revistas também interferem no conteúdo temático e no contexto dos artigos, haja vista que, o autor precisa se adequar às exigências a fim de ter seu artigo publicado. Assim, tal qual as revistas de Arquitetura/Urbanismo, as de Artes também determinam, para a publicação, que os artigos sejam originais e inéditos. Essa é uma prescrição da comunidade acadêmica que influencia o conteúdo dos artigos. Além disso, duas revistas (A2 e B1) apresentam direcionamentos acerca da titulação necessária dos autores (mestres, mestrandos, doutores e doutorandos), exigindo determinado contexto.

5.2.2 Diretrizes e normas gerais das revistas

Para melhor demonstrar as orientações das revistas que regem o plano geral e a publicação dos artigos, nós selecionamos apenas as informações que enfocam esses dois elementos e que estão alinhadas com nossos objetivos investigativos. Para tanto, coletamos informações presentes na seção “Diretrizes para os autores” de cada revista e, em seguida, organizamos dois quadros com as principais normas do plano geral dos textos. Antes de qualquer exposição sobre isso,

[...] convém destacar que as normas dos periódicos atuam como elemento que interfere diretamente na formatação dos artigos, no que se refere tanto à

planificação, organização dos subtópicos, quanto à extensão e número de palavras. Além disso, é possível dizer que os periódicos também se inserem no contexto de uma cultura disciplinar e, obviamente, também são afetados por ela em vários aspectos, entre os quais os relacionados à sua qualificação na área e validação pelos pares [...] (MIRANDA *et al*, 2019, p. 35).

Sabendo disso, apresentamos, a seguir, o quadro 19 que trata das normas das revistas de Arquitetura/Urbanismo. Vejamos:

Quadro 19- Diretrizes gerais das revistas de Arquitetura/Urbanismo para o plano geral e a publicação dos artigos

Revista	Principais normas do plano geral dos artigos
<i>Ambiente Construído</i> (Qualis A2)	a) Título: breve (max. 15 palavras); específico e descritivo ; b) Resumo: ter de 100 a 200 palavras; ser claro e sucinto ; apresentar o contexto, o problema, o objetivo, a descrição do método e resultados alcançados; c) Palavras-chave: 3 a 6; d) Introdução: informar o leitor sobre o tema e sobre a revisão da literatura; e) Revisão bibliográfica: breve ; f) Metodologia, discussão e resultados obtidos: suas descrições devem ser uma parte substancial do artigo , mas também devem ser sucintas, breves e claras ; g) Conclusão: considera-se imprescindível; h) Referências: seguir as orientações da NBR 6023 da ABNT; deve-se evitar referências para conhecimento geral do tema abordado, muitas referências em um único parágrafo ou argumento; referências secundárias (<i>apud</i>) e predominância de referências próprias; i) Agradecimentos: não obrigatório; j) Estilo: deve-se evitar linguagem rebuscada, excesso de adjetivos ou frases longas . k) A revista ainda orienta sobre a inserção de: notas de rodapé, ilustrações, quadros, tabelas e fórmulas; l) Extensão dos artigos: no máximo, 7.000 palavras.
<i>Revista do programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP</i> (Qualis B1)	a) Resumo: obrigatoriamente em português e em inglês, devendo ter uma extensão máxima de 1200 caracteres; b) Palavras-chave: de 3 a 5 em português e inglês; pede-se atenção aos termos de indexação do Vocabulário Controlado da USP; c) Citações e referências: devem seguir as normas da ABNT (NBR: 10520 e 6023); d) A revista ainda orienta sobre a inserção de: ilustrações e notas de rodapé; e) Extensão dos artigos: entre 30 mil e 40 mil caracteres.
<i>Cadernos de Arquitetura e Urbanismo</i> (Qualis B3) ³²	a) Título e subtítulo: objetivos (máximo 50 caracteres) apresentado de modo trilingue (português/inglês/espanhol); b) Resumo: apresentado de modo trilingue (português/inglês/espanhol), contendo no máximo 500 caracteres cada (sem espaços); c) Palavras-chaves: mínimo de 3 e máximo de 5, apresentadas de modo trilingue;

³² FOCO E ESCOPO. **Cadernos de arquitetura e urbanismo**. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo>. Acesso em 13 out. 2019.

	<p>d) Citações e referências bibliográficas: devem ser apresentadas segundo as normas da ABNT;</p> <p>e) Caso o trabalho seja decorrente de pesquisas, dissertações, teses ou similares: explicitar em nota de rodapé associada ao título;</p> <p>f) A revista ainda orienta sobre a inserção de: ilustrações e notas de rodapé;</p> <p>g) Extensão do artigo: mínimo 12 e no máximo 20 páginas.</p>
--	--

Fonte: dados de pesquisa (destaques nossos).

Quanto à extensão dos textos, as normas, de modo geral, possuem uma indicação aproximada de páginas, palavras ou caracteres. No que concerne ao plano geral dos artigos, as revistas B1 e B3 não especificaram o que esperam que os artigos tenham em relação às seções, optando por não interferirem nesses elementos, pois as normas dessas revistas apenas mencionaram informações técnicas sobre: o resumo, as palavras-chaves, as citações, as referências, as ilustrações e as notas de rodapé. No entanto, a revista A2 possui orientações técnicas e de conteúdo quanto ao resumo, à introdução, à revisão bibliográfica, à metodologia, à discussão, aos resultados, à conclusão, às referências e a outros elementos. Nessas orientações, o que nos chamou atenção, além dos detalhes das orientações por seção, foram as normas referentes ao estilo e a recorrência de orientações acerca da brevidade, clareza e especificidade dos conteúdos e das explanações.

Além disso, na orientação “estilo”, as normas da A2 se referem explicitamente aos usos da linguagem rebuscada, aos excessos de adjetivos e às frases longas, os quais devem ser evitados. Percebemos que essa referência de estilo diz respeito à necessidade da revista em demonstrar que os textos estão de acordo com os parâmetros linguageiros que evidenciam a cientificidade, uma vez que o uso excessivo de adjetivos pressupõe ideias valorativas e opinativas, que, a rigor, não fazem parte da produção dita científica.

Por falar em parâmetros científicos, é perceptível a tentativa das orientações da revista A2 em demonstrar preocupação com a exposição de textos que possuem os critérios de cientificidade que, segundo Demo (1995), são: coerência lógica (falta de contradição), consistência (resistência a argumentações contrárias), originalidade (pesquisa criativa e não repetitiva) e objetivação (descobrir a realidade social como ela é). Vale ressaltar que o critério “originalidade” é parte do foco das revistas de Arquitetura/Urbanismo e de Artes.

Por fim, antes de passarmos a tratar das normas das revistas de Artes, é importante comentar que a revista A2 de Arquitetura/Urbanismo também deixa evidente a valorização da seção de metodologia nos artigos, pois esta explicita que essa seção deve ser parte **substancial** dos trabalhos. Essa valorização é característica das pesquisas positivistas que,

segundo Bortoni-Ricardo (2008), dão atenção à certeza sensível, à certeza **metódica** e à antinomia entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível.

Passemos, agora, para a explanação das normas das revistas da área de Artes. Para melhor organização e explicitação das orientações, vejamos o quadro 20:

Quadro 20- Diretrizes gerais das revistas de Artes para o plano geral e a publicação dos artigos

Revista	Principais normas do plano geral dos artigos
<i>Pós: Revista do Programa de pós-graduação em Artes da EBA/UFMG (Qualis A2)</i>	a) Resumo: bilíngue (português e outro idioma); b) Palavras-chave: 3; c) Referências: seguir as normas da ABNT; d) A revista ainda orienta sobre a inserção de: imagens e notas de rodapé; e) Extensão dos artigos: entre 10 e 20 páginas, sendo 35 linhas por página.
<i>Art & sensorium (Qualis B1)</i>	a) Resumo: max. 300 palavras, com tradução para o inglês; b) Palavras-chave: 3 a 5; c) Citações: de acordo com as orientações da revista; d) Referências: de acordo com as orientações da revista; e) Conclusão: seção obrigatória. f) A revista ainda orienta sobre a inserção de: imagens e notas de rodapé; g) Extensão dos artigos: entre 12 e 18 páginas (até 15.000 palavras);
<i>Arte da cena (Qualis B3)</i>	a) Resumo: 100 a 200 palavras; b) Palavras-chave: 3 a 5; c) Citações: seguir as orientações da revista; d) Referências: de acordo com as normas da ABNT; e) A revista ainda orienta sobre a inserção de: fotos, figuras e tabelas; f) Extensão do artigo: 25.000 a 60.000 caracteres.

Fonte: dados de pesquisa (destaques nossos).

Quanto ao plano geral dos artigos em Artes, é perceptível que essas revistas não expõem muitos detalhes em relação a esse elemento dos textos. De modo geral, nenhuma discorreu sobre orientações referentes a cada seção dos artigos, apenas em relação ao resumo, palavras-chaves, citações, referências e outros elementos como: imagens, notas de rodapé, fotos, figuras e tabelas. No entanto, nos chamou atenção o fato da revista B1 estabelecer a seção de “conclusão” como obrigatória, uma vez que, um artigo (B3) do *corpus*, de fato, não apresenta essa seção demarcada. Inferimos que essa norma da revista tenha sido imposta frente à frequência de artigos submetidos, nos quais não se observa a seção de conclusão separada do desenvolvimento. Veremos a disposição das seções dos artigos de modo mais aprofundado mais à frente.

Por enquanto, é interessante notar que apenas a verificação das normas das revistas já evidencia certas práticas disciplinares presentes nas áreas, pois enquanto Arquitetura/Urbanismo tem uma tendência em expor informações referentes às seções, aos conteúdos delas e até mesmo ao estilo de linguagem que o artigo deve apresentar, Artes possui outros enfoques, menos detalhados, mas que, visivelmente, tenta não interferir na composição estrutural e linguístico-discursiva dos textos. Essas tendências podem ter relação com o que se entende em cada área por “fazer pesquisa” e por “escrever um artigo”, uma vez que Arquitetura/Urbanismo demonstra certa aproximação com as pesquisas de vertente positivista – evidenciando estar preocupada com a neutralidade científica, organização metódica e objetividade – enquanto que Artes, pela própria natureza plural e interpretativista da área, visa não interferir na materialidade textual-discursiva dos artigos submetidos, uma vez que isso demandaria certo controle que terminaria por excluir particularidades dos trabalhos.

5.3 PRÁTICAS DICIPLINARES ACADÊMICAS A PARTIR DE ARTIGOS CIENTÍFICOS

5.3.1 Autoria, coautoria e cultura disciplinar

Ao analisar a materialidade textual-discursiva dos artigos científicos das áreas, começamos expondo uma discussão acerca da autoria e da coautoria. Optamos por examinar a coautoria de modo à parte da planificação, por se tratar ainda de um elemento do contexto de produção. Aqui, nossa intenção não é nos profundarmos teoricamente acerca da definição e da função dos autores nos artigos. A ideia é apenas discutir o que é relevante, levando em consideração o que podemos relacionar acerca da cultura disciplinar e da produção de artigos na academia. Nesse momento, fazemos uma conexão dos dados dos artigos com os dados do questionário, no que se refere às respostas que contemplam as afirmações sobre a composição dos artigos. Para iniciar, vejamos o quadro 21, que mostra o quantitativo de autores por artigo e por área:

Quadro 21- Quantitativo de autores por artigo

Área/Qualis	Quantidade de autores/ titulação
Arquitetura (A2)	3 (1 mestre e 2 doutores)
Arquitetura (B1)	2 (1 mestre e 1 doutor)
Arquitetura (B3)	3 (1 mestre e 2 doutores)
Artes (A2)	1 (mestre)
Artes (B1)	1 (mestre)
Artes (B3)	1 (mestre)

Fonte: dados de pesquisa (2019).

Para além de uma reflexão acerca dos níveis de titulação dos autores, elemento que também faz parte do contexto de produção dos textos, nossa intenção, nesse momento, é discutir acerca do índice de coautoria, componente que tem relação direta com a cultura disciplinar das áreas.

Inicialmente, em Arquitetura/Urbanismo, observamos a presença comum da escrita em coautoria. Essa evidência é corroborada pelos dados dos questionários de Arquitetura/Urbanismo, pois, na indagação, “A coautoria é uma prática acadêmica comum em sua área de conhecimento?”, 23 colaboradores responderam “sim” e apenas quatro responderam “não”. Dentre as explicações de como a coautoria é entendida na área, obtivemos as seguintes respostas gerais:

Quadro 22- Excertos 12 (Arquitetura/Urbanismo)

1) Como uma parceria para produzir (COLAB./ARQ 10) [4];
2) Participantes ativos no processo da pesquisa e de produção da escrita (COLAB./ARQ 07) [3];
3) Normalmente, o trabalho é fruto de um grupo de pesquisa que atuou em conjunto ou resulta de uma orientação acadêmica (COLAB./ARQ 13) [4];
5) Mais comum entre orientador e orientando (COLAB./ARQ 05) [3];
6) Em decorrência da multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, sendo que o trabalho em grupo faz parte do fazer na Arquitetura (COLAB./ARQ 14).

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos).

Com base nas respostas, percebemos que a coautoria é compreendida como uma parceria entre participantes ativos em processos de escrita e de produção acadêmica, sendo

mais comum em grupos de pesquisa e entre orientador e orientando. Além disso, o colaborador 14 afirmou que essa rede de colaboração, constitutiva do trabalho em grupo, faz parte do “fazer na Arquitetura”, evidenciando uma prática presente na cultura disciplinar, em função das características de pesquisas da área.

Sobre a área de Artes, de acordo com o quadro 23, percebemos que nosso *corpus* documental representativo não conta com a recorrência de artigos escritos em coautoria, pois os três artigos só apresentam autores solo. Sobre a pergunta do questionário “A coautoria é uma prática acadêmica comum em sua área de conhecimento?”, 14 colaboradores responderam “sim” e 12 responderam “não”. Com esse dado, inferimos que a área de Artes ainda não apresenta a prática de coautoria tão comum quanto na Arquitetura/Urbanismo, pois os colaboradores demonstraram, em número considerável, tanto afirmações quanto negações. Dentre as explicações, para a indagação “Como a coautoria de um trabalho acadêmico é entendida em sua área de pesquisa?”, obtivemos as seguintes respostas gerais:

Quadro 23- Excertos 13 (Artes)

1) A coautoria é uma possibilidade de partilhar pensamentos e/ou também compartilhar ideias sobre uma mesma experiência. Significa que mais um ator esteve debruçado sobre uma atividade de refletir e escrever sobre um mesmo assunto (COLAB./ART 01) [3];
2) Acredito que é bem aceita por demonstrar troca de conhecimento e olhares. E devido à multiplicidade de visões, o texto se complexifica (COLAB./ART 19) [1];
3) É algo natural, visto que geralmente os orientadores estão como co-autores dos trabalhos de seus orientandos; ou que alguns grupos e coletivos , de fato, vivenciam de maneira conjunta os processos de criação e escrita (COLAB./ART 02) [5];
4) Como adequada, quando pertinente. Há pesquisas em Artes que são naturalmente coletivas e interdisciplinares (COLAB./ART 04) [1];
5) A coautoria não se configura em uma prática corrente na pesquisa em Artes, principalmente nas poéticas visuais, dada a especificidade de seu objeto de estudo (COLAB./ART 09) [3];
6) Quando o projeto de pesquisa é comum e parte de bases comuns. A condição de primeiro autor, segundo autor, terceiro autor ... et all é rara . Só escrevo e publico em coautoria quando o projeto de pesquisa é compartilhado desde o princípio. Parcerias tangencias não me são usuais (COLAB./ART 12);
7) A produção em Artes Visuais é, de modo inerente, individual . Essa perspectiva da individualidade se desdobra para o âmbito da produção escrita. Por outro lado, não percebo resistência dos colegas sobre a possibilidade de coautoria (COLAB./ART 18);
8) Na verdade, a resposta seria sim e não . Alguns escrevem tanto com orientandos quanto com colegas da área . Mas, outros pesquisadores entendem a si e a suas reflexões como “referências únicas” não passíveis de compartilhar suas ideias num artigo (COLAB./ART 16).

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos).

A princípio, é necessário informar que dois colaboradores destacaram claramente que não tinham conhecimento sobre como a área entende a organização de uma coautoria e não responderam acerca desse fato. No entanto, dos que responderam, observamos, de modo geral, dois tipos de posicionamentos que se apresentam de forma equilibrada: os que defendem que há uma prática comum de coautoria em Artes e os que expõem que essa prática não é tão comum assim.

Dos que afirmaram que a coautoria é uma prática comum (respostas 1 a 4), percebemos que ela é entendida como uma ação colaborativa em que mais de um autor “esteve debruçado sobre uma atividade de refletir e escrever sobre um mesmo assunto” (COLAB./ART 01), complexificando a investigação pela quantidade de trocas “de conhecimento e olhares” (COLAB./ART 19). Além disso, essa prática é comum entre orientadores e orientandos, e entre membros de grupos e coletivos de trabalho, sendo “naturalmente coletiva a depender da pesquisa” (COLAB./ART 04). Dessa forma, percebemos que, mesmo entre os colaboradores que afirmaram que a coautoria é uma prática comum, algumas ressalvas são mencionadas, pois, para eles, é necessário atentar para o tipo de pesquisa e a necessidade de se produzir um texto em conjunto.

Essas afirmações se intensificam nas respostas que evidenciaram a coautoria como uma prática incomum, pois três colaboradores demonstraram seus posicionamentos seguindo a mesma linha de pensamento da resposta 5, afirmando que, em Artes, a escrita colaborativa não se torna recorrente “dada a especificidade de seu objeto de estudo” (COLAB./ART 09). Ainda sobre esse posicionamento, na resposta 6, o colaborador afirma, a partir de sua própria experiência, que a condição da coautoria é rara, salvo “quando o projeto de pesquisa é compartilhado desde o princípio. **Parcerias tangenciais não me são usuais**” (COLAB./ART 12, destaques nossos). Além disso, as respostas 7 e 8 destacam que não é recorrente a produção individual dos autores da área, mas que não há uma resistência à colaboração, pois a produção entre orientador e orientando é bem aceita.

A partir das respostas, percebemos que a produção colaborativa na área é mais comum quando se trata de publicações que implicam um orientador e um orientando ou um coletivo de investigação, pois, pela natureza das pesquisas, essa prática se torna inadequada, se for concebida de outro modo, tendo em vista as interpretações e as subjetividades inerentes às pesquisas observadas em Artes. Essa exposição pode se configurar como uma explicação para, em nosso caso, não encontrarmos muitos artigos com a característica da coautoria na área das Artes.

Ainda nos detendo acerca da coautoria acadêmica, vejamos agora algumas respostas dos colaboradores do questionário acerca da questão “como se organiza a coautoria em um trabalho acadêmico? (Ex: quem se configura como 1º autor, 2º autor etc)”. Iniciamos com a área de Arquitetura/Urbanismo:

Quadro 24- Excertos 14 (Arquitetura/Urbanismo)

1) Primeiro autor aquele que propôs , ou que coordenou , ou que teve uma maior participação . (COLAB./ARQ 02) [10];
2) 1º autor : pesquisador principal (pode ser o idealizador da pesquisa no caso de mestrado/doutorado ou o aluno pesquisador, no caso de uma iniciação científica); 2º autor : pesquisador secundário (colaborador da pesquisa) ou orientador da pesquisa mestrado/doutorado ou da IC (nesse caso, seria o idealizador da pesquisa). (COLAB./ARQ 01) [8];
3) Principal autor da pesquisa (1); pesquisadores colaboradores diretos (2); orientadores (3); colaboradores indiretos/consultores significativos (4). (COLAB./ARQ 17);
4) Nos artigos em que sou coautor por ordem alfabética . (COLAB./ARQ 11) [1];
5) Em geral, quem poderá ir ao evento onde será publicado o trabalho, ou o interesse dos envolvidos na sua publicação. (COLAB./ARQ 22);
6) Fazemos alternância de autoria . (COLAB./ARQ 27).

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos).

Conforme podemos ler nos excertos supracitados, a prática disciplinar na escrita autoral em parceria na Arquitetura/Urbanismo se organiza, na maior parte das vezes, de acordo com níveis de participação na proposição da pesquisa e na escrita do artigo. Dez colaboradores afirmaram que o primeiro autor é aquele que propôs, coordenou e teve maior participação na escrita (COLAB./ARQ 02), não deixando claro o que seria considerado como segundo autor, por exemplo.

No entanto, oito colaboradores afirmaram que o segundo autor é aquele que auxiliou, de alguma forma, com a pesquisa ou que a orientou (COLAB./ARQ 01), não deixando claro também o nível de auxílio que um autor precisa dar para que seu nome seja incluído no rol dos autores.

Por outro lado, a terceira resposta demonstra mais claramente o que se considera como colaboração de coautores por níveis de contribuição. Percebe-se nessa resposta que o agente precisa estar implicado diretamente na pesquisa ou na escrita para que seu nome seja incluído como autor, a exemplo de: pesquisador responsável, pesquisador colaborador, orientador e consultores significativos.

Além disso, podemos ler nas respostas que a organização da coautoria pode seguir simplesmente a ordem alfabética ou ser influenciada pela disponibilidade do(s) autor(es) a ir(em) ao evento. Ademais, há também o destaque para a “alternância de autoria” (COLAB./ARQ 27), perspectiva que, aqui, interpretamos como uma prática que não obedece a critérios claros, uma vez que pode se tratar de uma organização honesta ou desonesta.

Essa visão pode estar ancorada na ideia de revezamento da posição de primeiro autor entre pesquisadores que publicam com frequência entre si e colaboram de forma equilibrada com os trabalhos. Desse modo, ocorre a seguinte alternância: um agente é inserido como autor e o(s) outro(s) como coautor(es) e vice-versa. Por outro lado, a alternância de autoria também pode estar fixada na ideia de troca de favores, na qual pesquisadores criam redes de publicação, sem necessariamente os agentes citados estarem envolvidos na pesquisa ou no processo de trabalho. As intenções dessa última prática são variadas e não cabe uma discussão aqui, mas ela pode estar relacionada à busca por aumento de publicações ou até mesmo por financiamento de pesquisa.

Diante disso, percebemos nuances de discussões e de concepções que perpassam a organização da coautoria em trabalhos acadêmicos. Estas são influenciadas pela cultura disciplinar da área ou por práticas acadêmicas gerais. No entanto, sabendo que a área de Artes não possui a coautoria como uma prática consolidada, vejamos, no quadro 25, o que influencia sua organização quando mais de um autor está envolvido no processo de pesquisa e de escrita:

Quadro 25- Excertos 15 (Artes)

1) Existem organizações diferentes dependendo do contexto em que o artigo está inserido. Em determinados contextos, o primeiro autor é um professor orientador e o segundo autor é um aluno orientando de pesquisa científica . Em outros contextos, o primeiro autor tem uma participação igual ao do segundo autor , sendo dois professores, ou dois pesquisadores independentes que resolveram escrever um só artigo (COLAB./ART 1) [4];
2) No caso de orientadoras/es e orientandas/os, existe um entendimento geral de que o orientador é o primeiro autor . No entanto, no caso da pesquisa em poéticas visuais, eu discordo de tal posição, uma vez que a pesquisa se baseia, principalmente, da prática artística que é desenvolvida pela/o orientanda/o. O orientador, aqui, funciona mais como um interlocutor, não como um autor . No caso dos coletivos de arte que desenvolvem uma pesquisa juntos, fica a critério das/dos artistas decidirem (COLAB./ART 25);
3) Normalmente, o primeiro autor é o discente e o segundo autor o professor orientador (COLAB./ART 2) [1];
4) Em geral, o 1º autor é o responsável pela pesquisa em suas etapas de delineamento metodológico, execução dos procedimentos, de análise e de discussão de resultados. O segundo autor atua na produção conjunta , com o primeiro autor, das bases teóricas e da revisão da literatura (COLAB./ART 18) [3];

5)	Depende da responsabilidade sobre o artigo (COLAB./ART 20) [1];
6)	Por ordem alfabética de último sobrenome (COLAB./ART 16) [1];
7)	Geralmente o de maior titulação ou por ordem alfabética (COLAB./ART 24).

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos).

De acordo com as respostas, quatro colaboradores de Artes descreveram a organização da coautoria acadêmica conforme a resposta 1 (COLAB./ART 1), ou seja, essa condição dos textos depende muito do contexto no qual está inserido. No entanto, é perceptível que há, pelo menos, dois tipos de estruturação: o primeiro autor é o orientador e o segundo autor é o orientando; ou ambos os autores possuem participações de pesos iguais entre eles.

Com relação à ideia de que, normalmente, o orientador é o primeiro autor quando o trabalho é em parceria, a resposta 2 confirma essa posição. No entanto, o mesmo colaborador afirma que, em função do seu campo específico de investigação, essa prática se torna inviável, pois se trata de uma prática artística que é desenvolvida pelo orientando. Para ele, “O orientador funciona mais como um interlocutor, não como autor” (COLAB./ART 25).

Por outro lado, a resposta 3 evidencia que o primeiro autor é o discente e o segundo autor é o professor-orientador. Além disso, na resposta 4, vemos que o 1º autor é considerado como o responsável pela pesquisa e pelo seu processo de desenvolvimento. O segundo autor está mais na atuação junto à escolha e à explanação das bases teóricas e da revisão da literatura.

Diante disso, inferimos que o primeiro autor na área de Artes é aquele que delineou e desenvolveu o projeto de pesquisa, que pode ser organizado pelo professor-orientador ou pelo estudante. No entanto, percebemos um entendimento de que há também a organização pelo nível de responsabilidade no artigo (COLAB./ART 20), por ordem alfabética (COLAB./ART 16) ou por titulação acadêmica (COLAB./ART 24).

De modo geral, percebemos que as práticas disciplinares de coautoria possuem aspectos singulares em cada área, mas também nuances gerais que perpassam a atividade acadêmica como um todo. Sobre isso, destacamos a menção ao papel do orientador das pesquisas, que recebe uma centralidade na parceria de escrita acadêmica, uma vez que sua atuação, muitas vezes, vai além de uma simples “orientação” ou “opinião”. O orientador intervém na composição do texto acadêmico, colocando o desenvolvimento do trabalho nos caminhos e nos parâmetros considerados científicos para a academia, servindo também como monitor para os parâmetros disciplinares do campo, auxiliando ao discente a se inteirar e a se

inserir na cultura disciplinar. Ressaltamos que a cultura disciplinar de cada campo é monitorada e controlada por várias instâncias além do orientador, como as normas dos periódicos, como vimos anteriormente, no que concerne à estruturação de artigos científicos.

5.3.2 O plano geral dos artigos: organização textual e cultura disciplinar

Passamos, agora, à explanação dos elementos constitutivos dos artigos analisados, no que concerne a sua planificação geral. De acordo com Bronckart (2012 [1999], p. 120), o plano geral faz parte da infraestrutura de um texto e diz respeito à organização do conteúdo temático de forma que “mostra-se visível no processo de leitura e pode ser codificado em um resumo”. Em nosso caso, apresentamos o plano geral das partes constitutivas mais recorrentes nos artigos coletados, considerando cada área. Nossa intenção é observar a planificação dos artigos em relação à organização do gênero, partindo do pressuposto que este possui uma organização mais ou menos estável.

Para iniciar, estruturamos o quadro 26 com as partes tradicionais de constituição de um artigo, segundo a ABNT NBR 6022:2018. Nesse documento, a ABNT esclarece que os artigos acadêmico-científicos possuem três elementos estruturais mais gerais. São eles: elementos pré-textuais, elementos textuais e elementos pós-textuais. Cada elemento é composto por uma série de componentes, os quais podem ser obrigatórios ou opcionais. Ressaltamos que nos baseamos nessa organização comum para estruturar o que é observável em nosso *corpus* documental. Vejamos:

Quadro 26- Elementos estruturais de um artigo com base na ABNT

ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	ELEMENTOS TEXTUAIS	ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS
Título no idioma do documento (obrigatório)	Introdução (obrigatório)	Referências (obrigatório)
Título em outro idioma (opcional)	Desenvolvimento (obrigatório)	Glossário (opcional)
Autor (obrigatório)	Considerações finais (obrigatório)	Apêndice (opcional)
Resumo no idioma do documento (obrigatório)		Anexo (opcional)
Resumo em outro idioma (opcional)		Agradecimentos (opcional)

Datas de submissão e aprovação do artigo (obrigatório)		
Identificação e disponibilidade (opcional)		

Fonte: ABNT NBR 6022:2018.

Optamos por essa disposição organizacional, pois os artigos das duas áreas apresentam muitas variações no que concerne aos títulos e aos conteúdos de cada seção e de cada parte constitutiva do texto. Segundo Miranda *et al* (2019, p. 28):

Mesmo com essa estrutura padrão fundamentada pela ABNT, o corpo do artigo pode sofrer alterações em sua partição e ser subdividido em mais tópicos, como, por exemplo, fundamentação teórica, materiais e métodos, análise dos dados, resultados, discussão, entre outros. Essa variação na estrutura organizacional pode estar relacionada à área de conhecimento na qual o artigo está inserido, sendo possível haver ainda diferenças de correntes das subáreas de conhecimento, e aos critérios estabelecidos pelos periódicos [...]

Assim, vejamos nossa explanação com a exposição do quadro 27 e, após isso, fazemos uma breve explanação dos conteúdos de cada parte, considerando a área específica. No entanto, vale lembrar que já observamos as exigências de cada revista para a composição dos artigos, mas optamos por elaborar essa sistematização, observando também quantas seções ou subseções foram produzidas ao longo do texto. Além disso, acrescentamos a informação de quantas tabelas, gráficos, quadros e figuras cada texto analisado possui. Assim, segue abaixo o quadro 27, que expõe o plano geral dos artigos de Arquitetura/Urbanismo:

Quadro 27- Plano geral dos artigos de Arquitetura/Urbanismo

Revista/Qualis	<i>Ambiente Construído</i> (A2)	<i>Revista do programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP</i> (B1)	<i>Cadernos de Arquitetura e Urbanismo</i> (Qualis B3)	
Elementos pré-textuais	Título no idioma do documento	Ruas e a ocupação vertical recente: labirintos murados	Os sentidos do morar em três atos: representação, conforto e privacidade	Do vernacular ao erudito: a (re)construção da igreja matriz de Batatais-SP
	Título em outro idioma	<i>Streets and recente vertical condos: walled mazes</i>	<i>The senses of living in three acts: representation, comfort and privacy</i>	<i>*Genuine of the erudite: the (re)construction of the church of Batatais-sp</i> <i>** La lengua vernácula para el investigador: la (re)construcción de la iglesia madre de Batatais-sp</i>
	Resumo no idioma do documento	178 palavras	113 palavras	181
	Resumo em outro idioma	Inglês	Inglês	*Inglês **Espanhol
	Datas de submissão e aprovação do artigo	Recebido: 21/04/2015 Aceito: 27/07/16	Recebido: 30/07/2016 Aceito: 26/08/17	Recebido: 15/04/2017 Aceito: 21/06/2017
	Identificação e disponibilidade	Apresenta a instituição e o e-mail dos autores	Apresenta a instituição e o e-mail dos autores	Apresenta a instituição e o e-mail dos autores
Elementos textuais	Introdução	Título apresentado: “Introdução”.	Título apresentado: “Os sentidos do morar em três atos: representação, conforto e privacidade”.	Título apresentado: “Introdução”
	Desenvolvimento	Parte com 5 divisões, dentre elas, apresenta as seguintes seções bem demarcadas por títulos: metodologia e análise. Análise com subseções.	Parte com 3 divisões gerais. Discussão e resultados presentes em boa parte do artigo, não apenas em uma seção específica.	Parte com 2 divisões gerais. Discussão e resultados presentes em quase todo o artigo, não apenas em uma seção específica. Esses dois elementos se encontram intimamente ligados.
	Considerações finais	Título apresentado: “Considerações finais”	Título apresentado: “epílogo”.	Título apresentado: “Conclusão”.
	Referências³³	30 inserções	58 inserções	19 inserções
	Quadros	2	–	–
	Gráficos	11	–	–
	Figuras/imagens	23	11	15

Fonte: dados de pesquisa (2019).

³³ A seção de “Referências” constitui, conforme a ABNT NBR 6022:2018, parte dos elementos pós-textuais.

Sobre os elementos textuais dos artigos de Arquitetura/Urbanismo analisados, observamos que todos possuem título e seção de introdução, sendo que dois artigos (A2 e B3) expõem essa seção com o título tradicional. Sobre essa parte, lembramos que apenas a revista A2 orientou acerca do conteúdo da introdução, a qual deve informar ao leitor sobre o tema e sobre a revisão da literatura, o que, de fato, é observado no artigo. No entanto, também são observados na introdução do artigo A2, a justificativa e o objetivo, a exemplo: “desse modo, faz-se indispensável a investigação dos modos de apropriação das ruas onde a ocupação residencial vertical se faz presente. Objetiva-se desenvolver uma discussão sobre a qualidade urbana das ruas em áreas de ocupação [...]” (MAUÁ; GUADANHIM; KANASHIRO, 2017, p. 74, Revista A2)

Ainda sobre essa seção, no artigo B1, observamos uma breve introdução do tema, uma breve revisão da literatura e o objetivo do trabalho. No artigo B3, a introdução apresenta uma considerável (90% da seção) retomada histórica do local investigado e do objeto de pesquisa, uma vez que, expostos os objetivos do trabalho apenas no resumo, essa retomada já compõe a investigação.

Acerca dos elementos textuais, sobre o desenvolvimento, percebemos que os artigos os subdividem em 2 a 5 seções gerais, mas apenas o artigo A2 apresenta, além das seções gerais, outras subseções na organização da análise. No que concerne às normas das revistas para o desenvolvimento, lembramos que apenas a revista A2 expõe orientações explícitas sobre as seções que compõem essa parte. Dentre elas, a revista orienta acerca da brevidade das descrições e explanações das seções: revisão bibliográfica, metodologia, discussão, resultados e conclusão. Durante a leitura, em questão de conteúdo, as normas são claramente atendidas, pois são facilmente identificáveis: o aporte teórico, a metodologia, os resultados com as discussões e as conclusões.

No artigo B1, ainda que a revista não oriente explicitamente acerca das seções, o texto não deixa de apresentar, de modo geral, as mesmas seções que o artigo A2, ainda que não use os títulos tradicionais. No B1, percebemos o aporte teórico, os resultados, a discussão e a última seção intitulada “epílogo”, termo mais usado em textos literários, mas que, no artigo, se apresenta semelhante às considerações finais. Destacamos também que a metodologia, nesse texto, é pouco detalhada em relação aos outros dois artigos. A partir da leitura, inferimos que esse fato se deu em função do conteúdo temático do artigo B1, que está mais ligado a uma retomada e comparação histórica a partir de depoimentos, diferente do artigo A2 que é uma pesquisa mais ligada a estudo de caso, que demanda mais detalhes da metodologia.

Essa suposição de que o conteúdo temático pode influenciar na organização do plano geral do texto se consolida ao analisarmos o desenvolvimento do artigo B3. Esse artigo trata de uma pesquisa histórica com foco na construção de uma igreja. Os autores utilizam bastantes retomadas históricas com comprovações de imagens, de descrições da engenharia e da arquitetura do espaço, além de explanações acerca dos processos, dos métodos e do projeto de edificação da época. É uma pesquisa essencialmente bibliográfica e documental, ainda que os autores não tenham textualizado essas características de pesquisa. Vemos, portanto, que a revista B3 não explicitou orientações específicas de conteúdo e de seções, deixando a cargo dos autores a escolha da organização e, em função do próprio conteúdo temático, essa organização não priorizou a descrição detalhada do método de pesquisa e não há divisões explícitas entre o aporte teórico, os resultados e as discussões, pois está tudo interligado. Vale informar que é, na conclusão do artigo, que os autores explicitam a necessidade e a contribuição do estudo. Vejamos um trecho dessa seção que comprove a afirmação:

Assim, quando se analisa os processos de construção e reconstrução da Igreja Matriz de Batatais, constata-se que a história da construção de uma matriz é também a história de uma sociedade, significando que o edifício religioso se configura na demonstração de uma realidade socioespacial (PICCINATO JUNIOR; SALGADO, 2017, p. 306, Revista B3).

Dessa forma, observamos que, as normas das revistas e o conteúdo temático influenciam bastante a planificação dos artigos em Arquitetura/Urbanismo. É perceptível que, quando as normas das revistas não explicitam todas as etapas e as seções indispensáveis para a composição, os autores optam por organizar o trabalho conforme a necessidade delas, como, por exemplo, a presença ou a extensão da seção de metodologia. Dependendo do estudo e da exigência das normas, esse elemento é bastante variável.

Para compreender melhor as características da cultura disciplinar da área acerca disso, vejamos as respostas mais representativas do questionário para a pergunta: “Quando você escreve um artigo acadêmico-científico, quais seções, geralmente, compõem seu texto? (Ex: resumo, introdução, metodologia etc)”:

Quadro 28- Excertos 16 (Arquitetura/Urbanismo)

1) Revisão bibliográfica, resultados e conclusões (COLAB./ARQ 05) [2];
2) Resumo, abstract, introdução, desenvolvimento em sub-itens, conclusões e bibliografia. (COLAB./ARQ 09) [9];
3) Resumo, introdução, metodologia, discussão, resultado, conclusão e referências (COLAB./ARQ 14) [8];
4) O de praxe: resumo, introdução, objetivo, justificativa, metodologia, desenvolvimento, conclusão – o que pode variar conforme o direcionamento que estou dando, para onde estou enviando (congresso etc) (COLAB./ARQ 22);
5) Depende do canal, do argumento, do público e da disponibilidade de tempo (COLAB./ARQ 04)

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos).

Com base no quadro 28, observamos, que, no que concerne aos elementos textuais, a maioria das respostas dos colaboradores se divide na exposição dos elementos mais formais de planificação de um artigo, haja vista que oito colaboradores responderam que organizam os artigos escritos conforme a seguinte subdivisão: “Resumo, **introdução, metodologia, discussão, resultado, conclusão** e referências” (COLAB./ARQ 14). Por outro lado, nove colaboradores responderam simplesmente: “Resumo, abstract, **introdução, desenvolvimento em sub-itens, conclusões** e bibliografia” (COLAB./ARQ 09). Nessa resposta, percebemos que o “desenvolvimento” é entendido como uma parte mais geral que contempla a metodologia, os resultados e a discussão, mas que isso pode variar a depender de fatores como o tema, público e direcionamento do autor (respostas 4 e 5). Vale ressaltar que algumas respostas também contemplaram a menção à revisão bibliográfica (resposta1), mas não constituiu uma grande maioria.

Com isso, percebemos que a análise dos artigos dialoga com as respostas dos colaboradores do questionário no que concerne à concepção estrutural desse gênero. Nesse sentido, podemos inferir que, na cultura disciplinar da área, as estruturas podem variar, a depender do objeto de estudo, do objetivo, das teorias adotadas, das interpretações etc, mas, a depender das exigências e da necessidade de exposição, não fogem ao que se espera de estudos que se aproximam de investigações mais positivistas, no que concerne à valorização do método e dos resultados e à organização padrão esperada (considerando os manuais de metodologia). Portanto, vemos que as normas das revistas, o tipo de pesquisa empreendido e o conteúdo temático dos textos podem influenciar nessa organização textual.

Por fim, vale destacar que, pela própria natureza das pesquisas, é comum o uso de figuras para ilustrar e demonstrar o *corpus*, como demonstra a revista A2, com 23 figuras, além de gráficos e quadros. As unidades semióticas não verbais – como quadros, imagens, esquemas etc – compõem o que Bronckart (2012 [1999]) chama de unidades paratextuais, de ordem paralinguística dos textos. Observar e compreender esses elementos, em um texto, colaboram para a sua leitura global. Sem nos aprofundarmos nesse tipo, por não se vincular diretamente aos nossos objetivos de investigação, percebemos que, no caso da Arquitetura/Urbanismo, esses elementos são essenciais para a ilustração e para a exemplificação do que foi estudado ou do que foi feito em termos de pesquisa.

Passemos agora à explanação do plano geral dos artigos em Artes. Para isso, vejamos o quadro 29 (página 115):

Quadro 29- Plano geral dos artigos de Artes

Revista/Qualis	<i>Pós: Revista do Programa de pós-graduação em Artes da EBA/UFMG (A2)</i>	<i>Art & sensorium (B1)</i>	<i>Arte da cena (B3)</i>
Título no idioma do documento	O museu casa como lugar da experiência do tempo: a questão do anacronismo e as poéticas da arte contemporânea	A cidade dos mortos: o mundo imaginário do artista polonês Zdzislaw Beksinski	Encenação e comunhão na Rodovia dos Romeiros
Título em outro idioma	<i>The house museum as a place of time experience: The question of anachronism and the poetics of contemporary art</i>	<i>The city of the dead: the imaginary world of polish artist Zdzislaw Beksinski</i>	<i>Presentation and Communion At the Pilgrims' Highway</i>
Resumo no idioma do documento	96 palavras	132 palavras	164 palavras
Resumo em outro idioma	Inglês	Inglês	Inglês
Datas de submissão e aprovação do artigo	Recebido: 25/06/2018 Aceito: 20/08/18	–	Recebido: 23/07/2018 Aceito: 31/12/18
Identificação e disponibilidade	Apresenta a instituição e o e-mail da autora	Apresenta a instituição e o e-mail da autora	Apresenta a instituição da autora
Introdução	Título apresentado: “História e tempo: museus históricos e museu-casa”	Título apresentado: “Introdução”	Título apresentado: “Teatro goiano: a assunção de um assunto de pesquisa”.
Desenvolvimento	Parte com 5 divisões gerais.	Parte com 2 divisões gerais.	Parte com 3 divisões gerais.
Considerações finais	Título apresentado: “Considerações”.	Título apresentado: “Considerações finais”	Não possui seção demarcada. As considerações finais se encontram diluídas na última seção de desenvolvimento.
Referências³⁴	23 inserções	20 inserções	16 inserções
Figuras	4	9	–

Fonte: dados de pesquisa (2019).

³⁴ A seção de “Referências” constitui, conforme a ABNT NBR 6022:2018, parte dos elementos pós-textuais.

Dos elementos textuais que compõem o artigo, observamos que os três textos coletados apresentam uma seção de introdução e de 2 a 5 seções de desenvolvimento. Além disso, dois artigos apresentam a seção de “considerações finais” demarcada por título, e o artigo B3 expõe suas conclusões diluídas nos parágrafos finais da terceira seção, que também apresenta resultados e discussões.

Vale lembrar que as normas das revistas não possuem orientações específicas acerca dos conteúdos que cada seção deve possuir, mas, na leitura, observamos algumas regularidades que os textos apresentam, tais como: a) na introdução, vemos a contextualização do tema, dos objetivos, da teoria, e da metodologia de análise. Ainda sobre a introdução, apenas o artigo B3 apresenta “justificativa”; b) no desenvolvimento, os autores expõem o aprofundamento da teoria adotada e/ou a profunda explanação do objeto de pesquisa. Além disso, no desenvolvimento, as seções de resultados e discussões não são separadas e, muitas vezes, os resultados são as discussões, as reflexões, as explicações e as análises trazidas pelo pesquisador acerca do tema e do objeto de pesquisa; c) nas considerações finais, dos dois artigos que apresentam a seção demarcada, observamos que o A2 apresenta ainda reflexões e resultados e o B1 também apresenta essas características, porém com uma retomada do que foi discutido ao longo do texto. Vejamos um exemplo:

Sabemos que a cidade não pode ser reduzida a sua estrutura arquitetônica, no entanto, utilizamos alguns elementos comuns as elas em relação a seu aspecto formal para selecionarmos as pinturas desse artista sobre a urbe. Mas, como vimos, nem sempre essas referências apareceram de modo explícito [...]. Vimos, também, que o surrealismo grotesco de Beksinski apresenta alguns elementos [...] (ALVARENGA, 2017, p. 43, Revista B1).

Percebemos que os artigos expõem estruturas variadas a depender do tema e do objeto de pesquisa abordados, que exigem ou não a organização em mais (ou menos) seções, porém apresentam também regularidades, mais observadas durante a leitura do que nas organizações das seções em títulos. Assim, vejamos agora as respostas mais representativas dos colaboradores para a seguinte pergunta “Quando você escreve um artigo acadêmico-científico, quais seções, geralmente, compõem seu texto? (Ex: resumo, introdução, metodologia etc)”:

Quadro 30- Excertos 17 (Artes)

1) Resumo, introdução, desenvolvimento (demarcação da questão a se discutir, abordagem metodológica junto aos principais conceitos escolhidos, descrição e entrelaçamento de trecho prático relacionado à discussão teórica, principais ideias finais), conclusões , referências bibliográficas. (COLAB./ART 01) [9];
2) Resumo; abstract; Introdução (<u>mas nem sempre a nomeio assim</u>); Desenvolvimento do texto; Considerações Finais (<u>mas nem sempre a nomeio assim</u>); Referências Bibliográficas (COLAB./ART 02);
3) Obedeço a essas seções , mas prefiro não realizá-las de forma estruturada, mas desconstruída . (COLAB./ART 07);
4) Resumo/Abstract, introdução (apresentando as motivações e o objetivo da pesquisa), metodologia, bases teóricas que discutem o tema, resultados obtidos e as referências. (COLAB./ART 03) [6];
5) Escrevo de acordo com as normas da revista [...] (COLAB./ART 10) [1];
6) É variável e não fixo, de acordo com o conteúdo específico (COLAB./ART 04) [1].

Fonte: dados de pesquisa (2019, destaques nossos)

Tendo em vista os excertos supracitados, observamos, a partir da resposta 1, que uma parte considerável dos colaboradores mencionam apenas as seções gerais que, normalmente, são organizadas na composição dos elementos textuais dos artigos e estas seções correspondem exatamente às preconcebidas pela ABNT: introdução, desenvolvimento e conclusão. No entanto, nessa mesma resposta, lemos o detalhamento do que, normalmente, está presente na seção de “desenvolvimento” e os seguintes elementos são destacados: “demarcação da questão a se discutir, abordagem metodológica junto aos principais conceitos escolhidos, descrição e entrelaçamento de trecho prático relacionado à discussão teórica, principais ideias finais” (COLAB./ART 01).

Esse detalhamento não difere muito do que se espera da composição geral do gênero e a resposta 2 confirma a organização dos artigos a partir desse plano geral, mas acrescenta que, nem sempre, as seções de introdução e considerações finais são nomeadas dessa forma. Quanto à composição do “desenvolvimento”, a resposta 2 não apresenta nenhum detalhamento. A resposta 3 evidencia que as regras de organização gerais são seguidas, mas o colaborador afirma que prefere organizá-las de maneira “desconstruída” (COLAB./ART 07).

Vale ressaltar que seis colaboradores responderam à indagação seguindo a mesma linha de pensamento que a resposta 4, deixando claro que, dentre as seções, a parte metodológica costuma estar presente. No entanto, não observamos nos artigos a presença de uma seção específica para metodologia. Ela é mais observada na seção de introdução, na qual há sua

menção ou uma breve explanação. Além disso, a resposta 5 evidencia que as normas das revistas são levadas em consideração e a resposta 6 afirma que a organização do texto tende a ser variada e não fixa, seguindo mais a demanda da temática do artigo.

Dessa forma, percebemos que tanto a área de Arquitetura/Urbanismo quanto a área de Artes apresentam os elementos essenciais de organização de artigos científicos, mas ambas apresentam variações quanto a isso. Além disso, foi perceptível, nas duas áreas, a influência do conteúdo temático nessa organização, pois os artigos são organizados a partir da necessidade de atender às exigências de composição do gênero e de atender às demandas de organização do que está sendo escrito, considerando o tema e o tipo de pesquisa, ainda que, em Arquitetura/Urbanismo também se tenha a tendência à organização mais tradicional e à valorização do método e dos resultados, demarcando-os por seções, conforme a necessidade do tema e as exigências dos periódicos.

Por fim, ainda observamos em Artes, a presença considerável de figuras, tal qual na Arquitetura/Urbanismo, ainda que em menor recorrência que esta. Isso demonstra características de uma cultura disciplinar compartilhada entre as áreas, uma vez que, pela natureza das investigações, para que o leitor compreenda o texto de forma global, os elementos paratextuais (BRONCKART, 2012 [1999]) se fazem necessários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] Todo conhecimento em ciências sociais e humanas é uma forma de conhecer a nós mesmos e de criar possibilidades para compreender a vida social e outras alternativas sociais”

(MOITA LOPES, 2006, p. 104).

Na busca de tentar identificar e compreender as culturas disciplinares de áreas do conhecimento científico, pudemos fundamentar nosso principal pressuposto, o qual preconiza que o ato de escrever em contexto acadêmico é sempre uma prática coletiva, pois para ser aprovado, validado e publicado, necessita de mais de um agente de linguagem nesse processo. Assim, em nossa busca de tentar entender “como” as disciplinas escrevem seus textos acadêmicos e não, simplesmente “o que” escrevem (HYLAND, 2004), pudemos compreender também as influências e as características do meio social que estão inscritas nos textos-discursos de membros das áreas, sejam eles artigos científicos publicados ou respostas a um questionário.

É importante lembrar que nossa coleta dos dados não correspondeu a um contexto acadêmico específico e nem restrito. Não estávamos interessadas em examinar as regularidades existentes em cursos inseridos em determinadas universidades/faculdades. Nosso interesse se deu pela busca das características intrínsecas às culturas disciplinares das áreas do conhecimento investigadas, aspecto que vai além das circunscrições espaciais universitárias, uma vez que tem embasamento nas práticas que compreendem o fazer científico em cada área como um todo. Isso nos mostrou como a cultura disciplinar está sujeita a ser uma organização do plano mental/individual, uma vez que está presente em cada texto-discurso, mas que só ganha força e existência no plano social, sendo sustentada pelas práticas linguístico-discursivas recorrentes e aceitas pelos pares, e sendo controlada por instâncias sociais acadêmicas de poder, como normas de publicação e orientador da pesquisa.

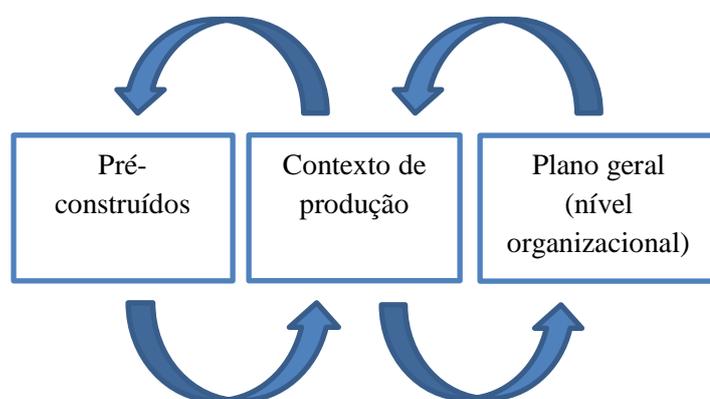
Dessa forma, como bem afirma Moita Lopes (2006), na epígrafe supracitada, esse conhecimento suscita a compreensão de nós mesmos, abrindo possibilidades também para a compreensão da vida social, haja vista que este trabalho está inserido no mesmo contexto acadêmico dos textos investigados e guarda aspectos da cultura disciplinar inerentes à nossa área do conhecimento. No entanto, ao lançar o olhar para outros campos científicos, vemos que os textos-discursos acadêmicos evidenciam os elementos epistemológicos que mostram o

processo de construção do conhecimento científico em áreas distintas que, por mais que se encaixem no que se convencionou como “escrita acadêmica”, se distanciam entre si por esses mesmos elementos.

Sendo assim, nosso interesse investigativo enfocou o contexto de escrita do artigo científico, tomando por base os seguintes questionamentos: Quais são as **representações de pesquisadores** de Arquitetura/Urbanismo e de Artes sobre escrita acadêmica e sobre concepção de ciência/pesquisa? Como se **organiza** um artigo científico em Arquitetura/Urbanismo e em Artes? Que aspectos do **contexto de produção** são percebidos? Como se evidencia, a partir disso, a **cultura disciplinar** nas referidas áreas?

A partir disso, conforme já mencionado no trabalho, nosso objetivo geral se centrou em **analisar as representações de membros das áreas, no que abrange os aspectos acessíveis dos pré-construídos, do contexto de produção e da infraestrutura textual (plano geral), a partir de questionários e de artigos científicos, relacionando-os à compreensão da atividade de pesquisador nos campos científicos disciplinares e de como a cultura disciplinar se materializa nos textos**. Para alcançar esse objetivo geral, nossa investigação contou com três enfoques analíticos que estão intimamente ligados, sendo complexa sua separação ou compartimentação para uma explanação, mas tentamos, ao máximo, tratar de cada um de modo individual. Trata-se da análise do que pudemos alcançar a respeito dos pré-construídos, do contexto de produção e da planificação de artigos. Para entender melhor essa relação de implicação entre esses elementos, vejamos a figura 5:

Figura 5- Relação de implicação das categorias analíticas



Fonte: elaborado por nós a partir de Bronckart (2012 [1999]) e Machado; e Bronckart (2009).

Dessa forma, percebemos os aspectos mais individuais, a exemplo dos pré-construídos, em íntima relação com os aspectos mais sociais, modificando-os e sendo modificados por eles. É um ciclo dialético e complexo que se materializa por meio das ações de linguagem e dos textos-discursos.

Em nossa análise, obtivemos uma diversidade considerável de elementos investigativos, haja vista a grande quantidade de colaboradores do questionário (cada um com vivências, experiências e representações diferentes), as influências dos contextos de produções e os elementos variáveis (ou não) dos artigos coletados. Mesmo com essa diversidade, as evidências da cultura disciplinar, enquanto prática, se mostraram presentes. Além disso, a análise dos artigos reforçou os dados, tendo em vista que seus autores não responderam ao questionário, mas às práticas disciplinares materializadas nos textos-discursos coincidiram.

Assim, em nível de **contexto de produção, representações e cultura disciplinar**, a Arquitetura/Urbanismo demonstrou que valoriza, enquanto fazer científico, os estudos que apresentam hipóteses, aprofundamento de teorias, experimentos, organização metodológica, coleta, análise de dados e resultados, quando estes contribuem para a inovação e a produção do conhecimento na área. Esse dado foi confirmado durante a análise do foco e escopo das revistas coletadas. Dessa forma, a área tende a se alinhar com estudos de vertente positivista. No entanto, a pesquisa qualitativa, com enfoque nas interfaces de estudos da habitação e da cidade, em geral, também se fazem presentes, tornando a Arquitetura/Urbanismo uma área do conhecimento que se inclina a unir os dois postulados científicos. Para nós, essa característica se configura a partir da epistemologia da área que está intimamente ligada às exatas e a conceitos interpretativistas oriundos da Arte e das Humanidades, por exemplo.

Em Artes, a pesquisa qualitativa se sobressai, dado confirmado durante a análise do foco e escopo das revistas coletadas, mas, nas discussões sobre o que é considerado científico no contexto de pesquisa da área, percebemos um conflito conceitual, tendo em vista que alguns colaboradores afirmaram que Arte em si não se constitui ciência. Para eles, a prática artística é central, juntamente com sua reflexão e sua contextualização, sendo registrada em diversos formatos, não apenas no textual. É dessa ação que decorre a dificuldade de compreensão da comunidade acadêmica sobre o que se pode considerar como pesquisa nesse campo, tendo em vista que é uma área que trabalha diretamente com processos criativos, ainda deixados à margem pela tradição científica. No entanto, outros colaboradores deixaram claro que, na prática de pesquisas em Artes, existe a implicação de procedimentos científicos, configurando-se, de todo modo, como uma ciência, mas que é mal compreendida pelas

demais. Dessa forma, atingimos a mesma compreensão de Zamboni (2001) de que Arte e Ciência não se opõem, seguem caminhos metodológicos e interpretativos diferentes, mas dialogam.

Ainda acerca das **representações dos pesquisadores e cultura disciplinar**, sobre o indicador valorativo das publicações em periódicos científicos, Arquitetura/Urbanismo e Artes abrangem a mesma experiência: publicar artigos é considerado importante, tendo em vista a eficiência da divulgação de uma pesquisa, a qual fortalece e implica o pesquisador e a área. Outro ponto de convergência entre as áreas, diz respeito à atuação profissional, a qual recebe igual valor que o artigo por projetar o pesquisador/profissional para além da universidade. No entanto, em ambas as áreas, o artigo científico não é o único meio de publicação, haja vista que, em Arquitetura/Urbanismo, essa prática não é consolidada, a qual é mantida por uma exigência da Capes; e em Artes, esse meio de publicação não abrange toda complexidade de certas pesquisas na área, a qual necessita de outras formas de exposição além da escrita.

Na elaboração de um artigo acadêmico-científico, em Arquitetura/Urbanismo, a maioria dos colaboradores afirmou que sente algum tipo de dificuldade. A partir desse dado, pudemos constatar que, para ser bem sucedido nessa prática, não é suficiente – embora auxilie – estar inserido em uma cultura disciplinar, pois apenas esse elemento não garante o total letramento acadêmico-científico, tendo em vista que, na composição de um artigo, muitas variáveis entram em jogo, como: temática e tipo de linguagem adotada, tempo, prática, conhecimento, normas, etapas, recortes da pesquisa e especificidades do campo. Ou seja, é uma atividade linguageira complexa que, de modo algum, encontra-se isenta de dificuldades.

Esses obstáculos também foram citados pelos colaboradores de Artes, ainda que estes tenham demonstrado possuir menos dificuldades na elaboração de um artigo. No entanto, ressaltamos que, em virtude das práticas disciplinares existentes na área, seus membros enfrentam obstáculos singulares, em relação à Arquitetura/Urbanismo. Trata-se da dificuldade de transpor para a escrita e para o papel as práticas artísticas, muitas vezes enviesadas, subjetivas e com multiplicidade semiótica. Dessa forma, percebemos que os obstáculos enfrentados pelos pesquisadores, muitas vezes, transcendem os níveis de letramento acadêmico, pois são elementos muito mais desafiadores que vão além de estar inserido em uma cultura disciplinar ou possuir letramento para tal ação, tendo em vista que todos os nossos colaboradores são professores universitários.

No que concerne às diretrizes das revistas para a elaboração do artigo, que corresponde a um **contexto de produção e a cultura disciplinar**, evidenciamos, mais uma

vez, práticas disciplinares relacionadas às áreas. Arquitetura/Urbanismo apresenta uma tendência em expor normas mais detalhadas em comparação a Artes, tendo uma intervenção maior nas orientações da composição dos textos. Supomos que isso está ligado ao que as áreas compreendem acerca do seu fazer científico, uma vez que Arquitetura/Urbanismo demonstra valorização à neutralidade científica, à organização metódica e à objetividade, enquanto que em Artes, visa-se não interferir na estrutura da materialidade textual-discursiva dos artigos submetidos, uma vez que isso implicaria um controle sobre os trabalhos, que terminaria por excluir suas particularidades.

Na análise do **plano geral e organização** dos artigos, constatamos que há a influência do conteúdo temático nessa organização. Vimos que os artigos são organizados a partir da necessidade de atender às exigências de composição do gênero (normas) e de atender às demandas de organização do que está sendo escrito, considerando o tema e o tipo de pesquisa. No entanto, é válido ressaltar que as regularidades entre os textos também se fazem presentes, a exemplo da Arquitetura/Urbanismo que tende à organização mais tradicional e à valorização do método e dos resultados, demarcando-os por seções, conforme a necessidade do tema e as exigências dos periódicos. Em Artes, as regularidades são mais percebidas durante a leitura, na qual são observados os elementos essenciais de composição, ainda que as demarcações por seções não guardem o aspecto regular entre os textos.

A respeito da coautoria de trabalhos acadêmicos, elemento considerado, ao longo da pesquisa, como pertencente ao **contexto de produção**, percebemos que esta é compreendida como uma parceria entre participantes ativos em processos de escrita e de produção acadêmica, sendo mais comum em grupos de pesquisa e entre orientador e orientando, ou um coletivo de investigação, como no caso de Artes. No entanto, no que tange à cultura disciplinar distinta em cada área investigada, entendemos que em Arquitetura/Urbanismo essa prática é comum, sendo considerada uma característica das pesquisas no campo. Por outro lado, em Artes, pela própria natureza das pesquisas, essa prática não é corriqueira, tendo em vista as interpretações e as subjetividades inerentes às pesquisas, o que, muitas vezes, impossibilita o trabalho em coautoria.

Em Arquitetura/Urbanismo, a prática disciplinar da coautoria se organiza, na maior parte das vezes, de acordo com níveis de participação na proposição da pesquisa e na escrita do artigo, que, muitas vezes, o primeiro autor é aquele que esteve mais implicado na pesquisa. No entanto, ela também pode ser organizada a partir da ordem alfabética dos seus nomes ou disponibilidade a ir ao evento.

Em Artes, a partir da análise, entendemos que o primeiro autor é aquele que esteve mais implicado no projeto de pesquisa, que pode ser o professor-orientador ou o estudante. No entanto, há também a organização a partir da ordem alfabética nos nomes dos colaboradores ou nível de titulação acadêmica.

Nesse sentido, percebemos que, no aspecto da coautoria, cada área guarda singularidades de suas práticas disciplinares, que muito se relaciona com a epistemologia das áreas, pesquisas empreendidas e desenvolvimento da ciência, mas também compartilham exercícios que perpassam a atividade acadêmica como um todo.

Por fim, torna-se evidente que nossa intenção com a análise não foi (re)produzir estereótipos às áreas ou agregar um caráter normativo à escrita acadêmica, mas compreender de que modo cada área (des)envolve e se envolve em culturas disciplinares compartilhadas ou não entre si, característica desse tipo de atividade. A partir disso, esperamos que esse trabalho suscite mais reflexões e mais discussões acerca das áreas enfocadas e de outras no âmbito acadêmico, visando um melhor entendimento sobre formações sociodiscursivas unidas ao discurso acadêmico-disciplinar, promovendo a inserção dos estudantes universitários nesse meio a partir dos aspectos particulares e inerentes às áreas de atuação e não apenas dos aspectos mais gerais, como normalmente postulam a maioria dos manuais de metodologia e de escrita acadêmica. Isso promove qualidade ao letramento acadêmico dos discentes, tendo em vista que, para obter êxito na escrita acadêmica, os agentes precisam se projetar em um contexto profissional coletivo, incorporando, em sua prática de escrita, um mundo social específico que reflete e evoca discursos validados no seio da cultura coletiva disciplinar (HYLAND, 2004).

REFERÊNCIAS

- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6022**: informação e documentação – artigo de publicação periódica científica. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em <<http://www.cienciasmedicas.com.br/anexos/arquivo/Norma%20da%20ABNT%206022-%202018.pdf>> Acesso em 03 de jun. 2019.
- ABREU, N. O. **O artigo acadêmico na cultura disciplinar da área de Psicologia**: um estudo sociorretórico. 2016. Dissertação (Mestrado) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. Disponível em: http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_N%C3%ADcollas%20Abreu.pdf. Acesso em 01 jul. 2019.
- ANELLI, R. L. S. Da integração à autonomia: arte, arquitetura e cultura no Brasil (1950-1980). **Anais do 8º Seminário Docomomo Brasil**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/086.pdf> Acesso em 28 maio. 2019.
- BASSANI, J. Cidade contemporânea: Hibridismo entre as artes. **Anais do 8º Seminário Docomomo Brasil**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/075-1.pdf> Acesso em 28 maio. 2019.
- BAZERMAN, C. Prólogo a la edición en español: la Escritura a través del Currículum siempre ha estado ahí. In: BAZERMAN, C.; *et al.* **Escribir a través del Currículum**: una guía de referencia. Editado por Federico Navarro. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2016.
- BAZERMAN, C.; *et al.* **Escribir a través del Currículum**: una guía de referencia. Editado por Federico Navarro. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2016, p. 53-65.
- BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.
- BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero**: história, teoria, ensino. Trad. Benedito Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.
- BHATIA, V. K. Análise de gêneros hoje. Tradução: Benedito Gomes Bezerra, Bruxelles, 1997. **Revista de Letras**, n 23, vol. 1, jan/dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl23Art18.pdf>> Acesso em: 15 de abr. de 2019.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BOURDIEU, P. O campo científico. **Actes de Ia Recherche en Sciences Sociales**. Trad: Paula Montero. n. 2/3, jun, p. 88-104, 1976. Disponível em <<https://cienciatecnosociedade.files.wordpress.com/2015/05/o-campo-cientifico-pierre-bourdieu.pdf>> acesso em: 18 de abr. 2019.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRASIL. **Guia do artista visual**. Brasília: Ministério da cultura, 2018. Disponível em <http://cultura.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/Guia-do-Artista-Visual.pdf> Acesso em 20 maio. 2019.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRONCKART, J-P. **Atividade de Linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

BRONCKART, J-P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: Educ, 2012 [1999].

BRONCKART, J-P. Entrevista realizada por Rivadavia Porto Cavalcanti na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade de Genebra (UNIGE)– Suíça. **Revista Prolingua**. Vol. 10, n. 03, nov/dez 2015, p. 105-117. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/prolingua/article/view/28708/15293> Acesso em: 10 abril. 2019.

BRONCKART, J-P. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores** São Paulo: Mercado de letras, 2008.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL. **Manual do Arquiteto e Urbanista**. 1ª ed. Brasília: CAU/BR, 2016. Disponível em https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/LIVRO-Manual_Arquiteto_2015-INTERATIVO1.pdf Acesso em 20 maio. 2019.

CORTES, G. R. O. **Práticas sociorretóricas do gênero artigo científico de História e Sociologia: variação, identidade e ethos disciplinar**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7517> Acesso em 01 jul. 2019.

DEMO, P. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

EVANGELISTA, R. **Haicais de Roberto Evangelista: mínimas orações**. São Paulo: Martins e Cordeiro, 2008.

FRANZEN, B. A.; HEINIG O. L. de O. M. Os gêneros discursivos no campo de trabalho de engenheiros: as práticas situadas de linguagem. **Antares: Letras e Humanidades**, v. 10, n. 21, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/6500> Acesso em: 25 de abr. 2019.

FRIEDRICH, J. **Lev Vigotski: mediação, aprendizagem e desenvolvimento**. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GLANCEY, J. **A história da Arquitetura**. Trad: Luis Carlos Borges; Marcos Marcionilo. São Paulo: edições Loyola, 2001.

GONZÁLEZ, C.; IBÁÑEZ, R. Leer y Escribir en contextos académicos. In: GONZÁLEZ, C.; IBÁÑEZ, R. (Org.). **Alfabetización Disciplinar en la formación inicial docente: ler y escribir para aprender**. Valparaíso: Ediciones Universitarias de Valparaíso, 2017.

HYLAND, K. **Disciplinary Discourses: social interactions in academic writing**. Ann Arbor: University Michigan Press, 2004.

HODGE, S. **Breve história da arte: um guia de bolso dos principais movimentos, obras, temas e técnicas**. Trad. Maria Luisa de Abreeu Lima Paz. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

LEITÃO, Poliana Dayse Vasconcelos; PEREIRA, Regina Celi Mendes Pereira. Como as diferentes áreas do conhecimento concebem o fazer científico? In: PEREIRA, Regina Celi Mendes (Org.). **Ateliê de gêneros acadêmicos: didatização e construção de saberes**. João Pessoa: Ideia, 2014.

LEITÃO, P. D. V.; PEREIRA, R. C. M. Os múltiplos discursos em resumos de artigos científicos. In: SILVA, A.A da.; SILVA, F.V. da. (Orgs.). **Caleidoscópio do discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2016.

LUCCAS, L. H. H. Da integração das artes ao desenho integral: interfaces da arquitetura no Brasil moderno. **Vitruvius**, ano 14, 2013. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.160/4877> Acesso em 28 maio. 2019.

MACHADO, A. R.; BRONCKART, J- P. (Re-) Configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: A perspectiva metodológica do grupo ALTER-LAEL. In: ABREU- TARDELLI, L. S. ; CRISTÓVÃO V. L. L. (Orgs). **Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva**. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 31-77.

MARCONI, M de A.; LAKATOS, E, A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: parábola editorial, 2008.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MIRANDA, A, M. de; *et al.* Modos de escrever e modos de construir conhecimentos científicos: processos em interface. In: PEREIRA, R. C. M. (org.) **Cultura disciplinar e epistemes: representações na escrita acadêmica**. João Pessoa: Ideia, 2019.

MOITA LOPES, L. P. da. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P da. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L.P. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **D.E.L.T.A**, Vol 10, nº2, p. 329-338, 1994.

MOTTA-ROTH, D; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NASCIMENTO, R. G do. **A interface texto verbal e texto não-verbal no artigo acadêmico de Engenharia Elétrica**. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. Disponível em: <
http://w3.ufsm.br/desireemroth/images/admin/dissertacoes/dissertacao_roseli.pdf> Acesso em 01 jul. 2019.

NAVARRO, F. Prefácio: Brasil, Hispano-América, Latino-América: por um espaço regional comum nos estudos da escrita no ensino Superior. In: PEREIRA, R. C. M. (Org.). **Escrita na universidade: panoramas e desafios na América Latina**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

NAVARRO, F. Prólogo: de la alfabetización académica a la alfabetización disciplinar. In: GONZÁLEZ, C.; IBÁÑEZ, R. (Org.) **Alfabetización Disciplinar en la formación inicial docente: ler y escribir para aprender**. Valparaíso: Ediciones Universitarias de Valparaíso, 2017.

PEREIRA, R. C. M.; BASÍLIO, R.; LEITÃO, P. D. V. L. Artigo científico: um gênero textual caleidoscópico. **D.E.L.T.A**, V. 33, p. 663-695, 2017. Disponível em <
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244502017000300663&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 01 abril. 2019.

PEREIRA, R.C.M. Apresentação. In: PEREIRA, R.C.M (org.). **Ateliê de textos acadêmicos**. João Pessoa: Ideia, 2014.

PEREIRA, R. C. M. (org.). Apresentação. In: PEREIRA, R. C. M. (org.) **Cultura disciplinar e epistemes: representações na escrita acadêmica**. João Pessoa: Ideia, 2019.

RAMOS, F.B.; ESPEIORIN, V.M. Letramento acadêmico: leitura e escrita na universidade – entrevista com David Russel. **Conjectura**, v. 14, n. 2, p. 241-247, mai./ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/31/29>> Acesso em 01 maio. 2019.

REIS, A. D dos. **Políticas culturais: expressão de comunicação através do patrocínio cultural**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de comunicação social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7366> Acesso em 22 maio. 2019.

SAD FILHO, D. **A formação do arte-educador: diálogos e contrapontos entre Arte e Educação e suas ressonâncias no trabalho docente**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências da Educação, Universidade Federal São João Del-Rei, São João Del-Rei. Disponível em <https://www.ufsj.edu.br/portal2->

[repositorio/File/mestradoeducacao/DISSERTACAO%20DAVID.pdf](#) Acesso em 21 maio. 2019.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. (Tradução e Organização) Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004 [1994].

SCHOPENHAUER, A. **Sobre a filosofia e seu método**. São Paulo: Hedra, 2010.

SILVA, A. C. da. **O metadiscorso em artigos científicos de Linguística e Literatura**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/23854/1/Dissert_Aline-BC.pdf> Acesso em 01 jul. 2019.

SOUSA, A. A.de.; SOARES, N. L. de S.; PEREIRA, R. C. M. O gênero artigo científico e os processos de construção de autoria na área de saúde: uma análise interacionista sociodiscursiva. In: **IX Seminário Nacional sobre ensino de língua materna e estrangeira e de literature (SELIMEL)**, 2015, Campina Grande, PB. Disponível em: <<http://www.selimel.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Anielle-Nathalia-e-Regina-gt-07.pdf>> acesso em: 20 jan. 2019.

SOUZA, J. A. D. **A Prática Profissional do Arquiteto no Brasil: O debate em revistas especializadas (1962-1996)**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-02072013-144823/pt-br.php> Acesso em 21 maio. 2019.

STREET, B. Letramentos acadêmicos: avanços e críticas recentes. In: AGUSTINI, C; BERTOLDO, E (Orgs.). **Incursões na escrita acadêmico-universitária: Letramento, discurso, enunciação**. Uberlândia: EDUFU, 2017.

VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. **Escrever na universidade: fundamentos**. São Paulo: Parábola, 2019.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas: Autores Associados, 2001.

ZIMAN, J. M. **Conhecimento público**. Belo Horizonte: ed Itatiaia/ São Paulo: ed da USP, 1979.

REFERÊNCIAS DO *CORPUS* DOCUMENTAL

ALVARENGA, V. M de. A cidade dos mortos: o mundo imaginário do artista polonês Zdzislaw Beksinski. **Art & Sensorium**, Curitiba, v. 04, n. 02, p. 31-45, 2017. Disponível em:

< <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/1817>> Acesso em: 05 Jan. 2019.

BATISTA, W. P. Encenação e comunhão na Rodovia dos Romeiros. **Arte da cena**, v. 04, n. 02, p. 90- 111, 2018. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/artce/article/view/54145/32609>> Acesso em: 05 jan. 2019.

CARVALHO E SILVA; J. M. de.; FERREIRA, P. B. S. Os sentidos do morar em três atos: representação, conforto e privacidade. **Pós, Rev. Programa Pós-grad. Arquit. Urban. FAUUSP**, São Paulo, v. 24, n. 44, p. 68-87, 2017. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/118341>> Acesso em: 05 jan. 2019.

MAUÁ, L. B. C.; GUADANHIM, S. J.; KANASHIRO, M. Ruas e ocupação vertical recente: labirintos murados. **Ambiente construído**, Porto Alegre, v. 17, n.2, p. 73-96, 2017. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-86212017000200073&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 05 jan. 2019.

PICCINATO JUNIOR, D.; SALGADO, I. Do vernacular ao erudito: a (re)construção da igreja matriz de Batatais-sp. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v.24, n.35, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/issue/view/1021> Acesso em: 05 jan. 2019.

SILVEIRA, M. T da. O museu casa como lugar da experiência do tempo: a questão do anacronismo e as poéticas da arte contemporânea. **Pós: Revista do programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, v. 08, n. 16, p. 239- 255, 2018. Disponível em: < <https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/711>> Acesso em: 05 jan. 2019.

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS COLABORADORES DE ARQUITETURA/URBANISMO (SEQUÊNCIAS DE IMAGENS -PRINT SCREEN- DO DOCUMENTO ON-LINE)



Seção 1 de 3

QUESTIONÁRIO DESTINADO A PESQUISADORES DA SUBÁREA: ARQUITETURA/ URBANISMO.

Prezado pesquisador (a),

este questionário foi elaborado exclusivamente para pesquisadores (as) pós-graduados (as) ou pós-graduandos (as) das seguintes subáreas do conhecimento: Arquitetura/ Urbanismo e Artes, com objetivo de aprofundarmos nossos conhecimentos sobre essas subáreas das ciências por meio da experiência de pesquisadores das áreas. No entanto, neste momento, focaremos na subárea de Arquitetura/ Urbanismo.

Nosso projeto propõe uma investigação acerca dos elementos textuais-discursivos que evidenciam o posicionamento enunciativo e as marcas de autoria em artigos científicos nas citadas subáreas do conhecimento. Nosso alvo de reflexão com a presente proposta de pesquisa está relacionado à ideia de que há uma relação entre as áreas de conhecimento e suas práticas de linguagem no que concerne à influência do campo do conhecimento nas atividades discursivas dos indivíduos.

Esperamos, por meio da pesquisa, compreender como essas formas de constituição autoral são importantes para a compreensão da tríade pensamento, linguagem e cultura, como formas de apresentarmos um leque de alternativas que constituem o posicionamento enunciativo e autoral em estabilidade com as formas discursivas em relação às normas de cultura e comunidade em que se apresentam na construção do conhecimento.

Dessa forma, visamos entender os textos como produtos de uma atividade de linguagem permanente nas formações sociais e os gêneros textuais são esses textos que apresentam características relativamente estáveis que ficam disponíveis para os contemporâneos e gerações posteriores (cf. BRONCKART, 1999). Sendo assim, compreendendo o texto como uma atividade concreta, podemos buscar regularidades linguístico-discursivas dos autores em consonância com sua comunidade discursiva e disciplinar. Assim, esperamos colaborar com as investigações sobre o tema, trazendo reflexões e esclarecimentos sobre o posicionamento enunciativo e autoras à sociedade e aos pesquisadores das áreas de Artes e Arquitetura/Urbanismo.

Esta investigação faz parte de uma pesquisa de mestrado acadêmico da linha de pesquisa "Linguística aplicada" da área de concentração "Linguística e práticas sociais" do programa de pós-graduação em linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), intitulada "Artigos científicos em Artes e Arquitetura/Urbanismo: uma proposta de análise sobre autoria e posicionamento enunciativo à luz do ISD", a qual tem por pesquisadora responsável a mestranda Anielle Andrade de Sousa, sob orientação da prof (a) Dr (a) Regina Celi Mendes Pereira.

Solicitamos, pois, a sua contribuição com nossa pesquisa por meio da participação no questionário. Asseguramos que sua é livre, facultativa e anônima. Destacamos que não será estipulado tempo para a realização da sua colaboração.

Destacamos também que o (a) senhor (a) não sofrerá nenhum risco ou dano durante sua participação, uma vez que terá a liberdade de responder ao questionário em qualquer lugar seguro de sua preferência. E ainda: o (a) senhor (a) participante terá todo tempo que achar necessário para dar sua colaboração. No entanto, no que se refere à situação da pesquisa, esta poderá trazer um desconforto aos senhores no que tange ao fato de se exporem ao se posicionarem sobre o assunto questionado. Assim, o (a) senhor (a) terá autonomia de se retirar da coleta de dados a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou à sua identidade.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para a coleta de dados da pesquisa. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com:

- A pesquisadora: Anielle Andrade de Sousa. Rua: Jorge de Barros Barbosa, 359. Valentina I. Cep: 58063-570. João Pessoa/ PB. Fone: (83) 9- 8857-3882. Email: anielleandrade@hotmail.com.
- O comitê de ética: Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba. Campus- I. Cidade Universitária- 1º andar. Cep: 58051-900. João Pessoa/ PB. Telefone: (83) 3216- 7791. Email: eticaccsufpb@hotmail.com.

Atenciosamente,
Anielle Andrade de Sousa

Endereço de e-mail *

Endereço de e-mail válido

Este formulário coleta endereços de e-mail. [Alterar configurações](#)

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento *
para colaborar com a pesquisa e para a publicação dos resultados. Estou ciente que receberei
uma cópia desse documento.

Sim

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu *
consentimento para colaborar com a pesquisa e para a publicação dos
resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Sim

Seção 2 de 3

FORMAÇÃO ACADÊMICA E CAMPO DE ATUAÇÃO



Descrição (opcional)



1. Grau de escolaridade (considere o maior): *

- Especialização (concluído)
- Especialização (em andamento)
- Mestrado (concluído)
- Mestrado (em andamento)
- Doutorado (concluído)
- Doutorado (em andamento)
- Pós-doutorado (concluído)
- Pós-doutorado (em andamento)



2) Ocupação: *

Texto de resposta curta

CONCEPÇÕES DE PESQUISA, POSICIONAMENTOS ENUNCIATIVOS E AUTORIA EM TEXTOS CIENTÍFICOS ACADÊMICOS



A seguir, responda às questões com base em sua experiência de pesquisador:

1) Qual o objeto geral de investigação do seu campo do conhecimento (Arquitetura/ Urbanismo) ? *

Texto de resposta longa

2) Para você, o que se configura como “pesquisa científica” na sua área (Arquitetura/ Urbanismo) ? *

Texto de resposta longa

3) Você considera que as pesquisas de seu campo do conhecimento são mais: *

Qualitativas

Quantitativas

Qualitativas e Quantitativas (geralmente, unem os dois postulados)

⋮

4) Quando você está elaborando a revisão da literatura de um trabalho ou fazendo pesquisa bibliográfica, você costuma fazer buscas por: *

- Livros teóricos sobre o assunto
- Teses sobre o assunto
- Artigos científicos sobre o assunto
- Dissertações sobre o assunto
- Outro

5) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior: *

Texto de resposta longa

6) Considerando a produção científica na pós-graduação em arquitetura/urbanismo, indique a importância valorativa do gênero "artigo científico" publicado em periódico qualis para o pesquisador (Considere o "zero" como: sem importância; e o "seis" como: muito importante) *

0 1 2 3 4 5 6

7) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior: *

Texto de resposta longa

8) Quando você escreve um artigo acadêmico-científico, quais seções, geralmente, compõem seu texto? (Ex: resumo, introdução, metodologia etc). *

Texto de resposta longa

⋮

9) Na escrita de um artigo acadêmico-científico, você prefere se posicionar por meio do: *

- Eu (exemplo: em minha pesquisa, utilizei os pressupostos teóricos...).
- Nós - mesmo quando você é o único autor (Exemplo: em nossa pesquisa, utilizamos os pressupostos teóricos...).
- Sujeito pesquisador não implicado (Exemplo: na pesquisa, utilizou-se os pressupostos teóricos...).
- Outro

10) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior: *

Texto de resposta longa

11) Qual seu nível de facilidade/dificuldade em relação à elaboração de um artigo acadêmico-científico? (Considere o "zero" como: sem dificuldade; e o "seis" como: muita dificuldade) *

0	1	2	3	4	5	6
<input type="radio"/>						

⋮

12) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior: *

Texto de resposta longa

13) A coautoria é uma prática acadêmica comum em sua área de conhecimento? *

- Sim
- Não

14) Como a coautoria de um trabalho acadêmico é entendida em sua área de pesquisa? *

Texto de resposta longa

15) Como se organiza a coautoria em um trabalho acadêmico? (Ex: quem se configura como 1º autor, 2º autor etc) *

Texto de resposta longa

⋮

16) Qual a atuação do orientador nas pesquisas e na escrita acadêmicas? *

Texto de resposta longa

⋮

17) Você já precisou que seu orientador interviesse (acrescentasse ou retirasse partes textuais) na escrita do seu trabalho? *

Sim

Não

18) Se sua resposta da questão anterior foi “sim”, responda: como se sentiu em relação à sua autoria?

Texto de resposta longa

19) Como pesquisador, em que momento ou parte do seu texto, você se posiciona em relação ao que está sendo estudado/pesquisado? *

Texto de resposta longa

20) Com relação à pergunta anterior, de que forma você se posiciona em relação ao que está sendo estudado/pesquisado? *

Texto de resposta longa

...

21) A partir dos seus conhecimentos e experiência com a escrita acadêmica em sua área do conhecimento, como você definiria o que é ser autor de um trabalho científico? *

Texto de resposta longa

22) Em sua concepção, o posicionamento autoral é importante na escrita de trabalhos acadêmicos? *

Sim

Não

23) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior: *

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS COLABORADORES DE ARTES (SEQUÊNCIAS DE IMAGENS -PRINT SCREEN- DO DOCUMENTO ONLINE)

Perguntas Respostas 26



Seção 1 de 3

QUESTIONÁRIO DESTINADO A PESQUISADORES DA SUBÁREA: ARTES (Visuais, Plásticas ou Cênicas)

Prezado pesquisador (a),

este questionário foi elaborado exclusivamente para pesquisadores (as) pós-graduados (as) ou pós-graduandos (as) das seguintes subáreas do conhecimento: Arquitetura/ Urbanismo e Artes, com objetivo de aprofundarmos nossos conhecimentos sobre essas subáreas das ciências por meio da experiência de pesquisadores das áreas. No entanto, neste momento, focaremos na subárea de Artes (Visuais, Plásticas ou Cênicas).

Nosso projeto propõe uma investigação acerca dos elementos textuais-discursivos que evidenciam o posicionamento enunciativo e as marcas de autoria em artigos científicos nas citadas subáreas do conhecimento. Nosso alvo de reflexão com a presente proposta de pesquisa está relacionado à ideia de que há uma relação entre as áreas de conhecimento e suas práticas de linguagem no que concerne à influência do campo do conhecimento nas atividades discursivas dos indivíduos.

Esperamos, por meio da pesquisa, compreender como essas formas de constituição autoral são importantes para a compreensão da tríade pensamento, linguagem e cultura, como formas de apresentarmos um leque de alternativas que constituem o posicionamento enunciativo e autoral em estabilidade com as formas discursivas em relação às normas de cultura e comunidade em que se apresentam na construção do conhecimento.

Dessa forma, visamos entender os textos como produtos de uma atividade de linguagem permanente nas formações sociais e os gêneros textuais são esses textos que apresentam características relativamente estáveis que ficam disponíveis para os contemporâneos e gerações posteriores (cf. BRONCKART, 1999). Sendo assim, compreendendo o texto como uma atividade concreta, podemos buscar regularidades linguístico-discursivas dos autores em consonância com sua comunidade discursiva e disciplinar. Assim, esperamos colaborar com as investigações sobre o tema, trazendo reflexões e esclarecimentos sobre o posicionamento enunciativo e autoras à sociedade e aos pesquisadores das áreas de Artes e Arquitetura/Urbanismo.

Esta investigação faz parte de uma pesquisa de mestrado acadêmico da linha de pesquisa "Linguística aplicada" da área de concentração "Linguística e práticas sociais" do programa de pós-graduação em linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), intitulada "Artigos científicos em Artes e Arquitetura/Urbanismo: uma proposta de análise sobre autoria e posicionamento enunciativo à luz do ISD", a qual tem por pesquisadora responsável a mestrandia Anielle Andrade de Sousa, sob orientação da prof (a) Dr (a) Regina Celi Mendes Pereira.

Solicitamos, pois, a sua contribuição com nossa pesquisa por meio da participação no questionário.

Asseguramos que sua é livre, facultativa e anônima. Destacamos que não será estipulado tempo para a realização da sua colaboração.

Destacamos também que o (a) senhor (a) não sofrerá nenhum risco ou dano durante sua participação, uma vez que terá a liberdade de responder ao questionário em qualquer lugar seguro de sua preferência. E ainda: o (a) senhor (a) participante terá todo tempo que achar necessário para dar sua colaboração. No entanto, no que se refere à situação da pesquisa, esta poderá trazer um desconforto aos senhores no que tange ao fato de se exporem ao se posicionarem sobre o assunto questionado. Assim, o (a) senhor (a) terá autonomia de se retirar da coleta de dados a qualquer momento, sem nenhum dano a sua pessoa ou à sua identidade. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a coleta de dados da pesquisa. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com:

- A pesquisadora: Anielle Andrade de Sousa. Rua: Jorge de Barros Barbosa, 359. Valentina I. Cep: 58063-570. João Pessoa/ PB. Fone: (83) 9- 8857-3882. Email: anielleandrade@hotmail.com.
- O comitê de ética: Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba. Campus- I. Cidade Universitária- 1º andar. Cep: 58051-900. João Pessoa/ PB. Telefone: (83) 3216- 7791. Email: eticaccsufpb@hotmail.com.

Atenciosamente,
Anielle Andrade de Sousa

Endereço de e-mail *

Endereço de e-mail válido

Este formulário coleta endereços de e-mail. [Alterar configurações](#)

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu ^{*} consentimento para colaborar com a pesquisa e para a publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Sim

Seção 2 de 3

FORMAÇÃO ACADÊMICA E CAMPO DE ATUAÇÃO

Descrição (opcional)



1. Grau de escolaridade (considere o maior): *

- Especialização (concluído)
- Especialização (em andamento)
- Mestrado (concluído)
- Mestrado (em andamento)
- Doutorado (concluído)
- Doutorado (em andamento)
- Pós-doutorado (concluído)
- Pós-doutorado (em andamento)



2) Ocupação: *

Texto de resposta curta

Seção 3 de 3

CONCEPÇÕES DE PESQUISA, POSICIONAMENTOS ENUNCIATIVOS E AUTORIA EM TEXTOS CIENTÍFICOS ACADÊMICOS



A seguir, responda às questões com base em sua experiência de pesquisador:

1) Qual o objeto geral de investigação do seu campo do conhecimento (Artes) ? *

Texto de resposta longa

⋮

2) Para você, o que se configura como “pesquisa científica” na sua área (Artes) ? *

Texto de resposta longa

⋮

3) Você considera que as pesquisas de seu campo do conhecimento são mais: *

- Qualitativas
- Quantitativas
- Qualitativas e Quantitativas (geralmente, unem os dois postulados)

⋮

4) Quando você está elaborando a revisão da literatura de um trabalho ou fazendo pesquisa bibliográfica, você costuma fazer buscas por: *

- Livros teóricos sobre o assunto
- Teses sobre o assunto
- Artigos científicos sobre o assunto
- Dissertações sobre o assunto
- Outro

5) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior: *

Texto de resposta longa

6) Considerando a produção científica na pós-graduação em Artes, indique a importância valorativa do gênero "artigo científico" publicado em periódico qualis para o pesquisador (Considere o "zero" como: sem importância; e o "seis" como: muito importante) *

0	1	2	3	4	5	6
<input type="radio"/>						

7) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior: *

Texto de resposta longa

8) Quando você escreve um artigo acadêmico-científico, quais seções, geralmente, compõem seu texto? (Ex: resumo, introdução, metodologia etc). *

Texto de resposta longa

...

9) Na escrita de um artigo acadêmico-científico, você prefere se posicionar por meio do: *

- Eu (exemplo: em minha pesquisa, utilizei os pressupostos teóricos...).
- Nós - mesmo quando você é o único autor (Exemplo: em nossa pesquisa, utilizamos os pressupostos teóricos...).
- Sujeito pesquisador não implicado (Exemplo: na pesquisa, utilizou-se os pressupostos teóricos...).
- Outro

10) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior: *

Texto de resposta longa

11) Qual seu nível de facilidade/dificuldade em relação à elaboração de um artigo acadêmico-científico? (Considere o "zero" como: sem dificuldade; e o "seis" como: muita dificuldade) *

0	1	2	3	4	5	6
<input type="radio"/>						

⋮

12) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior: *

Texto de resposta longa

13) A coautoria é uma prática acadêmica comum em sua área de conhecimento? *

Sim

Não

14) Como a coautoria de um trabalho acadêmico é entendida em sua área de pesquisa? *

Texto de resposta longa

15) Como se organiza a coautoria em um trabalho acadêmico? (Ex: quem se configura como 1º autor, 2º autor etc) *

Texto de resposta longa

⋮

16) Qual a atuação do orientador nas pesquisas e na escrita acadêmicas? *

Texto de resposta longa

...

17) Você já precisou que seu orientador interviesse (acrescentasse ou retirasse partes textuais) na escrita do seu trabalho? *

Sim

Não

18) Se sua resposta da questão anterior foi “sim”, responda: como se sentiu em relação à sua autoria?

Texto de resposta longa

19) Como pesquisador, em que momento ou parte do seu texto, você se posiciona em relação ao que esta sendo estudado/pesquisado? *

Texto de resposta longa

20) Com relação à pergunta anterior, de que forma você se posiciona em relação ao que esta sendo estudado/pesquisado? *

Texto de resposta longa

...

21) A partir dos seus conhecimentos e experiência com a escrita acadêmica em sua área do conhecimento, como você definiria o que é ser autor de um trabalho científico? *

Texto de resposta longa

22) Em sua concepção, o posicionamento autoral é importante na escrita de trabalhos acadêmicos? *

Sim

Não

23) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior: *

ANEXO A- PARECER CONSUBTANCIADO DO CEP

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA

**PARECER CONSUBTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: ARTIGOS CIENTÍFICOS EM ARTES E ARQUITETURA/URBANISMO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE SOBRE AUTORIA E POSICIONAMENTO ENUNCIATIVO À

Pesquisador: Anielle Andrade de Sousa

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 99567418.4.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.983.504

Apresentação do Projeto:

Atende às exigências de um projeto de pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos, em relação à autoria e empoderamento, necessitariam um acompanhamento em relação às atividades propostas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Compatíveis aos projetos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Tema interessante, se bem desenvolvido, trará elementos importantes como disseminação para melhoria do tema estudado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Compatíveis ao projeto de pesquisa proposto.

Recomendações:

Atenção ao passo a passo das atividades, sobretudo em relação aos registros.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nenhuma pendência.

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 2.983.504

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1219823.pdf	18/09/2018 08:41:44		Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	18/09/2018 08:39:04	Anielle Andrade de Sousa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	12/09/2018 22:51:04	Anielle Andrade de Sousa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo.pdf	12/09/2018 22:48:09	Anielle Andrade de Sousa	Aceito
Orçamento	Orçamento.pdf	12/09/2018 22:42:12	Anielle Andrade de Sousa	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	12/09/2018 22:40:18	Anielle Andrade de Sousa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 26 de Outubro de 2018

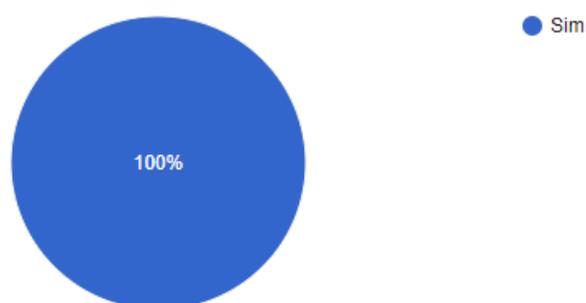
Assinado por:
Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

ANEXO B- RESPOSTAS DOS COLABORADORES DE ARQUITETURA/URBANISMO AO QUESTIONÁRIO (SEQUÊNCIAS DE IMAGENS -PRINT SCREEN- DO DOCUMENTO ON-LINE)

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para colaborar com a pesquisa e para a publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

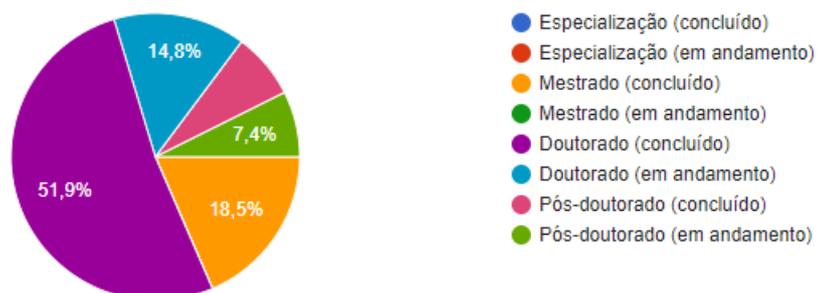
27 respostas



FORMAÇÃO ACADÊMICA E CAMPO DE ATUAÇÃO

1. Grau de escolaridade (considere o maior):

27 respostas



1) Qual o objeto geral de investigação do seu campo do conhecimento (Arquitetura/ Urbanismo) ?

27 respostas

ambiente construído em geral

Teoria de Projeto

Acústica urbana

Epistemologia da Arquitetura; Emancipação na luta pela habitação.

Projeto de arquitetura

pobreza urbana

Estudos relacionados aos espaços construídos do habitar e da cidade, relacionados aos modos de vida da contemporaneidade

Identificar os processos cíclicos de aprendizagem autorregulada na elaboração de projetos arquitetônicos

Objetivo de investigar temas relacionados ao processo de projeto

Cidade

processos e práticas de ensino de projeto de arquitetura

Ações colaborativas em/para espaços públicos das cidades contemporâneas

Cidade, planejamento e desenvolvimento urbano.

Arquitetura escolar e historicidade

Eficiência energética

O objetivo geral é estudar a paisagem: conceitos, história, métodos e técnicas. Como objetos de estudo: espaços livres urbanos, rios urbanos, cidades.

Estabelecer relações entre intenções do projetista, decisões de projeto e resultados obtidos com o

Comparar fluxos de trabalho para a realização de simulações e análises de iluminação natural em processos de projeto iniciados em tecnologia BIM, identificando potencialidades e limitações de cada um para a sua efetiva utilização durante etapas formais do desenvolvimento do projeto arquitetônico. (Este foi objetivo geral de minha dissertação de mestrado, defendida em setembro de 2017).

conhecimento científico

Teoria e história da arquitetura e do urbanismo

Teoria e Crítica de Arquitetura e Urbanismo Contemporâneos

Atualmente condições das áreas onde residem a população de baixa renda na cidade onde moro/trabalho.

urbanismo teoria, crítica e história

Conservação

Arquitetura

iluminação pública

arquitetura e urbanismo sustentáveis

2) Para você, o que se configura como “pesquisa científica” na sua área (Arquitetura/ Urbanismo) ?

27 respostas

qualquer investigação que se obtenha algum resultado (ou uma problemática que se obtenha alguma solução seja apenas para a comunidade científica ou para a sociedade), seja ela com coleta de dados in loco (medições ambientais) ou pesquisa histórico-documental ou simplesmente uma compilação de ideias, conceitos de diversos autores.

Investigações e experimentos na literatura, teoria e prática.

Investigar as dinâmicas do espaço habitado

Considerando que a Arquitetura é uma área transdisciplinar, considero pesquisa os trabalhos, baseados no discurso racional com a finalidade de contribuir com o desenvolvimento do Campo.

Produção de conhecimento no campo específico da área, considerando as interfaces com as outras disciplinas.

entender o espaço e suas relações com a sociedade e a economia.

Pesquisas que relacionem referenciais teóricos consistentes e questões relacionadas ao habitar e a

aprofundamento teórico, prático e empírico com análise baseada em experimentações

Quando o autor apresenta o seu ponto de vista baseado em argumentos e teorias.

Descoberta e teste de idéias (hipóteses)

a abordagem metodológica dos assuntos de investigação

Reflexões das potencialidades

Produção de conhecimento sobre o tema a partir de métodos científicos adequados a cada pesquisa.

Principalmente aquela que possua o embasamento em parâmetros qualitativos e que metodologicamente sigam uma ordenação do processo de pesquisa e análise

Avaliar os processos e resultados da produção arquitetônica, em todas as suas variáveis: estéticas, funcionais, tecnológicas,

É a pesquisa que segue uma metodologia científica: objetivos, métodos, análise de resultados.

Estudo estruturado à partir de hipóteses a serem testadas através de uma metodologia validada, coleta e análise de dados.

Embora não tenha esse conceito tão claramente definido, diria que se trata de uma investigação sobre um aspecto específico da Arquitetura e Urbanismo com o objetivo de produzir e difundir conhecimento e aprimorar práticas da profissão do Arquiteto Urbanista.

produção e divulgação/publicação de conhecimento novo

Qualquer trabalho que envolva trato documental ou reflexão teórica

Investigações Críticas e Historiográficas sobre o campo e áreas afins

Entender o estado da arte de um determinado tema, com base nos estudos teóricos sobre o mesmo.

a arquitetura e o urbanismo é uma disciplina que se forma a partir de saberes científicos [economia, estatística, ecologia, geografia, história, ciência política....], populares e tradicionais, além dos artísticos para se mover, ficando em uma fronteira em que a definição do que vem a ser "científico" seja quase uma impossibilidade.

"pesquisa científica" não cabe em todos os contextos, inclusive porque grande parte dos trabalhos em extensão em nossa área é um fazer que desenvolve amplos conhecimentos mas que não são considerados "científicos", como a assessoria à movimentos populares, por exemplo. por isso, não consigo responder essa pergunta.

Problematizações, investigações, divulgação

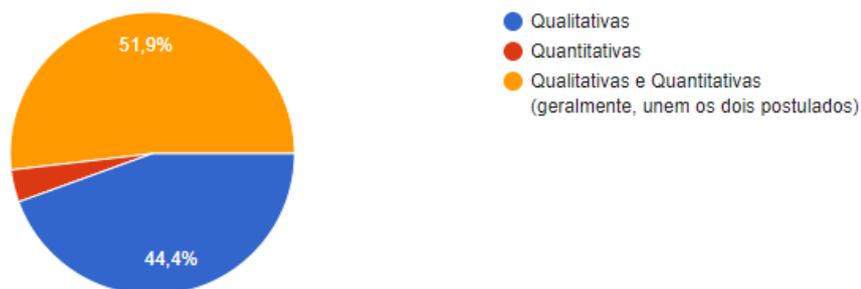
Modernismo Brasileiro e Português

iluminação

conhecer, analisar na busca de soluções sustentáveis

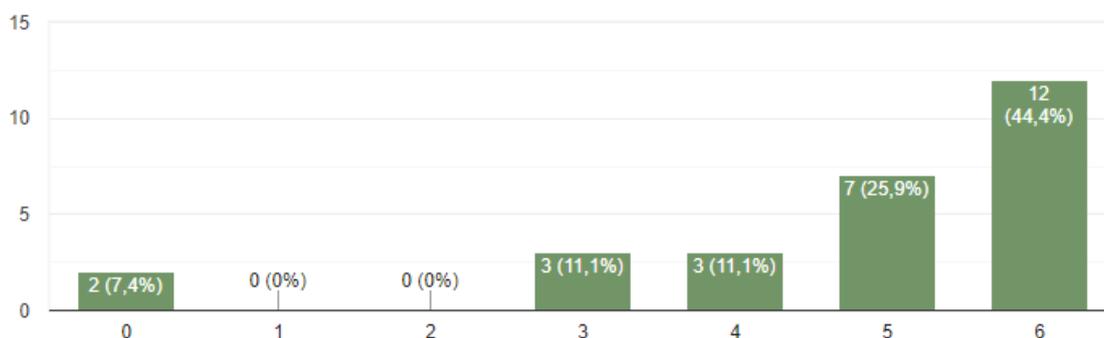
3) Você considera que as pesquisas de seu campo do conhecimento são mais:

27 respostas



6) Considerando a produção científica na pós-graduação em arquitetura/urbanismo, indique a importância valorativa do gênero "artigo científico" publicado em periódico qualis para o pesquisador (Considere o "zero" como: sem importância; e o "seis" como: muito importante)

27 respostas



7) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior:

27 respostas

um artigo científico com publicação em periódico qualis passou pela avaliação de alguns pesquisadores (com certo conhecimento no assunto) antes de seu aceite final

Tem o seu valor, mas não é a única fonte, uma vez que existe certa dificuldade e lobby para a publicação em periódicos com qualis tipo A e B.

É fundamental para o crescimento acadêmico

Tal como para você, artigos são meu objeto de pesquisa. Trata-se do mais ágil para a divulgação da produção.

A produção em livros e artigos de eventos ainda é relevante para a área.

o artigo vai apresentando resultados que vão compondo formas de analisar os temas.

A avaliação CAPES na área tem maior pontuação em artigos de periódicos

Validação por comissão editorial qualificada

Pela pontuação atribuída pela Capes
Nos Congressos e cursos estão também muitas ideias boas.
por que apresenta os resultados da investigação certificado pelos critérios de avaliação
Uma ação colaborativa de conhecimento
A área ainda não tem prática tão consolidada como outras.
Dividir o resultado das pesquisas com a sociedade é de extrema importância, o que se consegue através da publicação
Compreender o estado da arte sobre o tema, o que está sendo produzido
É a visualização da pesquisa. E passou pela avaliação de um comitê científico. O único "senão" é que é um recorte de uma pesquisa maior.
A pergunta é ambígua. Entendi como o valor que eu, pessoalmente, atribuo à artigos científicos publicados em periódico qualis por qualquer autor. A justificativa é a mesma da questão 5.
Por ser a Arquitetura e Urbanismo uma ciência social aplicada e uma profissão em essência generalista, a prática e experiência profissional também têm peso importante, embora considere que, do ponto de vista científico, isso seja pouco valorizado. Não diria que se trata de uma área iminentemente científica. Mas, em se tratando de pesquisa científica, a classificação do periódico em que se publicam os resultados da pesquisa tem grande importância.
qualidade das publicações e pontuação da CAPES
O artigo científico geralmente aborda fases intermediárias da pesquisa e carecem de amplas contextualizações
É apenas relativamente importante - o sistema Qualis não avalia satisfatoriamente a qualidade da produção em periódicos.
Nunca li nenhum material com esta classificação, nunca publiquei nada neste tipo de meio, nem acho que

o pesquisador, em geral a nota é seis, mas não quero entrar na disputa pelo curriculum lattes. não pauto minha produção por isso.

Atualização de conceitos e dados

Exigência comprovada resumo

artigos científicos de qualidade devem passar por uma revisão rigorosa.

é uma das formas de divulgação de pesquisa

8) Quando você escreve um artigo acadêmico-científico, quais seções, geralmente, compõem seu texto? (Ex: resumo, introdução, metodologia etc).

27 respostas

1- objetivos 2- metodologia 3- revisão de literatura (estado da arte)

Resumo, Introdução, Problematização/contextualização, Metodologia, Resultados e Considerações Finais.

Introdução, objetivo, metodologia, análise dos resultados e conclusão

Depende do canal, do argumento, do público e da disponibilidade de tempo.

Revisão bibliográfica, resultados e conclusões.

resumo, introdução, revisão bibliográfica, contribuição empírica, conclusões.

resumo, introdução, desenvolvimento, considerações finais, referencias

resumo, introdução, objetivos, metodologia, resultados, comentários e conclusão

Resumo, abstract, introdução, desenvolvimento em sub-itens, conclusões e bibliografia.

Resumo, abstract, introdução, desenvolvimento em sub-itens, conclusões e bibliografia.

Apresentação, teoria, aplicação e conclusão.

introdução, desenvolvimento, considerações finais, fontes

Resumo, introdução e justificativa, estudo de caso, considerações finais, referências bibliográficas

Resumo, Introdução, Desenvolvimento, Considerações Finais, Bibliografia

Resumo, introdução, metodologia, discussão, resultado, conclusão e referências

Depende do caso, pode ser na revisão biográfica/introdução ou na metodologia, ou mesmo na validação de resultados

Resumo, introdução, metodologia, revisão bibliográfica, análise e discussão dos resultados, considerações finais.

Resumo, introdução, revisão bibliográfica, metodologia (materiais e métodos), resultados, discussão, conclusão e bibliografia.

Minha produção de artigos é bem pequena, restringindo-se ao que foi requisitado pelo programa de pós-graduação. Portanto a estrutura do texto seguiu as normas e padrões do programa.

resumo, introdução, desenvolvimento, considerações finais, referências

Resumo e introdução, descrição metodológica, recorte e desenvolvimento, conclusão

Introdução, [Seções de Desenvolvimento] e Considerações Finais.

O de praxe: resumo, introdução, objetivo, justificativa, metodologia, desenvolvimento, conclusão - o que pode variar conforme o direcionamento que estou dando, para onde estou enviando (congresso, etc)

não sigo essas normas

Resumo, introdução, desenvolvimento (base conceitual, procedimentos metodológicos, apresentação dos dados, análises e contextualizações) e considerações finais.

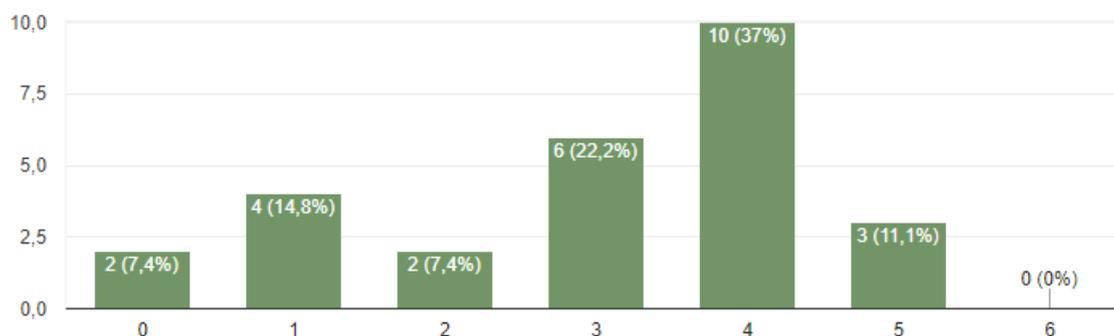
Resumo; Introdução; Justificativa; Metodologia; Resultados e Conclusões

resumo, introdução, metodologia, resultados e conclusões

resumo, introdução, metodologia, análise do objeto em estudo, recomendações, conclusão

11) Qual seu nível de facilidade/dificuldade em relação à elaboração de um artigo acadêmico-científico? (Considere o "zero" como: sem dificuldade; e o "seis" como: muita dificuldade)

27 respostas



12) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior:

27 respostas

alguma dificuldade pode surgir para se adequar ao tema e subtemas do evento

Não tenho grandes dificuldades, a não ser, colocar tudo em poucas páginas.

Treinando

A pergunta não especifica o tipo de dificuldade. Tempo? Fontes? Restrições dos canais?, etc.

Já publuquei mais de 80 artigos e ministro disciplinas de metodologia científica na pós e na graduação.

a maior dificuldade para mim é a disponibilidade de tempo.

Maior dificuldade com a síntese da pesquisa, que geralmente como resultado tem como produção textual um número bem maior que o exigido

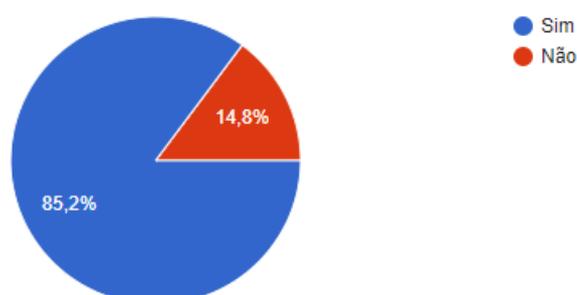
Entender as especificidades de cada linha editorial

Exige tempo. pesquisa. lógica. conhecimento do assunto. criatividade e disciplina.

O que falta é tempo.
escrever não me é uma tarefa fácil
Tempo conta muito
Estou familiarizado com a prática embora tenha pouco tempo disponível.
Tenho mais facilidade em verbalizar
A produção científica requer dedicação, coerência e aprofundamento
Os recortes em uma pesquisa mais abrangente. Sempre parece ficar faltando algo mais.
Como busco publicar em periódicos de língua inglesa, encontro dificuldade na aceitação de minha escrita.
Pouca prática na produção desse tipo de texto.
difícil escrever com clareza e alta qualidade técnico-científica
Grau de dificuldade para o ato da escrita de um artigo científico
A maior dificuldade está em marcar uma posição assertiva e bem fundamentada.
Depende do tema, do momento, do avanço da pesquisa, etc.
não tenho dificuldades para escrever artigo dentro das normas
Disponibilidade de tempo
Depende das correlações
tenho dificuldade em começar a escreve-lo, depois que as primeiras ideias foram iniciadas o texto vai tomando forma e ficando mais facil de terminar.

13) A coautoria é uma prática acadêmica comum em sua área de conhecimento?

27 respostas



14) Como a coautoria de um trabalho acadêmico é entendida em sua área de pesquisa?

27 respostas

geralmente corresponde ao segundo autor (que contribuiu para elaboração do trabalho com sugestões, críticas e até algumas partes textuais, mas não necessariamente foi o idealizador do trabalho). Muitas vezes, representa o orientador da pesquisa ou do projeto de pesquisa.

Parceria

Bem1

Não tenho recursos para responder

Mais comum entre orientador e orientando.

sem problemas.

Participantes ativos no processo da pesquisa e produção da escrita

como alguém que escreveu junto o artigo ou participou do levantamento de dados ou análise de resultados

As vezes vejo que o segundo autor é o orientador do trabalho.

Como uma parceria para produzir.

como elaboração intelectual compartilhada

Colaborativa

Normalmente o trabalho é fruto de um grupo de pesquisa que atuou em conjunto ou resulta de uma orientação acadêmica.

Em decorrência da multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, sendo que o trabalho em grupo faz parte do fazer na arquitetura

Projetos de pesquisa requerem trabalho colaborativo e de co-autoria

Trabalhos desenvolvidos com integrantes de grupo de estudos/pesquisa; ou em colaboração com os

Como uma colaboração.

Pelo que pude observar, a co-autoria, na maior parte dos casos se dá entre orientador e orientando. Em alguns casos como o resultado de trabalho coletivo de grupos de pesquisa.

colaboração

Geralmente enquanto colaboração entre orientador e orientandos

Não costumava ser comum, exceto em pesquisas de caráter mais técnico.

No meu caso, é comum escrever trabalhos junto com os discentes.

não sei te responder

Bem vinda e desejada

Sem problemas

não entendi a pergunta

não sei responder

15) Como se organiza a coautoria em um trabalho acadêmico? (Ex: quem se configura como 1º autor, 2º autor etc)

27 respostas

1º autor: pesquisador principal (pode ser o idealizador da pesquisa no caso de mestrado/doutorado ou o aluno pesquisador, no caso de uma iniciação científica); 2º autor: pesquisador secundário (colaborador da pesquisa) ou orientador da pesquisa mestrado/doutorado ou da IC (nesse caso seria o idealizador da pesquisa).

Primeiro autor aquele que propôs, ou que coordenou, ou que teve uma maior participação.

1 autor é o principal

De acordo com a orientação do grupo de trabalho do CNPq sobre esse assunto.

Quando o trabalho é do orientando, ele é o 1º autor.

o 1º autor é o líder do artigo, quem propõe a coautoria e que faz a edição final.

o autor principal, em seguida os colaboradores

1º - Coordenador da pesquisa, e colaboradores na sequência

1- (pesquisador) 2 (colaborador, orientador)

O primeiro faz o principal. Os demais colaboram.

nos artigos em que sou coautor por ordem alfabética

Depende de muita coisa

Por ordem de participação na produção do texto.

Em trabalho com alunos, eles são o primeiro autor e eu o segundo

O principal autor, orientando, por exemplo

Depende do tema. Se o artigo é com um orientando, o nome dele vai como primeiro autor, pois o tema tratado é seu objeto de pesquisa. Se é com o grupo de estudos , o nome do professor coordenador vai como primeiro autor.

Principal autor da pesquisa (1); pesquisadores colaboradores diretos (2); orientadores (3); colaboradores indiretos/ consultores significativos (4).

No caso de pesquisa de mestrado, o 1º autor é o orientando e o segundo autor , o orientador do trabalho.

o primeiro autor é o maior responsável pelo trabalho e assim por diante

O autor principal (1º autor) e o autor colaborador (2º autor)

A ordem indica a maior participação da autora (autor) na elaboração do artigo.

Em geral, quem poderá ir ao evento onde será publicado o trabalho, ou o interesse dos envolvidos na sua publicação.

eu coloco em ordem alfabética, mesmo entre graduandos, mestrandos e doutorandos

Na ordem da participação

O indicador do artigo a escrever

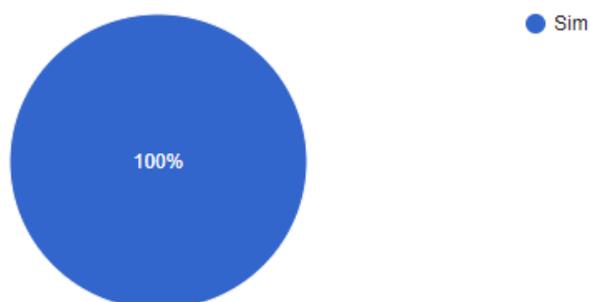
vai de mais importante ao menos importante.

fazemos alternância de autorias

ANEXO C- RESPOSTAS DOS COLABORADORES DE ARTES AO QUESTIONÁRIO (SEQUÊNCIAS DE IMAGENS -PRINT SCREEN- DO DOCUMENTO ON-LINE)

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para colaborar com a pesquisa e para a publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

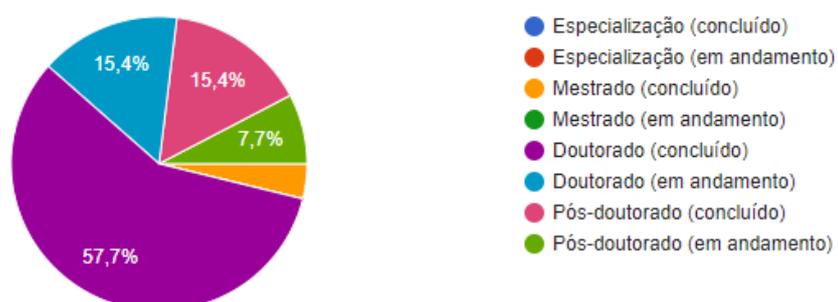
26 respostas



FORMAÇÃO ACADÊMICA E CAMPO DE ATUAÇÃO

1. Grau de escolaridade (considere o maior):

26 respostas



1) Qual o objeto geral de investigação do seu campo do conhecimento (Artes) ?

26 respostas

Relações entre cinema, artes visuais e a noção de cultura

Teatro

Formação de Professores em Artes Visuais

Aprofundar e gerar novos conhecimentos para a área

A minha atual pesquisa envolvendo aproximações poéticas e objetos tridimensionais sensíveis, considerando suas apresentações materiais e imateriais e as possíveis interações com o outro (sujeito) e com o espaço urbano.

Pedagogias da voz para o ator

Corpos e figuras nas Artes Visuais

arte brasileira da passagem do século XIX ao XX

Compreender criticamente o mundo tendo como principais "textos de referências" imagens da Arte e da cultura em geral

Identificar as relações entre dança e política

Arte e Tecnologia

o objeto geral de investigação nas poéticas visuais é o processo de trabalho em arte.

compreender experiências e processos artísticos

Metodologia da Dança

Artes Visuais - História da Arte

História da arte medieval

Gravura

Performance e dança

A relação entre quem dança e os espaços físicos possíveis para criação, composição e apresentação de cena. Interessa o estudo constante da improvisação em dança e o estudo do lugar em suas distintas características (rua, teatro, espaços alternativos, etc.) são áreas de discussões ativas juntamente com reflexões acerca do papel do artista criador em dança e seus processos criativos na contemporaneidade.

Sãos muitos os objetos possíveis, mas no meu caso específico é "O corpo em cena" e os procedimentos técnico-poéticos de criação em dança.

Explorar o potencial de construção de conhecimento da arte

Historiografia e Crítica da Arte na Amazônia e Linguagem Visual

pedagogia das artes cênicas

Práticas e processos artísticos deflagrados no entrecruzamento das artes visuais com os campos da autobiografia e da decolonialidade.

Artes plásticas e visuais

Artes Gráficas e Cultura Midiática, Artes e Tecnologias

2) Para você, o que se configura como “pesquisa científica” na sua área (Artes) ?

26 respostas

A pesquisa científica configura um esforço no sentido de um distanciamento do campo artístico, para problematizar vetores que o constituem, seja do ponto de vista das categorias conceituais, das orientações epistemológicas, de seus marcos históricos e de suas práticas.

Atualmente, uma produção cada vez mais intensa sobre trabalhos de arte, na busca de autonomia em relação às pesquisas de outras áreas artísticas e, principalmente, das ciências ditas humanas.

Investigação sobre os fundamentos teórico-epistemológicos e poéticos e seus desdobramentos sobre os sujeitos e as realidades, afetos tanto à área de artes quanto em articulação dessa com as demais áreas do conhecimento.

Investigações sobre os temas da história e da contemporaneidade, das teorias e das práticas artísticas.

Com certeza existe muita dificuldade em entender que a pesquisa em poética visual não se distancia dos parâmetros que se considera pertinentes a uma pesquisa científica, pois tende-se a considerar que processos criativos não possam ser considerados pesquisas científicas. Tenho ao longo dos anos praticado as minhas atividades de artista pesquisadora com toda a clareza e objetividade que requer uma pesquisa científica. Portanto, afirmo que partindo de procedimentos e metodologias específicas pertinentes ao campo de conhecimento ao qual trabalho, os resultados obtidos podem ser analisados e partilhados com outros artistas e pesquisadores de áreas afins, configurando-se assim, como pesquisa científica.

Aprofundamento em práticas ou teorias, registradas em diversos formatos, não necessariamente textuais.

Produção intelectual e textual em torno de processos artísticos e criação de projetos transversais

Uma pesquisa que parte da análise de documentos históricos e das obras de arte, assim como da leitura das pesquisas realizadas por outros autores, construindo reflexão crítica sobre a historiografia da arte brasileira.

Para mim há uma série de práticas de pesquisa artística que também implicam em procedimentos ditos científicos, mas que, no entanto, são ignorados em função de modelos naturalizados pelo próprio cenário acadêmico. Por exemplo, Curadoria de exposições de arte seria uma prática científica. Leitura de imagens da Arte e da cultura seria outra possibilidade. Projetos de extensão e seus meios próprios também resultam de pesquisa. Enfim, essa é uma longa discussão que eu coloquei recentemente em Pauta na VIII Reunião do Fórum de Coordenadores de Cursos de Graduação em Artes Visuais, Artes Plásticas, História da Arte e Conservação e Materiais, realizado durante o 27º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Nessa fala eu expus a ideia de criar a seguinte proposta: Criar uma "Plataforma Pública de Pesquisas Aplicadas a Processos Artísticos."

Compreender a arte como forma de conhecimento

Pesquisa em Artes não é pesquisa científica porque Arte não é Ciência. Trata-se de um campo autônomo de pesquisa: pesquisa em Artes.

Como "pesquisa científica" considero a análise das obras e processos em arte à luz da teoria da arte e da história da arte.

Uma pesquisa com método, fundamentação teórica e que dialogue com o acúmulo de conhecimento da área

A pesquisa na área de artes está muito ligada a revisões históricas, metodologias do ensino da dança e a processos criativos em dança. A maioria dos trabalhos se voltam para experiências práticas pessoais e o registro dos resultados dessas práticas.

Pesquisa de investigação de teórico-prática da produção em artes visuais, nas perspectivas estéticas, pedagógicas e históricas que visam a compreensão da produção, circulação, arquivamento e recepção da produção artística. A pesquisa é sempre transdisciplinar pois incorpora valores qualitativos de diferentes áreas de conhecimento. Criando migrações metodológicas de outras áreas. Tradicionalmente as áreas mais próximas são: filosofia (estética); educação (arte-educação); história da arte; história cultural; ciências sociais (antropologia visual, antropologia arte arte e sociologia da arte); museologia; arquitetura; comunicação e informação (no caso da arte e novas mídias).

Textos baseados em documentação iconográfica

O termo que usamos é Artistic Research ou investigação em arte. Pesquisa científica é uma perspectiva inadequada para as artes.

Produção e investigações de teoria, ou prática como pesquisa.

Pesquisas que geram reflexões abertas a discutir necessidades específicas de uma determinada área de conhecimento, ao mesmo tempo em que, atende necessidades da comunidade em geral. Geralmente uma pesquisa científica está conectada com uma rede de estudiosos envolta numa determinada área do saber e/ou com autores que entrecruzam áreas distintas do conhecimento. Costuma ter um caráter de continuidade de questões em sua natureza teórica e possibilidade de atuação em situações da prática especializada na área em que se localiza.

Arte e Ciência, a meu ver possuem muitas afinidades, e as artes muitas vezes utilizam-se de métodos científicos dentro de suas investigações - mas sinceramente, não creio que a "arte seja ciência" , mas ela pode se valer da pesquisa científica dentro de todo e qualquer procedimento de criação; ou dentro de uma organização sistemática de pensamentos concretizada em uma artigo; monografia; dissertação ou tese.

Uma pesquisa cujas questões sejam desenvolvidas a partir da arte, ou seja, que a arte seja o agente mobilizador das questões.

Aquela que obedece às normas gerais do conhecimento e da área específica, não necessariamente "duras" (Metodologias). Que traz aumentos para o conhecimento e gera outros debates e estudos.

observador participante na pesquisa

Primeiramente, é importante ressaltar que atuo na pesquisa em poéticas visuais, ou seja, trata-se de um tipo de pesquisa engendrada pelas práticas, fazeres e processos artísticos (no exterior, este tipo de pesquisa é chamado de *practice-based research*; *artistic research*; *arts-based research*). Neste tipo de pesquisa, as questões/indagações são lançadas pelos processos artísticos, ou seja, não há pesquisa se a prática artística não estiver acontecendo. Quando este tipo de pesquisa é desenvolvido no meio acadêmico (TCC, mestrado, doutorado), ela é constantemente atravessada pelas regras da pesquisa científica e por referenciais artísticos e teóricos que vão adensar, mais tarde, os processos de reflexão que culminarão na escrita da monografia, dissertação ou tese. Sendo assim, neste contexto, "pesquisa científica" em poéticas visuais pode ser compreendida como uma pesquisa que tem como ponto de partida a prática artística e como ponto de chegada o relato contextualizado e reflexão aprofundada sobre os processos e caminhos percorridos que foram sendo ativados pelas questões previamente delimitadas. Muitas vezes, nas pesquisas em poéticas visuais, a própria prática artística pode ser compreendida como a metodologia da pesquisa. Além disso, métodos qualitativos utilizados em outras áreas podem ser apropriados e adaptados caso venham a ser úteis para o desenvolvimento da prática artística no contexto acadêmico.

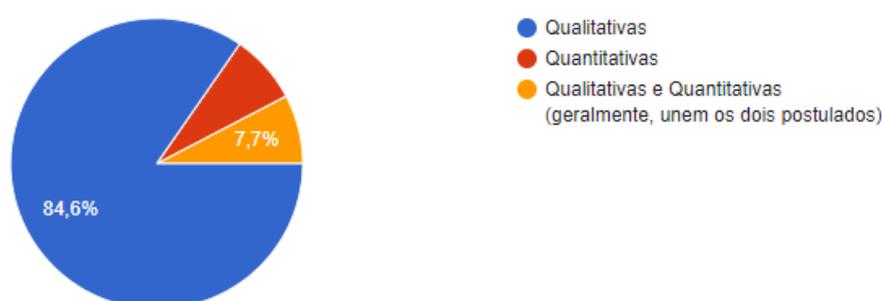
Investigação sobre a produção artística e seus autores, articulando a literatura produzida para a área (história, teoria e crítica de arte) e a reflexão sob seus resultados para o campo.

Investigação sobre a produção artística e seus autores, articulando a literatura produzida para a área (história, teoria e crítica de arte) e a reflexão sob seus resultados para o campo.

Uma pesquisa que envolve poéticas visuais ou plásticas como objeto, mas também um discurso científico em si

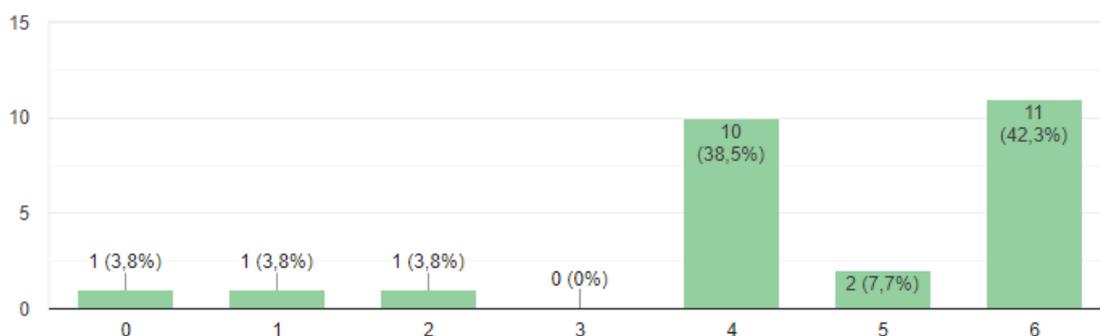
3) Você considera que as pesquisas de seu campo do conhecimento são mais:

26 respostas



6) Considerando a produção científica na pós-graduação em Artes, indique a importância valorativa do gênero "artigo científico" publicado em periódico qualis para o pesquisador (Considere o "zero" como: sem importância; e o "seis" como: muito importante)

26 respostas



7) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior:

26 respostas

A publicação de artigos em periódicos configura (ou deveria configurar) o espaço de verificação mútua das produções de pesquisadores da área. O sistema de avaliação e validação das publicações atravessa uma crise, com a desqualificação do trabalho dos avaliadores/revisores, o que resulta numa espécie de nó na cadeia de etapas que envolve a publicação em periódicos. Ainda e assim, a publicação em periódicos se mantém, na área de artes, como um espaço importante para o compartilhamento, em acesso aberto, de resultados de pesquisa.

Atualmente, já se escreve e publica, mas quase sem retorno dos pares: poucos leem o texto do outro, preocupados em produzir textos e preencher Lattes. Ainda não se conformou um ambiente de diálogo científico em nossa área. Tampouco há muitas reflexões e avanços no sentido de entender o que seria do "científico" nas artes. Se trabalha mais no plano da celebridade acadêmica erigida pela burocracia, ou seja, via de regra tem importância o pesquisador que detém alto cargo administrativo, ao invés do parâmetro ser a pesquisa em si.

Há aqui tanto a necessidade de atender às exigências normativas e reguladoras da CAPES, quanto de contribuir com o campo desde publicações relevantes e atuais.

Colabora para o conhecimento das produções tanto em poéticas visuais como em HTC, da área, na atualidade.

O artigo permite o compartilhamento de uma pesquisa em andamento e a inclusão de colaborações advindas por parte de outros pesquisadores.

Para os avaliadores a importância é 6, mas para mim, artista, pesquisadora, professora, a publicação de um artigo não é o mais importante, há também outro tipo de registro de pesquisa, inclusive a prática como pesquisa. No entanto, acabamos nos submetendo ao sistema de avaliação CAPES de qualis, em que o que mais importa são os artigos e não nossa produção artística acadêmica.

Quase ninguém lê artigos em periódicos qualis...vale mais publicar em veículos de impacto midiático do que ter produção científica, quanto mais você pensa e escreve, mais entraves em sua carreira artística encontra

Os artigos publicados em revistas científicas são importantes na medida em que abordem o tema em estudo pelo pesquisador.

Aqui está o ponto principal. O Artigo Científico é um meio consagrado, naturalizado no meio acadêmico e com comprovada eficácia. O problema é que esse meio está em descompasso com a profusão de meios contemporâneos. Pode-se fazer uma ótima pesquisa com todas as características de um artigo científico só que em outro meio como o vídeo. Ademais, há um alcance muito maior em diálogo com nosso tempo desse modo, além de possibilidades mais democráticas. Um exemplo é um TCC em Artes que eu orientei e que foi inteiramente feito com um dispositivo móvel, um celular e um programa simples de edição. Na fase final propus à estudante e à Equipe de Tradutores e Interpretes da UFSJ que fizessem uma versão em Libras. O artigo científico em vídeo, como costumo chamar esse trabalho pode ser consultado em: https://www.youtube.com/watch?v=CZYp1zI_BAU

Pode parecer algo banal tal observação, mas depois que um " professor ouvinte" como eu passa a dar aulas para alunos surdos tudo fica mais claro: há um abismo gigantesco entre nossa linguagem e a deles e um simples texto como esse que estou escrevendo sem pensar exige um esforço muito grande, quase sempre resultando em um entendimento parcial e limitado por parte desse público. O que diríamos de um texto de um artigo científico mais hermético? Não estou questionando a validade do Artigo Científico, sou inclusive uma pessoa capaz e dotada de certas facilidades para escrever, portanto, meu posicionamento é ético e também político. Artigos devem continuar a existir, mas a pesquisa pode e deve ser publicada em outros meios, em alguns casos no campo das artes e expressão em geral, muito mais adequados do que na forma textual.

Obs.: Se a presente pesquisa não for meramente quantitativa e se houver interesse da equipe em aprofundar essa discussão eu terei imenso prazer em atender-los com mais vagar.

A pressão para que se publique artigos muitas vezes leva à publicação de pesquisas ainda pouco profundas

A publicação de artigos tem sua importância, mas é também fundamental a realização e a apresentação de obras artísticas

Os artigos na área possuem sua importância como sinalizadores de percursos, pois refletem as pesquisas sendo desenvolvidas e servem como subsídios para investigações ulteriores, caso o assunto seja relevante para o pesquisador que os consulta.

idem justificativa anterior

Sendo a Arte considerada uma área de conhecimento, nós que realizamos pesquisas nessa área, temos a obrigação e a responsabilidade de divulgar os estudos e trabalhos desenvolvidos em Arte.

Na cadeia de conhecimento básico da área, Artigos e Exposições (como espaço de conhecimento) são os mais atualizados. As questões, temas e produtos inéditos são divulgados primeiro nesses gêneros.

Produção artística autoral é mais considerada para artistas do que textos teóricos.

n/a

Acredito que ainda há uma defasagem no rigor na produção acadêmica em artes. Nem sempre um Qualis assegura a complexidade do trabalho.

A área das Artes enquanto área do conhecimento na universidade precisa que os materiais estejam qualificados para que se tornem fontes de busca para os demais pesquisadores.

Os artigos são de extrema importância pela sua eficiência na divulgação das novas pesquisas na área.

A razão está ligada ao nível de exigência dos periódicos.

Projeta e implica o pesquisador no campo de conhecimento.

O artigo científico é um espaço importante de difusão de ideias de uma pesquisa em andamento, bem como espaço de resumo de uma ideia desenvolvida em uma tese ou dissertação. Ele funciona como uma carta-convite à leitura de pesquisas já acabadas ou a uma reflexão em processo sobre determinado conceito

As publicações são fundamentais para a circulação do conhecimento que está sendo produzido na área e também para o fortalecimento institucional da área de Artes como campo importante de produção de saberes e de conhecimento.

Adequação às expectativas de produção da profissão

As publicações Qualis A, em geral, não condizem com o meu estilo discursivo, mais literário, no que diz respeito a estrutura tradicional requisitada para artigos acadêmicos; as publicações Qualis A em Artes são muito poucas; a qualificação não contribui para com a divulgação da pesquisa em termos de contrapartida social; tampouco respeita a diversidade proposta pelo discurso poético, apoiado em métodos como o ABR (Arts Based Research), A/R/Tography entre outros.

8) Quando você escreve um artigo acadêmico-científico, quais seções, geralmente, compõem seu texto? (Ex: resumo, introdução, metodologia etc).

26 respostas

resumo, abstract, introdução, subtópicos da discussão, conclusão, referências.

Resumo, Introdução, metodologia, referencial teórico, desenvolvimento e considerações finais.

Resumo, introdução, fundamentação teórico-epistemológica, revisão de literatura, metodologia, resultados e discussões, considerações finais, referências

Metodologia

Resumo, introdução, resultados parciais (dados levantados, aspectos relevantes abordados, metodologia) e análise conclusiva parcial e referências bibliográficas.

Resumo, introdução, metodologia, desenvolvimento da ideia em diálogo com referências.

Escrevo de acordo com as normas da revista para qual sou obrigada a publicar (meu PPG exige 6 artigos qualis em extratos superiores por quadriênio)

resumo, apresentação da questão, argumentação apresentando indícios que corroborem a ideia que quero defender, análise das fontes consultadas, conclusão.

O fato de ser uma pessoa do campo das artes não me faz um ser/pesquisador diferente. Meu posicionamento político e ético não me impede de, quando eu quero, me adequar ao sistema vigente. Essa adequação é necessária em alguns casos mas não deixo de me posicionar de maneira crítica por isso. Um exemplo de um texto que exigiu pesquisa razoável da minha parte pode ser lido em:

<https://www.geledes.org.br/corpo-cor-e-alteridade/>

E a tese que foi definida pelo historiador Jorge Coli, membro da banca, como uma tese ensaísta pode ser conferida em:

<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/132181/000853009.pdf>

Da mesma tese foi publicado em versão bilingue o seguinte livro:

<https://www.arsetvita.com/product-page/o-que-há-de-humano-em-nós>

Resumo, introdução, desenvolvimento e considerações finais

É variável e não fixo, de acordo com o conteúdo específico.

[resumo; introdução; desenvolvimento, considerações finais]

resumo, introdução, metodologia, desenvolvimento, conclusão

Resumo/Abstract, introdução (apresentando as motivações e o objetivo da pesquisa), metodologia, bases teóricas que discutem o tema, resultados obtidos e as referências.

Resumo, Introdução ou Problema, Metodologia, Desenvolvimento e Considerações finais.

Artigo normalmente tem introdução um corpo de texto principal e conclusão. Em torno de 10 a 15 laudas.

n/a

Para revista, seguindo as normas ativas do periódico. Autoria, palavras chave, resumo. Introdução, metodologia, desenvolvimento e conclusão.

Resumo, introdução, desenvolvimento (demarcação da questão a se discutir, abordagem metodológica junto aos principais conceitos escolhidos, descrição e entrelaçamento de trecho prático relacionado à discussão teórica. principais ideias finais). conclusões. referências bibliográficas.

discussão teórica, principais ideias finais), conclusões, referências bibliográficas.

Resumo; abstract; Introdução (mas nem sempre a nomeio assim); Desenvolvimento do texto; Considerações Finais (mas nem sempre a nomeio assim); Referências Bibliográficas

Resumo, palavras-chave, tópicos do artigo.

Geralmente considero todos que contribuam para a compreensão do que escrevo.

Resumo, introdução, desenvolvimento, conclusão

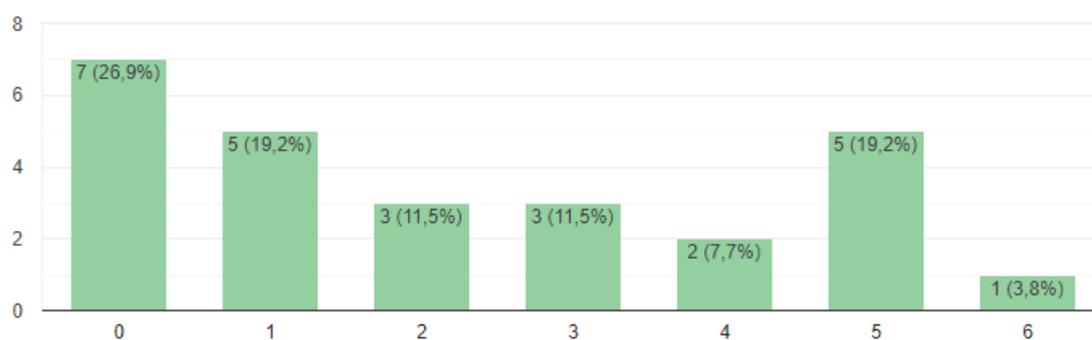
Resumo, Abstract, Introdução, Desenvolvimento (dividido em subcapítulos e com lugar reservado para imagens com bom tamanho, identificadas corretamente e com boa qualidade), Considerações Finais, Referências.

Segue o modelo padrão, com resumo, introdução, metodologia, revisão bibliográfica, desenvolvimento etc.

Obedeço a essas seções, mas prefiro não realizá-lo de forma estruturada, mas desconstruída.

11) Qual seu nível de facilidade/dificuldade em relação à elaboração de um artigo acadêmico-científico? (Considere o "zero" como: sem dificuldade; e o "seis" como: muita dificuldade)

26 respostas



12) Por favor, justifique sua resposta da questão anterior:

26 respostas

Cada artigo pressupõe um conjunto de desafios a serem enfrentados e, portanto, não há nenhuma situação que possa ser considerada "sem dificuldade".

O volume de produção faz com que minha produção textual seja uma prática quase diária. Logo, deixou de ser difícil escrever um artigo.

As referências da produção científico-acadêmica na área de artes, no Brasil, ainda são pouco abrangentes, em especial sobre a formação de professores.

Já não encontro mais tanta dificuldade, devido à experiência que adquiri ao longo dos anos.

Pratico a escrita, pensamento teórico, concomitantemente ao processo prático poético.

Provenho da prática, e as formas em que pesquisamos pelo meio da prática, nem sempre se adaptam a depois virarem artigos.

Seguir um padrão de artigo científico é tomar um modelo de desenvolvimento argutivo o qual basta sintetizar os pontos tradicionais do projeto de pesquisa. Escrever ensaisticamente é pensar com os autores que nos atravessam. Outros tipo de artigo, que sejam revisão de literatura ou tratem de obras de arte, são escritos de acordo com fluxos de pensamento e contraposições de nossas próprias perspectivas.

Necessito de bastante tempo para redigir um artigo científico, pois ao escrevê-lo, faço inúmeras revisões no texto até achar o tom exato para que a leitura se torne fluente, clara e interessante.

Como eu disse, escrever tornou-se uma rotina na minha vida e costumo dizer que me adequaria fácil ao sistema. Perguntam-me então porque eu não transformo os ensaios da tese em artigos, porque não picoto a tese e publico? Porque não sinto desejo por isso. Esperei dois anos para receber um parecer de publicação de livro pela Editora Unesp, a maior editora universitária do Brasil. O parecer foi positivo pelo parecerista, mas foi barrado pelo editor chefe sob a alegação de que a extensão do meu ensaio não justificava a publicação de um livro, que eu poderia publicar em uma revista científica. Perdi completamente o interesse por essa justificativa, pois o que costumo me perguntar, principalmente depois de ter participado de alguns congressos é: Quem lê uma revista Qualis A1? Na última comunicação que fiz haviam 7 pessoas. Eu, dois monitores e mais quatro estudantes, por acaso, estudantes que iriam apresentar as suas comunicações. O que a Universidade ainda não percebeu é que criou um ciclo vicioso que redundava em si mesma. A pesquisa é importante, indispensável, claro, mas os limites dos meios para divulgar essa pesquisa - artigos científicos, congressos pagos, etc, estão evidenciando a falência do próprio sistema. Sinto-me deprimido em uma sala com menos de 30 pessoas...

Escrever nunca é fácil

estou acostumada a escrever artigos

É sempre difícil abordar o próprio processo de trabalho ou mesmo o processo de trabalho de outros artistas.

há sempre alguma dificuldade

Tudo é uma questão de prática e de encontrar publicações que aceitem o artigo que produzimos. O que acho mais difícil é encaixar o tema pesquisado e o artigo desenvolvido dentro das linhas estabelecidas nas revistas especializadas em arte.

A área de artes já possui paradigmas de artigo acadêmico-científico para áreas como arte educação, história da arte, teoria da arte, entre outras subáreas. Reconheço, todavia, que colegas da produção poética encontram dificuldades de adequar suas propostas metodológicas a liturgia acadêmica convencional. Não é o meu caso.

Gosto de reler muitas vezes e de contar com 3 a 4 semanas do início até a finalização.

Os pressupostos da escrita científica tornam a atividade pouco prazerosa

Não entendi a pergunta. Escrever, no caso é parte do processo. Pode ser fácil ou difícil, mas é artesanato, pede tempo, concentração. Não há mágica na escrita.

Um artigo científico requer síntese de ideias, reunião de autores e, ao mesmo tempo, uma lógica de trabalho muito diferenciada daquela de elaborar uma aula ou redigir um texto técnico como um ofício ou um parecer avaliativo. Dessa maneira, considera-se que há uma linha de pesamento sendo gravada que servirá como fonte de pesquisa para outras pessoas. Por isso, não considero fácil.

Embora seja encantador o desafio de transpor em escrita uma pesquisa em artes cênicas, o papel, a palavra nunca conseguirá conter em sua completude o acontecimento cênico, deixando-nos sempre a sensação de certa "injustiça" e "incompletude" em relação ao que fora de fato vivenciado ao longo de toda a investigação.

Habituei-me a visualizar o artigo a partir de uma organização básica.

Não tenho grandes dificuldades, a não ser confiar na auto correção.

Tenho pouca dificuldade por já ter escrito alguns artigos. Acredito que quanto mais se escreve, menos dificuldade se tem. A escrita precisa ser trabalhada. Um artigo tem que ter foco. É início, meio e fim em poucas páginas.

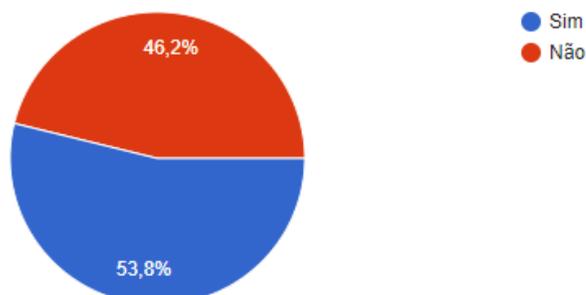
Em termos de estrutura, não tenho problemas em sistematizar as ideias e estruturá-las no formato de artigo científico. A minha maior dificuldade é lidar com a falta de tempo para aprofundar fazeres e reflexões, bem como com a quantidade de tarefas exigidas atualmente no exercício da docência, pesquisa, extensão e gestão universitárias.

Experiência.

Não tenho nenhuma dificuldade em escrever. Inclusive tenho paixão pela escrita (incluindo a acadêmica). Minha dificuldade (1) refere-se mais ao meu estilo, que desobedece formatações demasiado rígidas, inadequadas, a meu ver, com a pesquisa em artes cujos enunciados necessitariam, para melhor expressão, produzir-se por meio do poético. Ainda assim, embora assumindo essa posição crítica, respeito e entendo a necessidade das normas aplicadas a esse gênero de discurso.

13) A coautoria é uma prática acadêmica comum em sua área de conhecimento?

26 respostas



14) Como a coautoria de um trabalho acadêmico é entendida em sua área de pesquisa?

26 respostas

Quando o assunto abordado resulte de reflexões compartilhadas, e o texto seja produzido também de modo compartilhado.

Na verdade, a resposta seria sim e não. Alguns escrevem tanto com orientandos quanto com colegas da área. Mas, outros pesquisadores entendem a si e a suas reflexões como "referências únicas" não passíveis de compartilhar suas ideias num artigo.

A produção em artes visuais é, de modo inerente, individual. Essa perspectiva da individualidade desdobra-se para o âmbito da produção escrita. Por outro lado, não percebo resistência dos colegas sobre a possibilidade de coautoria.

Não tenho conhecimento suficiente sobre o tema.

Na realidade não saberia lhe informar absoluta clareza esta questão. Mas vejo que a coautoria só deve ocorrer quando realmente existe uma parceria durante a pesquisa realizada.

Geralmente se dá entre um orientador e um orientando ou um grupo de pesquisa.

Como obrigação do orientando publicar. Para mim é o triplo de trabalho, ter que resolver problemas de escrita e expressão de orientandos. Estes agora são obrigados a publicar para terem o título, então, estou deixando de escrever meus próprios textos para me dedicar aos deles, o que está se tornando um pesadelo.

Ainda não é muito utilizada... Não temos o hábito de redigir em equipe. Por vezes, a coautoria de um orientador com seu orientando pode ser vista com certa desconfiança. Talvez isso deva ser revisto.

Não é entendida, por isso ocorre esporadicamente. Tentei coordenar um grupo de pesquisa que irei desativar em breve. Articulei tudo, cheguei mesmo a enviar um tema comum para ser trabalhado coletivamente com uma introdução. Nada ocorreu, nada. Coautoria, quando ocorre é pela via da colaboração entre professor orientador e estudante pesquisador.

Acredito que é bem aceita por demonstrar troca de conhecimento e olhares. E devido à multiplicidade de visões, o texto se complexifica

Como adequada, quando pertinente. Há pesquisas em Artes que são naturalmente coletivas e interdisciplinares.

A coautoria não se configura em uma prática corrente na pesquisa em artes, principalmente nas poéticas visuais, dada a especificidade de seu objeto de estudo.

como co-autoria

A coautoria pode ser quando dois pesquisadores docentes realizam uma pesquisa juntos, assim como, coautorias em artigos escritos entre docentes e discentes. No momento, estou trabalhando em um artigo onde relato o processo criativo de um espetáculo de dança e tenho como colaborador/coautor o diretor do espetáculo. Será um artigo onde a direção e a intérprete-criadora apresentarão seus pontos de vista e suas atuações sobre o processo criativo do espetáculo.

Quando o projeto de pesquisa é comum e parte de bases comuns. A condição de primeiro autor, segundo autor, terceiro autor ... et all é rara. Só escrevo e publico em coautoria quando o projeto de pesquisa é compartilhado desde o princípio. Parcerias tangencias não me usuais.

Colaboração de dois ou mais autores.

n/a

Acho que ainda de modo honesto. Quem Participou de fato da escrita assina.

A coautoria é uma possibilidade de partilhar pensamentos e/ou também compartilhar ideias sobre uma mesma experiência. Significa que mais um ator esteve debruçado sobre uma atividade de refletir e escrever sobre um mesmo assunto.

É algo natural, visto que geralmente os orientadores estão como co-autores dos trabalhos de seus orientandos; ou que alguns grupos e coletivos de fato vivenciam de maneira conjunta os processos de criação e escrita.

Nunca pensei sobre isso, mas acredito que no campo das artes (talvez até mesmo das ciências humanas), um forte peso da autoria.

Bem, Vinda, pois ajuda a iniciação científica de graduandos, mestrandos e doutorandos.

Não posso responder pela área (não saberia responder), mas eu entendo como um compartilhamento de autoria. Os nomes aparecem no artigo seguidos de um mini currículo de cada autor

No caso da pesquisa em poéticas visuais vejo duas possibilidades principais: a)coautoria entre orientadora e orientandas/os; b) coletivos de arte que produzem pesquisa acadêmica de forma colaborativa e, portanto, desenvolvem a prática, a pesquisa e a escrita colaborativamente.

Praticamente não trabalhamos em co-autoria, com exceção dos projetos curatoriais.

Não faço ideia. Eu costumo praticá-la com meus alunos, porque aprecio a produção coletiva.

15) Como se organiza a coautoria em um trabalho acadêmico? (Ex: quem se configura como 1º autor, 2º autor etc)

26 respostas

O primeiro autor é o principal responsável ou pelo projeto, ou pela escrita, no sentido de assegurar a articulação dos principais conceitos e assuntos tratados.

Por ordem alfabética de último sobrenome.

Em geral, o 1º autor é o responsável pela pesquisa em suas etapas de delineamento metodológico, execução dos procedimentos e análise e discussão de resultados. O segundo autor atua na produção conjunta, com o primeiro autor, das bases teóricas e revisão de literatura.

Não possuo conhecimento suficiente sobre o tema.

Normalmente o 1º autor é o coordenador da pesquisa ou quem propôs a questão a ser publicada. E, normalmente é quem desenvolve a maior parte do texto, sendo os demais autores colaboradores da questão.

Geralmente o de maior titulação ou por ordem alfabética.

Em geral, o orientador.

O primeiro autor deve ser o que mais trabalhou na pesquisa e no texto, seguido dos autores que colaboraram com ele.

Penso que isso ocorra como em qualquer outra área, mas não sou um bom exemplo.

Não há uma regra. Geralmente por ordem alfabética

O maior contribuinte eu autor principal é o 1º e, subsequentemente.

não cabe resposta.

depende da responsabilidade sobre o artigo

No caso de artigos que são elaborados como TCC, o aluno é o primeiro autor e o orientador é o segundo autor. No artigo que estou elaborando sobre o processo criativo de um espetáculo de dança, a intérprete criadora é o primeiro autor e a direção será o segundo autor.

De modo convencional: o primeiro autor é o coordenador do projeto, e a hierarquização é decrescente.

Não sei. Nunca escrevi artigos em conjunto.

n/a

No meu grupo organizamos por responsabilidade na ideia. 1o. Autor, segundo autor se orientador participou das correções, colegas que colaboraram na sequência.

Existem organizações diferentes dependendo do contexto em que o artigo está inserido. Em determinados contextos, o primeiro autor é um professor orientador e o segundo autor é um aluno orientando de pesquisa científica. Em outros contextos, o primeiro autor tem uma participação igual ao do segundo autor, sendo dois professores, ou dois pesquisadores independentes que resolveram escrever um só artigo.

Normalmente o primeiro autor é o discente e o segundo autor o professor orientador

Não sei.

Depende de quem é o proponente ou da extensão do domínio no assunto.

Acredito que o primeiro autor seja o professor e o segundo autor seja o aluno quando a parceria da escrita é realizada entre professor e aluno. No entanto, já publiquei artigo com aluno e não apareceu essa distinção na publicação. Já publiquei com outras colegas e também não apareceu nenhuma hierarquia de autoria na publicação

No caso de orientadoras/es e orientandas/os, existe um entendimento geral de que o orientador é o primeiro autor. No entanto, no caso da pesquisa em poéticas visuais, eu discordo de tal disposição, uma vez que a pesquisa se baseia principalmente da prática artística que é desenvolvida pela/o orientanda/o. O orientador aqui funciona mais como um interlocutor, não como autor. No caso de coletivos de arte que desenvolvem uma pesquisa juntos, fica a critério das/dos artistas decidirem.

Autor é aquele que escolhe o tema e estabelece as premissas teóricas e metodológicas. O segundo autor, no caso de um trabalho acadêmico, pode ser um colega que participa da pesquisa ou o professor orientador.

Não aplico esse tipo de hierarquia.